



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
Faculdade de Educação Física

BRUNA RAFAELA ESPORTA FERNANDES

**O PARODOXO ESTÁ EM JOGO:  
AS REPRESENTAÇÕES DA MÍDIA IMPRESSA SOBRE A SELEÇÃO  
BRASILEIRA FEMININA DE FUTEBOL NA DÉCADA DE 1990**

CAMPINAS  
2019

BRUNA RAFAELA ESPORTA FERNANDES

**O PARODOXO ESTÁ EM JOGO: AS REPRESENTAÇÕES DA MÍDIA IMPRESSA  
SOBRE A SELEÇÃO BRASILEIRA FEMININA DE FUTEBOL NA DÉCADA DE  
1990**

*Dissertação apresentada à Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Mestra em Educação Física, na Área de Educação Física e Sociedade.*

**Orientador:** Prof. Dr. Edivaldo Góis Junior

ESTE TRABALHO CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELA ALUNA BRUNA RAFAELA ESPORTA FERNANDES, ORIENTADA PELO PROF. DR. EDIVALDO GÓIS JUNIOR.

CAMPINAS  
2019

**Agência(s) de fomento e nº de processo(s):** CAPES, 01-P-1870/2016.

Ficha catalográfica  
Universidade Estadual de Campinas  
Biblioteca da Faculdade de Educação Física  
Dulce Inês Leocádio - CRB 8/4991

Fernandes, Bruna Rafaela Esporta, 1987-  
F391p O paradoxo está em jogo : as representações da mídia impressa sobre a seleção brasileira feminina de futebol na década de 1990 / Bruna Rafaela Esporta Fernandes. – Campinas, SP : [s.n.], 2019.  
Orientador: Edivaldo Góis Junior.  
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física.  
1. Futebol para mulheres. 2. Estudo das mulheres - História. 3. Representações. 4. Imprensa. I. Góis Junior, Edivaldo. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

**Titulo em outro idioma:** The paradox is at stake: the representations of the printed media about the Brazilian women's soccer team in the 1990s

**Palavras-chave em inglês:**

Football for women

Women's study - History

Representations

Press

**Área de concentração:** Educação Física e Sociedade

**Titulação:** Mestra em Educação Física

**Banca examinadora:**

Edivaldo Góis Junior [Orientador]

Helena Altmann

Ludmila Nunes Mourão

**Data de defesa:** 28-02-2019

**Programa de Pós-Graduação:** Educação Física

**Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)**

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0002-7591-454X>
- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/4566201218431832>

## **COMISSÃO EXAMINADORA<sup>1</sup>**

Prof. Dr. Edivaldo Góis Junior

**Orientador**

Profa. Dra. Helena Altmann

**Membro titular da banca**

Profa. Dra. Ludmila Nunes Mourão

**Membro titular da banca**

---

<sup>1</sup> A ata da Defesa, assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no Sistema de Gestão Acadêmica – SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese da Unicamp e na Secretaria do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação Física – FEF/Unicamp.

## **DEDICATÓRIA**

À Joana Marques Esporta, *in memorian*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiro, pelo chute, o chute discursivo daquelas pessoas que me chamaram de sapata, não só ao jogar futebol, mas também na vida. Sem elas, a insistência não seria contínua. Agradeço pela transgressão e resiliência causadas no pensamento. Certamente, me fizeram mais forte! Faço neste parágrafo uma analogia ao trabalho de Rodrigo Braga do Couto Rosa, tal autor me fez repensar a escrita.

Agradeço, de maneira admirável, à Simone Malfatti Ganade Ide, secretária da pós-graduação da FEF-Unicamp. Simone, o que seríamos de nós, pós-graduandas e pós-graduandos, sem o seu suporte? Seguramente você é parte fundamental desta dissertação.

À minha família agradeço imensamente, em especial meu pai Vilmar, minha mãe Ester e meu irmão André, sempre presentes de alguma forma. Sem eles tudo seria ainda mais difícil. À minha vó, mais conhecida como Vó Joana, faço um agradecimento particular. Com ela aprendi, acredito que inconscientemente, a trilhar os caminhos que eu quisesse ou mesmo que eu nem imaginava para mim. Foi incrivelmente prazeroso dividir parte da minha vida com esta pessoa audaciosa.

Ao Professor, como assim gosto de chamar aqueles e aquelas que considero mestres mestras, mais conhecido como Edivaldo Góis Junior, e que tempos depois passou a ser Edivaldo. Edivaldo, que acreditou em mim sem me conhecer e me proporcionou esta oportunidade fascinante. Suas críticas e seu olhar minucioso no início e no decorrer da pesquisa me fizeram ultrapassar limites do letramento que eu nem mesmo esperava. Ele me revelava o que era estar no mundo acadêmico. Com Edivaldo também conheci o grupo Corpo e Educação, grupo que foi de uma generosidade imensa comigo. Agradeço-lhes pelo acolhimento e por me propiciarem belíssimas discussões.

Agradeço com considerável admiração aquela que resistiu até o último minuto em procurar, pelas longas e também curtas conversas, sempre aconchegantes. Mesmo de longe, me impulsionou a vôos mais altos com seus pareceres ora inquietos e repreensivos, ora apreciativos e prestigiosos sobre este trabalho. Evelise Amgarten Quitzau, como agradecer à você? Eu ganhava uma pessoa esplêndida e uma amiga.

À estimada Professora Cáthia Alves, devo a ela a conversa que meu abriu os olhos para a pós-graduação e para a Universidade Pública. Professora, você fez toda a diferença nesse processo. Agradeço ainda às Professoras Silvia Cristina Franco Amaral e Olívia Cristina Ferreira Ribeiro, que conheci por intermédio, ainda que virtual, da Professora Cáthia. Cáthia e Silvia aliás, se tornaram, além de minhas mestras, também amigas. Obrigada, Sílvia, pelos

futebóis, pelos bares e conversas cotidianas. Um especial agradecimento ao primeiro grupo de estudos de que pude participar na Unicamp, Políticas Públicas e Lazer, em que fui recebida de braços abertos.

Às Professoras Helena Altmann, Ludmila Mourão e Margareth Rago que me propiciaram olhar além do visível.

Às amizades feitas ao longo desse período, especialmente Gabriela e Simone. À Gabi, agradeço, sobretudo, aos nossos diálogos calorosos, aos abraços apertados e ao nosso existir.

À Florence por ter feito dos meus dias extenuantes poesia.

Às jogadoras e mulheres que causaram, provocaram, tiveram, resistiram e fizeram parte dessa história. Meu muito obrigada!

À CAPES e seus 24 meses ininterruptos de bolsa, pela primeira vez tive a oportunidade de estudar, ganhar para isso e trabalhar com uma das coisas que não sabia que tanto já gostava, a pesquisa.

Por fim, a todas e todos que possam ter me tornado fonte de existência para realização de uma das coisas que considero mais belas na vida, a arte da escrita.

**O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES) – Código de Financimento 001.**

## **RESUMO**

Apontar que o futebol feminino provocou e ainda provoca transformações no mundo das mulheres esportistas é percebê-lo como um dos mais importantes esportes para contextualizar uma história de resistência das mulheres. Compreender a trajetória inicial da seleção brasileira é entender como se delineavam as relações existentes entre homens e mulheres não só dentro, mas também fora futebol, é enfatizar sobretudo que esse meio se configurava como um campo de lutas por um espaço bem demarcado. Problematizar se a mídia impressa contribuiu ou não para consolidação dessa seleção é parte significativa para se construir uma história das mulheres a partir desse esporte; é reconhecer, também, que as mulheres — jogadoras e praticantes de futebol — foram significadas e ressignificadas, tanto por elas mesmas quanto pela mídia. A década de 1990, reveladora de muitas transformações para o Brasil, tinha nesse tipo de imprensa um dos maiores meios para exposição dos esportes. Assim, o objetivo desta pesquisa é analisar e problematizar as representações da mídia impressa sobre o futebol de mulheres, tendo como ponto central a seleção brasileira feminina de futebol dessa década, empreendendo em compreender quais os sentidos e significados dessas representações que deram vida aos discursos, imagens e aos olhares. Aborda-se essa temática a partir da História Cultural, tomando como marco teórico o conceito de representação proposto por Roger Chartier. Utiliza-se como fonte para a realização desta dissertação os periódicos *O Estado de S. Paulo*, o *Jornal do Brasil* e *O Fluminense* publicados nos anos 1990, o primeiro obtido em seu acervo digital e os dois últimos obtidos por meio da Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

**Palavras-chave:** futebol feminino, futebol de mulheres, história das mulheres, representações, imprensa.

## **ABSTRACT**

Indicating that women's soccer has caused (and still causes) changes in the world of women athletes is comprehending it as one of the most important sports for contextualizing a history of women's resilience. Comprehending the initial story of the Brazilian national team means perceiving how the relation between men and women were shaped, not only within the world of soccer, but also in other contexts, emphasizing especially this milieu conformed a deeply marked field of struggles. The problematization of whether or not printed media contributed to the consolidation of this national team is substancial in order to write a history of women in this sport; it also means recognizing that women who played football — whether officialy or as a hobby — were determined and redetermined both by themselves and by printed media, which was one of the main means of communication about sports during the 1990's. Thus, the goal of this research is to analize and problematize the representation of women's football in printed media, taking as key point the national women's soccer team of this decade. By doing so, we try to comprehend the meanings of these representations, which generated discourses, images and perspectives. We approach this subject based on the theoretical assumptions of Cultural History and the concept of representation proposed by Roger Chartier. The sources are the newspapers *O Estado de S. Paulo*, *Jornal do Brasil* and *O Fluminense*, all published in the 1990's. The first one was accessed through its digital archive, whereas the other ones were accessed via the digital archives of the Brazilian National Library.

**Palavras-chave:** women's football, women's soccer, women's history, representation, press.

## **LISTA DE FIGURAS**

<b>Figura 1</b> EUA vencem de 5 a 0 e Brasil entra em crise.....	61
<b>Figura 2</b> Garotas boas de bola estão na semifinal. ....	63
<b>Figura 3</b> Mulheres vingam Seleção de Zagalo. ....	78
<b>Figura 4</b> Moças ajudam no crescimento da popularidade do futebol nos EUA. ....	82
<b>Figura 5</b> Seleção feminina tem 16 do Rio. ....	87
<b>Figura 6</b> Moças e meninos saem na frente. ....	88
<b>Figura 7</b> Seleção feminina vai jogar no Espírito Santo. ....	89
<b>Figura 8</b> Brasil estréia contra Bolívia em Uberlândia .....	89
<b>Figura 9</b> Brasileiras só pensam no Mundial de futebol. ....	90
<b>Figura 10</b> Seleção entusiasma Zé Duarte. ....	91
<b>Figura 11</b> Meninas ganham da Ucrânia por 7 a 0.....	92
<b>Figura 12</b> Meninas do Brasil são temidas. ....	93
<b>Figura 13</b> Futebol polonês pode ter comando feminino .....	94
<b>Figura 14</b> Seleção luta para superar o preconceito.....	95

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

<b>CBD</b>	Confederação Brasileira de Desportos
<b>CBF</b>	Confederação Brasileira de Futebol
<b>FIFA</b>	Fédération Internationale de Football Association
<b>UOL</b>	Universo Online

## **SUMÁRIO**

INTRODUÇÃO .....	13
Deslocando aberturas de uma pesquisa. Convocação! .....	30
1 FUTEBOL, MULHERES E GÊNERO .....	32
1.1 Mulheres belas, belas mulheres e a comparação com o futebol masculino.....	33
1.2 “Homossexualismo”, existe <i>sapatão</i> no futebol?.....	46
2. O COMPLEXO DE VIRA-LATAS .....	54
2.1 O complexo de vira-latas na seleção feminina .....	56
2.2 Entre a vulnerabilidade e a excelência das mulheres brasileiras no futebol.....	65
3 O SILENCIO NAS FONTES .....	69
3.1 Narrativas que silenciam .....	70
3.2 Omissão e (in) visibilidade para o futebol feminino? .....	85
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	98
5 REFERÊNCIAS.....	101
5.1 Bibliográficas .....	101
5.2 Fontes .....	104

## INTRODUÇÃO

Ao tentar lembrar da prática do futebol na infância, na adolescência e ainda na fase adulta — hoje não mais, mas no início dessa fase —, as recordações constantes sobre estar nos lugares — rua, escola, campo e quadra — para praticar esse esporte são: xingamentos, ofensas, constrangimentos, não apoio, preconceito, vergonha... Entretanto, ocorre também: a possibilidade da prática com meninos por ter habilidade, “respeito” dos pares nos espaços que jogava, tolerância e confiança. Essa dualidade envolvia o futebol jogado naqueles anos 1990 e 2000, uma prática realmente envolvente. A nuvem de emoções que me cativava sem qualquer explicação convicente.

Habilidosa, mas sapatão, o adjetivo nunca poderia vir sozinho. Foi assim, desde o princípio da prática do futebol que se iniciavam as inquietações desta autora com esse esporte. A tentativa era entender o incompreensível. Tais indagações surgem do porquê, na sua visão, o futebol feminino era tão desvalorizado no país. Que diferenças haviam para que meninos pudessem praticar e meninas não, se quando tinham habilidade e talento, elas acabavam participando? Existiam maneiras de amenizar as discriminações existentes? Depois de já ter feito uma tentativa de estudar um pouco disso, outra pergunta surgia como um adendo para essas outras: afinal, por que essas mulheres pouco estavam na história do esporte?

Assim, essa aproximação com o objeto de estudo trazia sentimentos próprios para dentro da pesquisa, e foi somente após seu início que certo distanciamento iria acontecer. O espaço a ser dado viria especialmente do olhar criterioso do orientador, contribuindo para refletir sobre esse futebol e essas mulheres que o jogavam. Pensar no futebol feminino como um mártir era a primeira coisa que ocorria, porque a memória, caras (os) leitoras (es), muitas vezes nos ilude. Ela prefere trazer apenas o sofrimento sem recordar que houve boas lembranças. Se há de contar uma história, que seja para mostrar ao máximo todos os lados, se existiram impedimentos, barreiras e percalços no futebol de mulheres também existiram companheirismos, êxitos e triunfos. E é essa complexa história que se tentou problematizar.

“O futebol no Brasil é considerado uma paixão nacional”. Esta expressão é comumente ouvida no cotidiano brasileiro, entretanto é indispensável elucidar a qual futebol se referem ao utilizá-la. No Brasil, não é exagero afirmar que ela é automaticamente relacionada ao futebol praticado por homens. Em nosso país, esta modalidade se manteve como um espaço construído social e historicamente por eles e para eles: a entrada das mulheres no meio futebolístico foi e ainda é fomentadora de inúmeras contradições, discussões, percepções, silenciamentos, subversões e, sobretudo, resistências.

Construir, então, uma história do **futebol de mulheres** ou do **futebol feminino** no Brasil a partir de um olhar direcionado à sua seleção nacional é, no mínimo, uma tarefa provocadora nesse ambiente que pouco cedeu e ainda pouco cede espaço às mulheres.

Ceder, provocar, resistir, afrontar, são algumas das palavras que constituíram e ainda constituem as narrativas sobre o **futebol feminino** no Brasil. Expressões e terminologias também são requisitos que fazem parte dessa construção e que às vezes passam despercebidos por quem os utiliza. Foi nessa perspectiva que surgiu um dos primeiros questionamentos apontamentos em relação à essa pesquisa. Enfatiza-se esse fato como fundamental para que os grifos nas palavras apresentadas acima eclodissem. Mas, o que elas representam ou representaram?

Durante o/ao longo do/no decorrer do processo de produção desta dissertação, mais especificamente no momento da qualificação, um dos questionamentos centrais da banca se deu em função da utilização terminológica — futebol feminino e futebol de mulheres —, que, aliás, atravessa esse trabalho e é discussão ainda em voga para versar sobre esse esporte. Incitada por tal indagação, criava-se mais um desafio que abriria caminho para novas percepções a respeito desse futebol e das mulheres que o praticavam.

Em relação a essa temática, Cláudia Samuel Kessler propôs:

Em minhas recentes produções acadêmicas, tenho utilizado a expressão “futebol de mulheres” com o intuito de trazer à tona a reflexão sobre a feminilidade que se deseja que as mulheres apresentem dentro do campo esportivo. A utilização da expressão “feminina” carrega referências ligadas à sexualidade e à feminilidade normativamente impostas. Quando se fala em “futebol feminino” a expressão “feminino” me parece de uma forma invisibilizar as constantes imposições da performance “masculina” como norma na preparação e concepção do futebol praticado pelas mulheres. A diversidade de expressões, as diversas feminilidades existentes parecem ser reduzidas, uniformizadas e invisibilizadas. “Futebol feminino” parece ser uma expressão de possível emprego quando ao feminino forem associadas as características vencedoras das performances masculinas. A utilização da expressão “de mulheres” também proporciona uma reflexão à corriqueira utilização da expressão “meninas”, frequentemente utilizada como referência às mulheres no esporte, fragilizando-as como ídolos esportivos, referenciando-as como crianças, meninas, moças. Os ideais de beleza, ligados à juventude em contraposição à experiência ou velhice, também trazem a ideia de alguém que necessita de orientação, pois ainda carece de experiência. Em parte, talvez se possa associar esta ideia ao ingresso tardio das mulheres no futebol (KESSLER, 2012, p. 240 e 241).

Kessler, a partir da expressão “feminino”, expõe alguns pontos que perpassam não só o futebol, mas os esportes praticados pelas mulheres. A autora discorre brevemente sobre a questão da sexualidade, os ideais de beleza hegemonicamente impostos até a fragilização

relacionada a elas. Porém, ainda que esta pesquisa corrobore com o pensamento da autora, utilizar-se-á ao longo do texto tanto a expressão e/ou terminologia “futebol feminino” quanto “futebol de mulheres”. A propósito, futebol feminino é a denominação utilizada pela Fédération Internationale de Football Association (FIFA) e pelas instituições afiliadas a ela, sendo usada recorrentemente na década de 1990 e mesmo na atualidade. Ao que tudo indica, seria um anacronismo escolher trabalhar com apenas uma delas.

Para além da primeira razão exposta, opta-se aqui por um jogo entre essas terminologias e/ou expressões. Sugere-se que tanto a palavra “feminino” quanto a palavra “mulheres” ainda carrega certa sexualidade, o que não resguarda nem uma nem outra. Se no presente isso está sendo paulatinamente modificado, naquele decênio foi potencializado. Fortalecer o uso das duas como algo positivo poderia se concretizar em uma possibilidade de novas interpretações. Além disso, tanto “feminino” quanto “mulheres” carregam consigo as várias feminilidades, os vários femininos e masculinos, mas essa diversidade deve ser demarcada e apropriada adequadamente. Portanto, assume-se aqui o risco de utilizar-se ao longo do texto das expressões futebol feminino e futebol de mulheres, priorizando uma narrativa que contemple esse esporte em toda sua complexidade.

Para atravessar esse percurso delicado, complexo e persistente, foi imprescindível buscar as continuidades, as rupturas e as minúcias, além das permissões e proibições que acompanharam o futebol feminino.

Ao longo da história nacional, a prática do futebol por mulheres foi banida por lei durante muito tempo. Atesta-se isso pelo decreto-lei 3.199 de 1941, que proibia alguns esportes considerados violentos e incompatíveis com a natureza das mulheres, incluindo-se ali, ainda que não explicitamente, o futebol<sup>2</sup>. Esse primeiro decreto seria acompanhado anos depois — mais precisamente em 1965, período inicial da ditadura civil-militar (1964-1985) no Brasil — por uma deliberação do Conselho Nacional de Desportos (CND)<sup>3</sup> que interditava categoricamente a prática de vários esportes pelas mulheres, dentre eles, o futebol. Estabeleceu-se naquela deliberação: “Não é permitida [à mulher] a prática de lutas de qualquer natureza, do futebol, futebol de salão, futebol de praia, polo aquático, polo, rugby, halterofilismo e baseball”<sup>4</sup> (BRASIL, 1941).

Tal proibição iniciada em 1941 perdurou aproximadamente 40 anos, de forma que

<sup>2</sup> Decreto de lei de 14 de abril de 1941. Este decreto não especificava a proibição do futebol, mas declarava proibida a prática de esportes violentos e incompatíveis com a natureza das mulheres. Várias autoras trabalham com esse decreto e a prática do futebol pelas mulheres, entre elas, Goellner (2005) e Silva (2015).

<sup>3</sup> O CND era o órgão responsável naquele período por regular as práticas esportivas feitas por mulheres e homens.

<sup>4</sup> Deliberação nº 7 do Conselho Nacional de Desportos (CND).

a prática do futebol pelas mulheres voltou a ser permitida apenas em 1979. Esta data marcava a revogação da interdição a partir da deliberação 10/79, também firmada pelo CND. A partir dessa resolução foram liberadas todas as práticas desportivas que, até o momento, eram proibidas para as mulheres no Brasil. Isso indica um interesse do país em inserir-se no cenário esportivo mais amplo, uma vez que as entidades reguladoras esportivas internacionais já haviam incorporado a participação de mulheres em suas respectivas modalidades.

Assim, o decreto-lei 3.199 de 1941 simbolizou a tentativa de excluir as mulheres do futebol, desautorizando, interditando e marginalizando sua prática. Contudo, mesmo com esses impedimentos, elas não deixaram de realizar seus jogos durante o período proibitivo. Muitas delas, seja na surdina, na subversão ou na resistência, ludibriavam a lei e se organizavam para que tivessem lugar em algum “campo”<sup>5</sup>. Ora, os homens, que no futebol são considerados “donos da bola” desde sua criação, contribuíam, em sua maioria, para que a proibição do futebol feminino vigorasse. Entretanto, é possível encontrar alguns que se esforçavam para estar junto delas, inclusive exercendo um papel considerável para que as mulheres pudessem continuar praticando o futebol, davam seu aval e apoio para que os jogos acontecessem e colaborando na organização de eventos de futebol feminino, os quais eram classificados principalmente como de cunho festivo e benficiente, denominação usada de maneira a burlar a interdição. Todavia, tais partidas não ocorreram de forma tranquila, sendo marcadas por contestações e/ou autuações do CND, uma vez que aquele futebol era considerado marginal. Para essa instituição não interessava que o futebol feminino fosse visto e caracterizado como um espetáculo, pois o que realmente importava era estabelecê-lo como um esporte de homens, incompatível com a “natureza” das mulheres e que, portanto, não deveria estar ocorrendo ou sendo praticado por elas (SILVA, 2015). Ainda assim, as mulheres continuaram marcando presença no mundo futebolístico.

Se anos mais tarde a lei da proibição já estava revogada e a prática do futebol feminino definitivamente admitida, nada disso significava uma mudança absoluta no contexto desse esporte no Brasil. As insistentes controvérsias, as inúmeras dificuldades, os preconceitos (algumas vezes explícitos, outras vezes dissimulados) e os desafios que ainda continuavam a existir, mas sempre acompanhados de transgressões, persistências e resistências (GOELLNER, 2005; MOURÃO; MOREL, 2005; ALTMANN; REIS, 2013). Pode-se dizer que o esforço das jogadoras para superar todos esses problemas deu vida ao futebol praticado pelas mulheres,

---

<sup>5</sup> A palavra campo aqui é usada entre aspas para poder abranger os mais diversos espaços que constituíam possibilidades de prática do futebol feminino, como campos de futebol oficiais, informais, a prática nas praias, entre outros.

atravessando o tempo e possibilitando, posteriormente, a criação da seleção feminina nacional.

Nesse sentido, esta dissertação tem como objetivo analisar e problematizar as representações da mídia impressa sobre o futebol de mulheres na década de 1990, tendo como ponto central os noticiários que envolviam a seleção brasileira feminina da futebol<sup>6</sup> desse período. Este recorte temporal se justifica por abranger acontecimentos significativos para esse esporte no Brasil e no mundo, como a realização da 1ª Copa do Mundo de Futebol Feminino, a formação da primeira seleção feminina pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF) — ambas em 1991 —, além da inserção da modalidade nos Jogos Olímpicos 1996, realizados em Atlanta, nos Estados Unidos. Tais fatos demandaram uma institucionalização do futebol feminino no país, bem como a participação e a organização de eventos esportivos nacionais e internacionais. Um futebol que compreendeu as mais diversas práticas em distintos espaços, ocorreu nos campos, nas quadras e nas praias, contextos que envolveram jogadoras que faziam ou fizeram parte da seleção e, consequentemente, ajudaram a constituir a base daquela equipe. Para representar e construir uma narrativa histórica acerca do futebol de mulheres brasileiro desta época é necessário também admitir que havia uma correlação entre esses eventos.

Desse modo, a mídia impressa, como voz dos jornalistas e ouvido dos leitores, em sua maioria homens, ao tratar das práticas de futebol jogado por mulheres, contribuiu para a luta entre as diversas representações sobre o feminino e sobre as mulheres no campo esportivo nacional. Na análise das fontes, tenta-se explorar ao máximo as lacunas, as consistências e as fraturas dessa história tão complexa.

Para isto, em termos metodológicos, a perspectiva das representações da mídia impressa procede nesta pesquisa a partir da análise de três periódicos<sup>7</sup>: *O Estado de S. Paulo* e *o Jornal do Brasil*, jornais diários de grande circulação, além do jornal *O Fluminense*, também diário, porém de menor circulação. Os dois primeiros jornais eram reconhecidos por sua visibilidade nacional no período e abarcavam um leque variado de notícias. Já o terceiro, sediado no Rio de Janeiro, tinha páginas sobre assuntos globais e outras que se remetiam quase sempre ao cotidiano da cidade. Ademais, os três jornais continham publicações específicas sobre esporte.

A escolha destes jornais não aconteceu de forma arbitrária. São Paulo foi um dos

<sup>6</sup> Essa nomenclatura foi escolhida em função da palavra-chave utilizada para pesquisa.

<sup>7</sup> Acerca da posição política dos jornais, tem-se que *O Estado de S. Paulo*, no trabalho de Maria Helena Capellato e Maria Lígia Coelho, intitulado O bravo matutino: imprensa e ideologia no jornal “O Estado de S. Paulo”, voltava-se para o liberalismo no período estudado pelas autoras. Nesta pesquisa indica-se que este jornal continuava com a mesma visão política, passando por algumas sutis transformações. Em relação ao *Jornal do Brasil* e *O Fluminense*, não encontraram-se pesquisas para confirmar seus posicionamentos políticos.

estados em que o futebol feminino passou a ter certa visibilidade e apoio para que acontecesse. Consequentemente, *O Estado de S. Paulo*, publicado na capital paulista — metrópole economicamente e culturalmente importante para o país — abordava em suas páginas o desenvolvimento desse esporte naquele estado. Já o município do Rio de Janeiro comportou os primeiros Campeonatos Estaduais de Futebol Feminino mais recorrentes daquela década; em suas praias ocorriam também numerosas competições, outros campeonatos e apresentações do esporte bretão protagonizado por e para mulheres. Isso reverberava nas páginas do *Jornal do Brasil* e de *O Fluminense*, mostrando como foi sendo constituído o futebol feminino naquela capital. Logo, eleger os referidos jornais foi essencial para este trabalho.

Assim, em uma pesquisa exploratória, foi possível constatar a presença de um total 666 notícias a partir das palavras-chaves futebol feminino e seleção brasileira feminina de futebol<sup>8</sup>. Para respaldar a escolha das fontes e o que se privilegiou nelas para compor esta dissertação, recorre-se a Antoine Prost, que aponta aspectos pertinentes sobre o fato histórico e o ofício de historiadora:

Como a balança com a qual ele pondera as causas não foi vistoriada pelo Serviço de Controle de Pesos e Medidas, sua apreciação inclui sempre algo de subjetivo; é bem possível que, no termo de sua investigação, ele adote como preponderantes, precisamente as causas privilegiadas por sua teoria (PROST, 2012, p. 168).

Dessa maneira, compete ao historiador escolher suas fontes e o que priorizar nelas. Cabe a ele, também, dentre suas escolhas, demonstrar o que elas lhe apresentaram. Prost ainda discorre sobre a ocorrência histórica, declarando que “o historiador chega depois do acontecimento ou da situação, objeto de seu estudo. Portanto, ele já conhece sua evolução real; precisamente, esse conhecimento da evolução ulterior (em relação ao passado estudado) é que fornece o caráter histórico aos fatos” (PROST, 2012). Ele finaliza afirmando como os estudantes constatam muitíssimo bem que: “os acontecimentos ‘históricos’ — no sentido de ‘memoráveis’, ‘dignos de serem narrados’ — são aqueles que trazem consequências em seu bojo” (PROST, 2012, p. 163). Se há, então, uma história a ser construída, narrada, explorada e analisada, ela emergirá dos documentos por seu peso e por suas transformações, mediante fatos produzidos nos discursos, nas imagens e nos silêncios ali deixados.

Assim, sob a luz do que é marcante nas fontes, as categorias de análise da pesquisa

---

<sup>8</sup> Créditos ao acervo de *O Estado de S. Paulo* e à Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Esta última detém em seu acervo o *Jornal do Brasil* e *O Fluminense*.

surgiram. Em um primeiro contato com os documentos, perpassado por um olhar pessoal de conflitos futebolísticos, de sexualidade e de gênero, despontaram três categorias, que acabaram também culminando nos capítulos que compõem este trabalho: erotização, sexualidade, homofobia, masculinização, comparação e silêncios. Entretanto, ao recategorizá-las, já em um segundo momento, atentava-se a uma observação, se anteriormente já criteriosa, agora mais distanciada dos objetos resultantes nas categorias. Mesmo com o evento do afastamento, verificava-se que tais aspectos se mantiveram atravessando as narrativas daquelas fontes jornalísticas. A partir disso, entre todos os noticiários encontrados a respeito do futebol feminino e da seleção brasileira, elegeu-se aqueles em que as características das respectivas categorias mais se revelassem.

Nessa perspectiva, a utilização da imprensa, mais especificamente da mídia impressa, como fonte para este trabalho vale-se do que constatou a historiadora Tania Regina de Luca. Ao longo de seu capítulo no livro *Fontes Históricas*, a autora discorre sobre como, quando e porquê a imprensa passou a ser utilizada como importante fonte de pesquisa, dos receios sobre seu uso até sua admissão definitiva. Ela elucida pesquisadores e pesquisadoras quanto a seu uso e dá a referida importância a esse tipo de documento:

As considerações apontam, portanto, para um tipo de utilização da imprensa periódica que não se limita a extrair um ou outro texto de autores isolados, por mais representativos que sejam, mas antes prescreve a análise circunstanciada do seu lugar de inserção e delineia uma abordagem que faz dos impressos, a um só tempo, fonte e objeto de pesquisa historiográfica, rigorosamente inseridos na crítica competente (DE LUCA, 2006, p. 141, grifo da autora).

Os periódicos, portanto, não podem mais ser considerados “meros receptáculos de informação a serem selecionadas”: eles abordam, escolhem, transformam, subvertem e invertem; conceituam, aliás, com propriedade, as ideias recebidas e percebidas, diluindo-as no contexto escolhido para divulgação. Os jornais continham em si suas intencionalidades, demandando, desse modo, relevância e, ao mesmo tempo, cautela da/do pesquisadora/pesquisador ao tomá-los como fontes.

Pode-se aqui enunciar, então, que a imprensa dava sentidos e significados para a seleção brasileira feminina de futebol e para as mulheres que praticavam tal esporte tendo suas intenções, produzindo as mais variadas apropriações e representações. Envolveu o público que a consumia, ela ainda podia manter, romper, ressignificar ou dar pertencimento a esse futebol a partir das representações, que, pode-se afirmar, se organizavam de maneira complexa nos diferentes cenários. Nessa perspectiva, apreendemos a concepção de representações a partir

do historiador Roger Chartier, o qual enfatiza que:

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza (CHARTIER, 2002, p. 17).

Lutas que se concretizavam de forma muitas vezes simbólica, as representações feitas sobre aquele futebol e aquelas mulheres se incumbiam de identificá-las, problematizá-las e desvelá-las dentro desse esporte, mantendo papéis antigos ou estabelecendo novos, consolidando ou não grupos, discursando a favor ou contra. Os periódicos, suas personagens e entidades, quando abordadas, manifestavam-se do jeito que melhor lhes favoreciam, fundamentados em conceitos e preceitos diversos.

A partir da noção de representações, foi possível perceber que os jornais analisados desencadeavam simultaneamente uma dupla concepção quanto à seleção feminina e às práticas futebolísticas feitas pelas mulheres, que variavam entre a tentativa de regular o papel anteriormente já estabelecido para elas na sociedade em geral — as concessões para serem femininas, mães, donas do lar —, e construções que se identificavam com as características que representavam e se relacionavam mais ao esporte, em um sentido oposto: o esforço, a dedicação, a garra, a potencialidade, as habilidades. A dualidade das abordagens se estendeu durante todo o período dos anos 1990.

Se houve uma discrepância midiática — sem julgá-la como boa ou ruim —, ela foi empregada aqui para entender como as representações se refletiram sobre a seleção brasileira e sobre as práticas do futebol feminino. Explorando o destaque dado às mulheres, nas páginas dos jornais surgiam as consideradas “bem femininas”, ou, ainda, as “femininas e sensuais”, mas também despontavam as classificadas e identificadas como “um pouco mais masculinas” ou apenas “masculinizadas”, havendo ali, supostamente, um misto entre a ênfase nas mulheres e na exibição de um bom futebol. As últimas, fora dos padrões ditos femininos, teriam na competência esportiva a demonstração do porquê delas estarem ali e terem grande representatividade dentro daquele esporte, mesmo que fossem as mais questionadas naquele meio. A complexidade na construção das representações transformava o futebol praticado por mulheres e, principalmente, a seleção nacional, em algo esportivamente singular. Reafirmava-se, a partir do futebol, a normatização do que se considerava ser mulher, de um tipo ideal de feminino, ao mesmo tempo também em que se revelavam outros tipos de mulher, variando entre um feminino não ideal e um masculino. Tais concepções sobre as antigas, novas e as mais

variadas representações sobre a mulher nos esportes foram demonstradas em alguns trabalhos. Pode-se citar aqui o de Goellner (2003) e Silva (2015), visto que, um abordou esporte e práticas corporais e o outro se destinou especificamente ao futebol.

Diante dessa perspectiva, ainda que o século XX tenha contado com inúmeras mudanças, muitas delas expressivas, nenhuma foi suficiente para estabelecer a mulher como uma figura livre de estereótipos, sejam eles femininos ou masculinos. Entre estes estereótipos, voltavam a se destacar principalmente aqueles forjados no início dessa centúria, condicionando-a e determinando-a como pura, frágil, delicada, feminina, mãe e dona do lar. Características que a consagraram como mulher, e consequentemente, se manifestaram também no âmbito esportivo (GOELLNER, 2003). A década de 1990, período que já marcava o fim desse século, revelaria que essas concepções sobre as mulheres pouco se diferenciariam. A partir do futebol, espaço considerado masculino por excelência, reiterava-se a representatividade desses sentidos e significados dados a elas, assimilando-os a suas praticantes e jogadoras.

Ainda que aparentemente essas palavras tenham quase a mesma acepção, as fontes jornalísticas demarcavam e traziam à tona, em vários momentos, a diferença entre as jogadoras e atletas — consideradas oficiais/formais — e as praticantes — identificadas como informais. Dessa maneira, essa distinção se caracterizava em duas categorias representando grupos diferentes no noticiário, o que culminava nos mais variados tipos de práticas de futebol feminino. Na narrativa dos periódicos, as praticantes se relacionavam mais ao futebol das praias e dos clubes, já as jogadoras se associavam principalmente aos campos. Porém, essas categorias se sobreponham quando atletas da seleção integrassem qualquer uma das práticas futebolísticas, sendo inevitavelmente designadas jogadoras e/ou atletas. Fazer parte do escrete brasileiro prevalecia para determinar as mulheres que jogavam futebol de uma maneira ou de outra.

É legítimo, então, afirmar que a década de 1990 foi impulsionadora das mais variadas representações sobre as mulheres, o futebol feminino e sua seleção nacional, mesmo que por vezes estereotipadas? Pode-se dizer que sim. Constatar-se-á mais uma transformação ocorrida decênios antes que foi inserida definitivamente no discurso em meados dos anos 1990, fundamentada na valorização do corpo feminino e refletida na prática do futebol de mulheres, evidenciando-se, sobretudo, na seleção brasileira. Apresentava-se neste momento o “sex symbol”.

Goellner (2005), abordou brevemente a questão da erotização do corpo da mulher esportista, apontando que essa prática teve início na década de 1970. Esse aspecto discursivo passou a vigorar na sociedade nesse período e refletiu-se inevitavelmente no esporte, nos “estádios, ginásios, academias, parques e praças”, lugares sociais que, como enfatiza a autora,

“espetacularizam os corpos das mulheres” e reforçam características consideradas próprias de seu “sexo”. Se nesses espaços estariam presentes mais uma vez a graciosidade e a beleza, conceitos recorrentes do início do século XX para classificar a mulher como saudável, a partir desse momento passava a sobressair, também, uma sensualidade supostamente feminina e própria. Entretanto, essa não era uma característica tão nova e nem um projeto específico desse momento em que o futebol, já não sendo mais um esporte proibido para as mulheres, começava que a ter destaque midiático, provavelmente em função da formação de campeonatos estaduais fixos e da atuação da seleção brasileira feminina de futebol.

A partir da imprensa, o “sex symbol” seria outra marca registrada do futebol feminino. Sua representação também deveria se dar pela seleção nacional. Alegava-se que, para esse esporte ganhar visibilidade e reconhecimento, novamente era preciso se fazer feminina, agora dentro dessa nova concepção de ser mulher; sensual, atraente, arrasadora, seja no vestir ou no andar e, claro, também no jogar. A jogadora “símbolo sexual” passava a ser figura carimbada e requisitada pelos clubes e pelos jornais nos anos 1990. Tal fato leva a entender que a consolidação da seleção nacional ou mesmo do futebol feminino dependia fortemente de mais esse aspecto para acontecer.

Assim, foi a mídia impressa que passou a abranger variadas perspectivas de mulher, ainda que algumas ficassem mais evidentes e outras menos. Se certos tipos de atletas causaram estranheza, outros eram motivo de exaltação em campo. Esse jogo de tipos ideais de mulher acabava por reforçar apenas duas possibilidades de ser feminina: ou aquela feminilidade instituída desde a metade do século XIX, da mulher do lar, dócil, delicada, frágil (RAGO, 2014; GOELLNER, 2003), ou a nova do final do século XX, emancipada, mas carnal, robusta, exuberante, sensual, erotizada (GOELLNER, 2005). Nos discursos, pouco se admitiam aquelas que não se encaixavam nesses padrões, como, por exemplo, as que apresentavam traços femininos distintos dos pré-estabelecidos socialmente ou as consideradas masculinizadas. No entanto, todas elas ainda eram objeto do olhar do outro.

Afirmações e negações de certos tipos de mulheres, de feminino e masculino dentro do futebol, eram legitimadas pela imprensa, reafirmadas por quem acompanhava a seleção nacional, o futebol feminino em todos os seus âmbitos, e também pelas jogadoras e praticantes. Considerações que demonstraram as contradições das representações do futebol praticado pelas mulheres no Brasil, que revelaram haver certa confusão a respeito dos requisitos — físicos ou morais — considerados necessários para se poder entrar em campo, ora impondo esses dois aspectos claramente, ora colocando-os de maneira imperceptível. Desse modo, pode-se afirmar que ainda predominava uma preocupação com o corpo feminino, com a compatibilidade do que

a mulher se propunha a fazer com seu ser; pouco se olhava para suas habilidades ou potencialidades.

Essas imprecisões nas construções e nas possíveis transformações do que era ser mulher, dos antigos aos novos discursos vigentes, contribuíam para ambíguas representações e apropriações feitas pela imprensa sobre o futebol feminino e sobre a seleção nacional. Distintas feminilidades e masculinidades, uma subjetividade disfarçada de aparente objetividade jornalística acerca do futebol de mulheres, constituía um novo cenário para a modalidade. Nessa perspectiva de modificações do que significava ser mulher, de femininos e masculinos, sinalizadas no futebol, percorreram as fontes dos periódicos, mas não foram suficientes para que esse esporte ainda se considerasse um lugar para a afirmação dos homens, sustentando estereótipos para o jogo feminino e questionando comportamentos que tinham ou deveriam ter as mulheres que praticavam esse esporte.

Assim sendo, contextualizar historicamente o futebol praticado por mulheres na década de 1990 requer, ainda que brevemente, a compreensão de sua relação com o futebol e com o esporte moderno, visto que esses fenômenos sociais são datados do século XIX, época em que também as modalidades passam a ser definidas por regras gerais. Futebol e esporte, suscitados como conceitos — pode-se classificar assim — no decorrer do século XX, adquiriram e ainda detém um lugar distinto na sociedade, e, desde então, vem sendo estabelecidos e representados como espaços para afirmação da masculinidade (ELIAS, DUNNING, 1985; VIGARELLO, 2013).

Elias e Dunning (1985) e Vigarello (2013) sublinham como o esporte se constituiu como um campo fértil para a afirmação da masculinidade e da virilidade. Violência, força, vigor, potência, controle, esses eram alguns dos aspectos que se voltavam a uma prática masculina. Assim, ambos os autores observaram uma série de mudanças e continuidades nas relações entre virilidade, masculinidade e esporte em uma longa duração.

Vigarello, (2013), em especial, discorreu consideravelmente sobre as transformações produzidas na virilidade esportiva, passando da violência a uma elegância masculina. Por um lado, rupturas de certos tipos de masculinidade, enquanto por outro é possível perceber a perpetuação de algumas delas. Se anteriormente a virilidade esportiva estava mais relacionada à força, com o tempo ela passaria a estar mais relacionada à gentileza. As mulheres também passavam a ganhar cada vez mais características viris para adentrar esse meio, e o esporte, pouco a pouco, se tornava um cenário complexo. Contudo, não deixava de revelar uma certa necessidade de homens e mulheres terem músculos definidos, força, vigor, coragem, requisitos considerados viris e atrativos para aquele espaço. Consequentemente, ainda

que houvessem algumas transgressões, continuava a ser um ambiente restrito aos homens, e, portanto, “é preciso ressaltar que essas são práticas raras, práticas sem ressonância importante. Realizou-se a história do desinteresse, até mesmo do desprezo, em relação ao primeiro esporte feminino” (VIGARELLO, 2013, p. 288). Esse fragmento do texto fazia referência às práticas esportivas femininas que aconteceram no início do século XX, um movimento que abria espaço às mulheres as possibilidades de uma nova maneira de ser, mas que ao mesmo tempo colocava-as como esportivamente frágeis e/ou inaptas, relembrando aspectos julgados e relacionados à feminilidade.

Havia, portanto, uma nebulosidade de concepções que permearam o esporte, mas que não o isentaram de ser o lugar no qual se consolidava fortemente que o homem nasceu preparado para ocupar este espaço, e a mulher não, afirmando-se, assim, uma naturalização do papel de ambos na sociedade naquele período. Nessa perspectiva, Goellner, também afirmou que, se o homem era classificado como detentor de energia e saúde, sinônimo de força e primor físico, à mulher, categorizada como frágil, delicada e graciosa, cabia um destino: a maternidade, aspecto que a legitimava como mulher. Esses tipos idealizados e impostos socialmente no século XIX mantiveram-se durante o século XX. (GOELLNER, 2003). Difíceis de serem apagados, mantendo velhos arranjos e criando novos, fazendo alterações por vezes implícitas, por outras explícitas sobre aquelas características, eram um esforço para se manter uma considerada “essência”. O esporte neste período validava esses aspectos, corroborando com a medicina e com a ciência daquela época. Dois campos que fortaleceram mecanismos criados para excluírem as mulheres do meio esportivo, partindo de conceitos não apenas biológicos, mas também morais (GOELLNER, 2003). Apesar de todos os impedimentos para sua participação, elas se infiltravam naquele espaço, mesmo que sorrateiramente e submetidas, sobretudo, a reforçar sua feminilidade ou, ainda, que dependessem de uma viabilização (aprovação) para isso acontecer. (GOELLNER 2003; DEVIDE, 2005).

Nesse sentido, pode-se dizer que entre masculinidades e feminilidades — sutis ou não — o esporte se constituía. Em geral, os conceitos estereotipados de homens e mulheres mais se afirmavam do que se negavam ali. Mas, seria no futebol — universo considerado dos homens, masculino e viril — que aconteceria a sustentação, de forma hermética e profunda, das principais disposições daquelas virilidades.

Prática esportiva relacionada a uma identidade nacional, o futebol foi considerado lugar propício para sua contínua, específica e vigorosa propagação. Uma identidade construída de forma patriarcal e machista, consequentemente masculinizada, dentro desse esporte ganhou força, fortaleceu padrões, ratificou leis proibitivas, reiterou para a mulher que aquele espaço

não lhe servia; lembrando-a quase todo o momento de que naquele âmbito seu destino era o fracasso, que sua participação poderia significar uma vergonha aos olhos de todos. Assim, coube-lhe desde exclusões concretas até simbólicas, como enfatizado anteriormente. Vê-se então que o futebol praticado pelas mulheres, tanto quanto aquele praticado pelos homens, foi território de tensões políticas e históricas, em que a briga pela sua consolidação parecia ser uma marca constante no contexto brasileiro.

Todo esse processo de constituição do futebol como elemento da identidade nacional e espaço marcadamente masculino ficou arraigado na sociedade brasileira, permanecendo ainda durante a década de 1990 e apoiando-se em discursos naturalizadores médico-científicos. Estabelecia-se, assim, como importante obstáculo à transformação dos papéis que concerniam ao homem e à mulher no futebol. No que diz respeito ao futebol feminino, esses distintos atores por vezes atuavam de maneira a criar determinadas incertezas, ora instituindo barreiras para sua prática, ora criando-lhes algumas oportunidades, condenando ou autorizando a participação feminina nesse meio. O que parece seguro afirmar é que, sobretudo, concediam determinadas permissões no que diz respeito não só a quais tipos de mulheres, mas também a quais tipos de corpos poderiam ser expostos ali, classificando-os não mais por leis orgânicas ou decretos, e sim, por regulações simbólicas baseadas nos estereótipos sociais de masculino/feminino.

Corpo masculino/feminino que, segundo Foucault (2009), foi categorizado e legitimado pelo saber da ciência em meados do século XIX, fato este que se intensificou e se solidificou no início do século XX. Ainda segundo o autor, seria pelos campos teóricos da medicina e da psiquiatria que se constituiria um novo aspecto para identificar a permissão dos corpos no espaço público: a sexualidade despontava a partir deles com consentimento. Entre o corpo e a sexualidade, caberiam os questionamentos de quais seriam desviantes, abjetos, desejáveis ou não, quais estariam condenados à penumbra, ao vexame ou ao deleite da exposição do olhar de outrem.

Nessa perspectiva, nos anos 1990, no futebol, principalmente o praticado pelas mulheres, dando destaque à seleção brasileira, esses dois aspectos também encontraram espaço, e das mais variadas formas. Do corpo questionado à revelação e afirmação da sexualidade, sempre posta em xeque dentro das quatro linhas. Aparentemente como uma lição, todas as mulheres que consentiam estar ali passavam por um processo de desconfiança, acontecendo em alguns momentos abertamente, outros tacitamente. Se naquela década elas ocuparam definitivamente o mundo futebolístico, em função sobretudo da realização das primeiras competições internacionais com maior visibilidade, os rótulos sobre masculinização e

feminilidade voltaram a estar presentes: a sutil aprovação para apresentar-se como mulher dav-lhes uma credibilidade para a prática, algo supostamente necessário para quem as observava em campo. A tensão existente desde o início da relação mulher e futebol (FRANZINI, 2005) reaparecia aqui. A importância dada a sua imagem, ao seu dever moral — ao seu imposto dever moral — e a sua sexualidade, mais do que a suas qualificações futebolísticas, demonstrariam isso.

Diante disso, ainda que o futebol praticado pelas mulheres passasse a ter um considerável aparecimento nos anos 1990 e a seleção brasileira fosse figura representativa desse momento, poucas vezes os rótulos se modificaram. As atletas de maior destaque, consideradas modelos para as futuras meninas que pretendiam praticar esse esporte, eram avaliadas a partir de seu comportamento, da mobilidade de seus gestos, do seu jeito feminino ou não de ser, não só dentro, mas também fora de campo.

Nesse contexto, sobressaíam-se duas coisas concomitantemente: uma certa estranheza com as consideradas mais masculinas e uma valorização daquelas consideradas mais femininas. Isso levava a inferir que, no futebol feminino, o julgamento sobre a sexualidade estava acima de qualquer talento, já que, na prática, as mulheres estavam condenadas a provar a todo o momento que esse esporte não tiraria sua feminilidade. A perspectiva da sexualidade da mulher no futebol criava posicionamentos, contradições, questionamentos dos jornais. As que enfrentavam tais circunstâncias para jogar estavam sob condições que se davam como profecia dentro do futebol, as quais eram: a masculinização de seu corpo e a homossexualidade, hipoteticamente intrínsecas à prática feita pelas mulheres.

A preocupação com esses corpos distintos e essa sexualidade não normativa constituía uma forma de exclusão e, ao mesmo tempo, de validação do que estava em conformidade com o que é/era socialmente preescrito (FOUCAULT, 2009; BUTLER, 2016). Esse novo enredo, que ganhou força a partir do advento das novas perspectivas sobre sexualidade e gênero, afetavam o controle heteronormativo masculino claramente dominante no âmbito do futebol. Além disso, havia certa perplexidade com as meninas que, naqueles corpos inusitados — pode-se dizer os mais masculinos —, conservavam talentos inesperados. Isso simbolizava que, já não podendo mais dissociá-las do futebol, ao menos ainda poderiam contestá-las de alguma maneira sobre a sua prática.

Se existia, então, toda uma inquietação e uma certa obsessão por controlar esse futebol — ou melhor, essas mulheres — isso também ficaria nítido na seleção feminina nacional, colocando essa prática como incompreensível, atacando a maneira como as jogadoras representavam o futebol feminino dentro de campo. Uma perseguição que passava bem longe

de ser fato deste decênio: ela se deu de forma histórica. Conforme demonstra Silva (2015) em seu estudo sobre o período de proibição do futebol feminino, essa vigilância pode ser observada desde os primeiros vestígios de ocorrências de partidas de futebol realizada por mulheres, persistindo ao longo dos anos.

Sob olhares atentos, meticulosos e obstinados a fiscalizá-lo, o futebol feminino foi sendo construído no contexto brasileiro, em que o comportamento da mulher, na maioria das vezes, se sobressaía às suas apresentações em campo. Julgamentos que persistiram também durante a década de 1990. Os anos de interdição para esse esporte não resultou em assunto proeminente nos periódicos daquele decênio para questionar o porquê e as razões que fundamentaram isso em outros períodos.

O que se averiguava eram os mesmos discursos, acompanhados de outros mais novos, para considerar o futebol feminino algo não comum, valendo-se muitas vezes daqueles mesmos aparatos morais e biológicos utilizados durante sua proibição, argumentos rastos e segregativos. Pouco se identificava nas pautas jornalísticas críticas ao fato de que havia a existência de certa imposição de perspectivas moralizantes a respeito desse esporte, o que limitava possíveis discussões a respeito de melhorias na modalidade e freavam seu desenvolvimento. Nesse sentido, se pode afirmar que a consolidação da seleção brasileira enfrentou consideráveis dificuldades desde o início de sua formação.

Historicamente o futebol feminino vivencia embates e mantém atos de resistência para provar sua legitimidade. Silva (2015), dedicou-se a compreender o quadro em que se desenhou e se efetivou a proibição ao futebol feminino, esclarecendo que, mesmo diante de um impedimento legal, a prática do futebol por mulheres continuou acontecendo no país. No trabalho da autora, pode-se também perceber a importante captação dessa história construída à margem, que pouco apareceu em documentos oficiais, mas que manteve o futebol feminino ativo. Em 1990, por outro lado, apesar da liberação legal, as proibições ainda aconteciam, mas de forma velada, o que possivelmente dificultava o reconhecimento da prática desse esporte no Brasil e, consequentemente, afastava-o de legitimar a sua seleção feminina como uma seleção nacional. Entretanto, levando em consideração o que propõe Silva (2015), outras significações também foram sendo produzidas sobre esse futebol pela imprensa daquela década; ainda que questionáveis, elas apareciam dando sentidos diferenciados daqueles habituais.

A proposição deste trabalho, então, é construir uma história do futebol praticado por mulheres e da seleção brasileira feminina de futebol na década de 1990 abarcando sua multiplicidade, entre proibições veladas, permissões, legitimação, deslegitimação, concepções de corpo, de sexualidade e imprecisões históricas. Busca-se, portanto, refletir sobre outras

perspectivas de história do futebol feminino, que buscaram fazer com que ele encontrasse algum espaço naquele período.

Todas as disposições colocadas até aqui para o futebol feminino raramente se identificavam com o futebol masculino, pois se os homens tiveram — ou ainda tem — o “domínio” sobre essa prática esportiva, não se hesitava em dizer desde o princípio que eles foram predestinados a isso. O futebol, sem dúvida, se construiu de maneira generificada.

Nessa perspectiva, tanto o esporte em geral quanto o futebol demoraram a problematizar o gênero em suas questões, apesar de esse conceito já vir sendo trabalhado em outras áreas desde principalmente os anos 1970 (PISCITELLI, 2009). Assim, as razões apontadas para validar ou não a prática do homem e da mulher nesse esporte se relacionavam às construções normativas existentes para cada gênero. Como já mencionado, enfatizam-se ali e voltavam-se mais uma vez às considerações de feminilidade para mulher e masculinidade para o homem, estabelecendo que esse esporte era considerado violento para elas, mas não para eles. Os maiores obstáculos se destinavam invariavelmente apenas às mulheres. A desconstrução dessas diretrizes no futebol começaria tarde e demoraria a concretizar-se. Dessa maneira, ainda que não seja o foco principal desta dissertação abordar os conceitos de gênero, entender como se constituíram e se observaram histórica, social e culturalmente as questões relacionadas ao gênero fez parte da compreensão do contexto vivenciado pelo futebol de mulheres.

Scott (1995) afirma que:

o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder. As mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre à mudança nas representações de poder, mas a direção da mudança não segue necessariamente um sentido único (SCOTT, p. 86).

Se Scott propõe a correlação “das diferenças percebidas entre os sexos” para caracterizar gênero e suas relações, Butler (2016, p. 69), por outro lado, destacará para além disso que “o gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser”. Butler não aclara que o conceito está dentro de um tempo histórico, entretanto, afirma que gênero se “cristaliza no tempo”, sugerindo, assim, que em cada período ele pode sofrer transformações ou rupturas; é ainda uma identificação física, mantendo a aparente essência de como se deve e lhe foi ensinada a ser, seja

por imposições sociais e/ou culturais, reproduzindo tudo isso de maneira compulsória, mesmo que imperceptivelmente. As duas autoras trazem consigo o efeito causado pelas relações de poder que permeiam gênero e, consequentemente, atravessam os grupos e pessoas que se inserem nessas relações, nesses contextos, nessas histórias.

Desse modo, as estruturas, as entidades futebolísticas e os meios que lidavam com o futebol feminino, como a imprensa, acabavam reforçando nos discursos e imagens o que foi estabelecido normativamente para um gênero e outro. Por exemplo, em relação à excelência esportiva, enfatizavam que qualidade, velocidade e força, ainda na década de 1990, estavam pouco compatíveis com a mulher, mas que eram típicas dos homens, cabendo estritos e duvidosos elogios e enaltecimentos sobre a seleção brasileira e o futebol praticado pelas mulheres. Expressavam mais descontentamento do que satisfação em verem aquela prática ou aquele tipo de jogo. Se a década de 1990 representou um marco para as mulheres praticantes de futebol, com a formação definitiva de uma seleção nacional pela CBF, a participação internacional em campeonatos e a criação de competições estaduais, concretizou também contestações e exaltações sobre o futebol feminino.

Para traçar este caminho paradoxal, a divisão dos capítulos ocupou-se em captar as representações da mídia impressa sobre a seleção brasileira feminina de futebol e sobre o futebol feminino na década de 1990, provocando uma flexibilização cronológica dessa história. As antigas e novas construções do papel da mulher nesse período passaram por manutenções e transformações, sem obedecer uma linearidade. Foram as variações nos tipos de mulheres que se apresentavam nesse meio, as distintas representações e apropriações feitas por elas e sobre elas que caracterizaram a composição deste trabalho. Dessa maneira, no primeiro capítulo, buscou-se reunir suscintamente autores que tratassesem, dentro ou mesmo fora do esporte, das questões de feminilidade, sexualidade e gênero, para uma melhor compreensão desses temas. Reuniram-se também notícias de jornais que abordassem a comparação entre o futebol praticado por mulheres e homens procurando entender o porquê desse fato. Num segundo momento, o objetivo foi apreender as concepções da mídia impressa sobre o futebol feminino e sobre a seleção brasileira quando se utilizava da exploração de imagens e discursos de mulheres consideradas belas, de uma equiparação constante com o futebol masculino e da homofobia existente dentro e fora das práticas futebolísticas.

No capítulo dois, traçou-se primeiro o complexo de vira-latas e sua ligação com o futebol masculino para, em seguida, discuti-lo a partir do futebol feminino. Desse modo, tentou-se apreender as apropriações e representações dessa expressão pela imprensa quando destinada principalmente à sua seleção brasileira. Explorou-se, ainda, a produção, pelos periódicos, de

um futebol contraditório quando praticado pelas mulheres, variando entre a vulnerabilidade e excelência dela nesse esporte.

No terceiro e último capítulo, propôs-se a analisar as narrativas dos jornais ao abordar questões referentes a treinos, preparação física, desempenho e estrutura destinada ao futebol feminino, observando principalmente o desenvolvimento das competições em que a seleção brasileira participava. Trabalha-se com a possibilidade de um olhar masculino que reforçava e ao mesmo tempo hesitava sobre a ideia de que esse futebol e, sobretudo, sua seleção nacional feminina pudesse estar no mesmo patamar da seleção masculina, explorando especialmente os silêncios deixados pela imprensa em relação a isso.

### **Deslocando aberturas de uma pesquisa. Convocação!**

Antes de dar início aos capítulos dessa dissertação, apresento-lhes aqui as mulheres que fizeram parte das seleções brasileiras formadas a partir da década de 1990 para a disputa de competições. Enalteço não só estas, mas as que por vezes não entraram na equipe, porém também estamparam as páginas dos jornais. Perdoem-me aquelas que não apareceram, talvez passaram despercebidas em minhas exaustivas leituras. Busquei fazer a lista mais completa possível para dar voz a estas histórias.

Entre femininas, masculinas, belas, frágeis, sensuais, fortes, persistentes, resistentes, habilidosas, resilientes; abaixo segue, em ordem alfabética, seja pelo nome ou pelo apelido, as jogadoras pioneiras que encabeçaram os noticiários jornalísticos sobre a seleção brasileira. Entre algumas delas estavam: Adriana, Andréa, Andréia Suntaque, Ângela, Bel, Caçapava, Cebola, Ceci, Cenira, Cidinha, Claudete, Claudinha, Cris, Cristiana, Dai, Daniela, Danda, Débora, Delma, Dena, Denise, Didi, Dori, Doranil, Duda, Elane, Elsi, Eucilene, Fabiana, Fanta, Farrá, Fia, Formiga, Francilene, Geni, Grazielle, Ira, Jeane, Joana, Juliana, Juliana Cabral, Kátia Cilene, Leda Maria, Lúcia, Lucivânia, Maicon, Maravilha, Márcia Gaúcha, Márcia Taffarel, Marcinha, Maria, Maria Márcia, Marina, Marisa, Marlisa, Meg, Meire, Michael Jackson, Miriam, Nalvinha, Nenê, Nildinha, Patrícia, Paula, Pelé, Pretinha, Priscila, Raquel, Renata, Romarinha, Rosa, Rose, Roseli, Russa, Santa, Simone, Sissi, Solange, Sônia, Suzana, Suzy, Talita, Tânia Maranhão, Tânia Maria, Tatiana, Tê, Tiane, Valéria e Vanessa.

Não trouxe aqui as mulheres que foram praticantes e/ou jogadoras de clubes oficiais e não oficiais que constituíram também parte desta pesquisa, que merecem todo mérito para integrar a história do futebol feminino brasileiro. Absolvam-me pelo delito cometido, o objetivo

foi exaltar aquelas que fizeram parte em algum momento nos anos 1990 da seleção nacional.

## 1 FUTEBOL, MULHERES E GÊNERO

Neste capítulo, reuniram-se autores e notícias de jornal que contribuíram consideravelmente para a compreensão de feminilidade, sexualidade e sensualidade; também do conceito de gênero e de uma comparação existente entre o futebol praticado por mulheres e homens. Buscou-se, a partir disso, entender as concepções da mídia impressa sobre o futebol feminino e sobre a seleção brasileira quando se utilizava da exploração de imagens e discursos de mulheres consideradas belas, de uma equiparação constante com o futebol masculino e da homofobia existente dentro e fora das práticas futebolísticas.

Antes de tudo, ao tratar de futebol é preciso elucidar que tal esporte está repleto dos mais variados sentidos e significados, dentre os quais podem-se destacar: as habilidades consideradas “incríveis”, os talentos “preciosos”, o dom “natural” e um certo “magnetismo”, não menos a dedicação e o “sangue” dados em campo. Trunfos considerados valiosos e imensamente valorizados na incessante busca pela vitória. Entretanto, ao adentrar o mundo do futebol feminino e masculino, sobre o primeiro nem sempre se deve dispor das mesmas prerrogativas. Ainda que algumas das características acima apareçam, outras acabam basicamente anuladas. No meio futebolístico, a prática desse esporte pelas mulheres não ganha a mesma legitimidade, e isso acontece pela insistência em ressaltar outros fatores considerados naturalmente femininos, tais como: a beleza, a sensualidade, a sexualidade, a preocupação com o corpo — esses são os aspectos apontados, na maior parte das vezes, como linha de frente na representação do futebol praticado por mulheres. O domínio dos homens desde o início do futebol no Brasil faz com que se perpetuem traços profundos de masculinidade, difíceis de serem apagados e/ou transformados neste esporte.

Nesse sentido, abordar o futebol feminino engloba, de forma implícita ou explícita, as questões de gênero, elemento central para compreender as aproximações e os distanciamentos das mulheres nesse processo de significar-se dentro e fora de campo. Situar gênero no desenvolvimento do capítulo traz ao debate a relação duvidosa entre mulheres e futebol que perpassa esse esporte desde sempre. No Brasil, a identidade nacional foi construída invariavelmente de forma patriarcal e machista, e no futebol esse traço ganha ainda mais força, pois é identificado com apenas um gênero — esse, definitivamente, o masculino.

Para iniciar as problematizações feitas aqui e mostrar que ainda permeiam o futebol feminino, permiti-se trazer uma notícia referente ao Torneio Internacional de Manaus, disputado recentemente, no ano de 2016, em que a seleção brasileira vinha apresentando ótimos resultados. Assim destacava em sua capa o jornal *Manaus Hoje*: “Meninas dão de quatro”. Esse

era o título utilizado pelo periódico para relatar o “show” da equipe brasileira na cidade de Manaus, na Arena da Amazônia, que foi “palco de gols e muito futebol”.<sup>9</sup>

Em algumas buscas na internet por *sites* esportivos que se manifestaram sobre o ocorrido, o primeiro que apareceu na lista foi o Universo Online (UOL). Utilizou-se dessa reportagem exposta acima para demonstrar o que havia sido noticiado pelo jornal *Manaus Hoje*. A repercussão daquela notícia, segundo o UOL, foi imensamente negativa, desencadeou críticas intensas, tanto por aqueles que acompanhavam o futebol feminino quanto por aqueles que não têm afinidade com qualquer tipo de esporte. O choque provocado pela insensatez desse título levou a nível nacional um jornal de alcance regional. Essa matéria é um bom exemplo do que vínhamos tratando acima. Ainda que o jornal, em sua narrativa, tenha valorizado a vitória, adjetivando como um *show* a atuação, dando destaque à seleção brasileira, seu tom irônico, com menção implícita à posição sexual no título da manchete, constitui-se em exemplo de profundo machismo e falta de respeito. Tal exposição “obrigou” o periódico a fazer uma retratação sobre o acontecido, porém, o que realmente ficou evidenciado na mídia foi a matéria original.

Deste modo, assinalamos a necessidade de trabalhar o futebol praticado pelas mulheres a partir das noções enfatizadas na introdução desse capítulo. Futebol esse que, concebido de maneira complexa, faz tentativas de ganhar forças dentro e fora de campo por ser um espaço ainda consideravelmente definido, em sua maioria, pelos homens.

### **1.1 Mulheres belas, belas mulheres e a comparação com o futebol masculino**

Muitas foram as conquistas e transformações ocorridas na história das mulheres brasileiras ao longo do século XX. A saída do lar, a maior abertura para o mercado de trabalho, a emancipação tão almejada e a entrada para o mundo esportivo são algumas delas. Ainda que conquistadas à custa de muita luta, elas se intensificaram na década de 1990. Cabe destacar também que, a partir desse momento, começava a se concretizar uma participação notável das mulheres na maioria dos esportes, antes dominados majoritariamente por homens. Com isso, os jornais passavam a noticiar e destacar cada vez mais sobre a participação e as possíveis consagrações femininas no cenário esportivo como fez *O Estado* de S. Paulo:

Atlanta pode ser palco de um momento histórico no esporte nacional: a conquista da primeira medalha olímpica por uma mulher brasileira. As

---

<sup>9</sup> Ver: UOL Esporte. ‘Meninas dão de quatro’? Jornal do AM admite excesso e promete retratação. Disponível em:<<https://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2016/12/12/meninas-dao-de-quatro-jornal-do-am-admite-excesso-e-promete-retratacao.htm>>. Acesso em: 01/11/2018.

chances nunca foram tão grandes, principalmente no vôlei de praia, basquete, vôlei e judô. No total, são cerca de 60 atletas do País que vão brigar para subir no pódio (NOSSAS ATLETAS..., 1996, p. 10).

Se no vôlei, basquete e judô, a esperança já era de medalha, os anos 1990, para o futebol feminino no Brasil, seria um período de busca por afirmação. Era o momento de real institucionalização desse esporte no mundo, em nosso país não foi diferente, pois tentávamos consolidar esta prática. Concomitantemente, dois acontecimentos importantes se oficializavam neste decênio na história das mulheres no futebol: a realização da 1ª Copa do Mundo de Futebol organizada pela FIFA e o primeiro torneio no âmbito das Olimpíadas. Diante de tamanha relevância dos fatos, o *Jornal do Brasil* noticiava:

Com a decisão de se passar a incluir o futebol feminino já nas próximas Olimpíadas de Atlanta, em 1996, o Comitê Olímpico Brasileiro bem poderia começar logo a dar os primeiros passos para organizar o quanto antes a participação nacional nessa nova modalidade olímpica. Como o Brasil não tem nenhuma tradição no futebol feminino e dificilmente conseguirá alguma medalha mesmo treinando furiosamente nos próximos quatro anos, esta coluna sugere que se forme um time de gatas de primeira linha para, pelo menos, arrasar de alguma forma em campo.

No gol, Valéria Monteiro; nas laterais Isadora Ribeiro e Silvia Pfeiffer; Luma de Oliveira e Luiza Brunet como zagueiras; Xuxa e Vera Fischer de atacantes; como meias-de-campo, Doris Giesse, Celyta Jackson, Bruna Lombardi e Claudia Raia.

Treinador, massagista e roupeiro seriam escolhidos por sorteio pela Loteria Federal (OURO..., 1992, p. 3).

Ressaltamos que o noticiário preferiu eleger mulheres consideradas ícones de beleza e não jogadoras de nível de seleção brasileira. Isso demonstrava o contexto no qual o futebol feminino se inseria no Brasil. O destaque dado à falta de tradição do selecionado brasileiro silenciava a irregularidade desse esporte no país, o que levava a uma defasagem em relação a outros, mas não considerava também que a prática de futebol feminino por parte de seleções nacionais ainda era incipiente no mundo todo se comparada aos selecionados do futebol masculino, que já disputavam torneios como a Copa do Mundo desde a década de 1930. A recente participação e progressão mundial do futebol jogado pelas mulheres foi destacada em uma reportagem, na qual, os EUA estava sendo considerado uma potência nesse esporte e vinha de uma prática mais efetiva do futebol desde a ida de Pelé para a equipe do Cosmos. Assim aclarou o *Jornal do Brasil* sobre a contemporaneidade do futebol feminino pelo mundo e no Brasil:

“Enquanto as brasileiras estavam sem jogar desde 1988, as adversárias, ao contrário, se mantinham em atividade, disputando campeonatos em seus países, além de torneios internacionais. A Suécia conta com 600 mil jogadoras em quatro divisões. Quase o mesmo número da Noruega e da Alemanha. Apesar de só praticar efetivamente o futebol com a chegada de Pelé ao Cosmos, em 1975, os Estados Unidos já contam com quatro milhões de jogadoras”. (BRASIL NÃO ACOMPANHA..., 1991, p. 34)

O jornal contribuía assim para entender que o futebol jogado pelas mulheres detinha de mais visibilidade a partir daquelas décadas de 1970 e 1980. Datas essas que são demarcadas pelo periódico. Sendo então pouca a diferença para os anos de 1990. Para exemplificar ainda mais isso, traz-se o mundial organizado pela Confederação Asiática em 1988, período que, em relação à notícia acima, era consideravelmente curto para identificar uma tradição. Após aquela competição, alguns países participantes, mas não o Brasil, continuaram a prática do futebol feminino com campeonatos fixos, mesmo sem prévia confirmação de que um mundial seria realizado pela FIFA em 1991, como colocou o Jornal do Brasil naquela mesma notícia e também como trouxe *O Fluminense*:

A Noruega foi a campeã do torneio mundial realizado em 1988, também na China, sob o patrocínio da Confederação Asiática. A Suécia e o Brasil, que estão na mesma chave, conquistaram respectivamente o segundo e o terceiro lugares. Todos os participantes do mundial, com exceção do Brasil, têm campeonatos permanentes de futebol feminino (CHINA..., 1991, p. 10).

Nesse sentido, os jornais indicavam que a ascensão do futebol como prática profissional entre as mulheres, mesmo em um contexto internacional, também era incipiente. No caso brasileiro, a seleção feminina já participava de competições mundiais — ainda que sem o respaldo necessário — buscando por mais visibilidade, sobretudo, em relação ao futebol masculino, que contava com distinto apoio. Este quase abandono institucional em comparação à modalidade masculina era evidenciado pelas fontes jornalísticas. Expunha *O Estado de S. Paulo*: “A razão da alegria não está nos salários. Para integrar a seleção, elas recebem da CBF uma ajuda de custo mensal [...] Nos clubes — e a maioria não tem clube — a situação é ainda pior [...]” (MULHERES..., 1991, p. 41).

Segundo Salvini e Marchi Júnior (2016), parece ser recorrente a falta de campeonatos regulares para o futebol feminino. Na pesquisa realizada, os autores trouxeram entrevistas feitas no ano de 2010/2011 com jogadoras de um clube amador da cidade de Curitiba-PR que, em algum momento de suas carreiras, passaram pela seleção brasileira. O relato de uma das atletas sobre tal situação era de que:

‘A falta de calendário e de competição prejudica que você tenha uma equipe jogando o ano inteiro, então as meninas acabam indo pra outros países, jogar em outros lugares porque aqui não estão sempre jogando, não estão sempre em evidência, eu acho que isso é uma dificuldade’ (SALVINI; MARCHI JÚNIOR, 2016)

A situação colocada pela jogadora ia ao encontro com a reportagem apresentada pelo jornal *O Estado de S. Paulo*. Nota-se que a passagem do tempo evidenciava ainda os mesmos problemas e reivindicações de jogadoras que faziam ou fizeram parte da seleção brasileira.

O noticiário em 1995 trazia a fala de Cenira sobre o pouco reconhecimento e a irregularidade dos clubes brasileiros quanto ao futebol feminino. Cenira fez parte da seleção naquele período e era uma atleta proeminente, sendo, inclusive, convidada para jogar fora do país, mas vendo-se obrigada a rejeitar a proposta por estar. *O Fluminense* expôs as contestações da jogadora sobre a instabilidade do futebol feminino no país e uma possível aceitação de propostas para jogar fora do Brasil.

[...] Ela afirma que se agora receber outro convite para atuar no Exterior, irá na mesma hora. Pois lá fora o futebol feminino é reconhecido.

Cenira contou, ainda, que os clubes de futebol do Rio estão desfeitos. Isso deve-se ao pouco incentivo que recebem de empresas. Seria preciso que multinacionais resolvessem patrocinar o futebol feminino carioca, pois assegura que em pouco tempo eles teriam o retorno esperado. (CENIRA..., 1995, p. 11)

Os jornais mostravam, assim, as descontinuidades de um esporte que ainda engatinhava no país.

Noutro sentido, evoca-se a década de 1980 que contou com um clube que se diferenciava em suas questões relacionadas ao futebol feminino, o Esporte Clube Radar. Esse clube tinha em seu quadro o empresário Eurico Lira, que foi mentor e criador de uma equipe feminina de futebol, no ano de 1981. O escritório de mulheres alavancou o futebol feminino no Brasil naquele período de tal forma que a revista Placar, exclusiva de assuntos esportivos, demonstrou esses acontecimentos em suas páginas, evidenciando inúmeras vezes o futebol feminino nos anos 1980, a partir, principalmente, do Radar. (SALVINI; MARCHI JÚNIOR, 2013).

A despeito de todo o patrocínio, visibilidade e destaque alcançados pela equipe feminina organizada pelo Esporte Clube Radar na década de 1980, não só dentro do país como

fora, mediante uma estrutura e um apoio singulares, a realidade era que não havia um apoio institucional consolidado, inclusive por parte da instituição regente do futebol no país, a CBF, e o Radar não conseguiu se manter por muito tempo, encerrando suas atividades logo após representar o Brasil no campeonato mundial da China, no ano de 1988, no qual conquistou o 3º lugar. Tal competição marcou o declínio não só daquela equipe, mas também de um recomeço para o futebol feminino no país. Assim, o Radar foi um time com características singulares para aquela época, e, portanto, não citá-lo seria, no mínimo, injusto para uma história do futebol jogado pelas mulheres, principalmente representada a partir da seleção brasileira que se formaria posteriormente e contaria com várias jogadoras que provenientes dali. (SALVINI; MARCHI JÚNIOR, 2013).

Se notavelmente esse contexto sinalizava uma estreita relação das confederações com o futebol feminino, ele também evidenciava um esforço dos jornais para divulgar isso. Entretanto, é necessário olhar com atenção o tratamento recebido por esse esporte na mídia impressa. Desse modo, convém aqui retomar a matéria do *Jornal do Brasil* sobre a ida do futebol feminino às Olimpíadas, publicada em uma página não esportiva e exclusivamente voltada para o público feminino. O texto ressaltava, nas entrelinhas, um destino específico para as mulheres, o de mostrar uma sensualidade, enalteciendo apenas alguns tipos de ser mulher, mesmo que houvesse tantos outros. A coluna explicitava isso citando nomes de pessoas do mundo artístico, mostrava suas intencionalidades ao sugerir quem deveria estar à frente da prática daquela modalidade. Reforça-se os dizeres do jornal:

No gol, Valéria Monteiro; nas laterais Isadora Ribeiro e Silvia Pfeiffer; Luma de Oliveira e Luiza Brunet como zagueiras; Xuxa e Vera Fischer de atacantes; como meias-de-campo, Doris Giesse, Celyta Jackson, Bruna Lombardi e Claudia Raia. (OURO..., 1992, p. 3).

As disputas por validar um futebol jogado pelas mulheres eram constantes. A matéria suscitava isso quando não determinava que seriam atletas da seleção ou mesmo de futebol que deveriam estar em campo representando o Brasil nas Olimpíadas. Supostamente, tais mulheres não refletiam corpos considerados atléticos, mas, sim, subentendia-se ali aqueles conhecidos como sensuais. Goellner (2003, p. 128) afirma que, “[...] o trabalho corporal feminino simboliza [...] uma intimidação à supremacia do homem nas competições atléticas, domínio este que parece ser inato ao seu sexo”. Nessa perspectiva, a coluna anulava e deslegitimava a prática do futebol por jogadoras de futebol quando valorizava a sensualidade das mulheres apresentadas, sendo que, às vezes, elas nem estavam envolvidas com o esporte

em si. Voltava-se para um olhar masculino, ainda que estivesse em um ambiente julgado feminino — recordando que a matéria se encontrava publicada em uma página específica para mulheres —, reduzindo, assim, a importância das atletas e do caráter profissional da competição ao fazer uma recomendação baseada apenas na aparência e beleza física.

A sensualidade como um dos destinos dados para a mulher não é um fato atual, pois seus primeiros sinais podem ser encontrados já na década de 1940. O conceito do que é ser mulher, assim como as expectativas a esse respeito, foram sendo modificados no transcorrer desse período. O cinema e a fotografia, por exemplo, estabelecem a partir desse momento novos modelos do imaginário social sobre o corpo da mulher: sua figura, dotada de beleza e sedução, é transformada em símbolo de consumo social (GOELLNER, 2003). Essa imagem seria alterada alguns decênios depois, nos anos 1970, quando a figura da mulher passa a ser vinculada à ostentação de um corpo erótico. (GOELLNER, 2005). Desse modo, Goellner (2005, p. 147) enfatiza “espaços onde esse fator espetacularizaria o corpo da mulher, ressaltando características consideradas próprias de seu sexo, como a graciosidade, a beleza e, sobretudo, a sensualidade. Seria nos estádios, ginásios, academias, parques e praças” que o discurso do erotismo feminino se materializava. Na prática esportiva essa erotização se reinventava a partir das novas atletas. Ainda que treinadas técnica e fisicamente nos mesmos patamares dos esportes masculinos, a estética e a sensualidade daqueles corpos seriam postas em primeiro plano, sendo encarado e significado pelo olhar do outro como mera expressão de desejo (GOELLNER, 2005).

Logo, percebe-se a reafirmação da representatividade erótica do corpo feminino no esporte, sustentada pela mídia dos anos 1990, aqui direcionada ao futebol. No *Jornal do Brasil* havia um entusiasmo para apresentar garotas que praticavam esse esporte. Tomaram conta do noticiário as consideradas belas e sensuais. Já no título da matéria — “Gatinhas muito boas de bola” —, o jornal direcionava uma relativa erotização ao corpo das mulheres, tratando-as como “gatinhas”, o que indicava que elas eram julgadas atraentes. Seguia no corpo do texto valorizando uma sensualidade que, supostamente, estava associada às mulheres,:

[...] Deslumbrantes e arrasadoras, as modelos que debandaram de outras agências causando o maior tititi no mundo da moda prometem seu primeiro grande show aos cariocas com a nova *camisa*. As vencedoras da partida levam o título da 2ª Copa XR-3 de Futebol Feminino. Aberta ao público a partida reúne *jogadoras* como Patrícia Machado (uma das beldades da coleção de Ayrton Senna), Gisela Marques, Alessandra Berriel, entre outras estrelas dos anúncios de TV e candidatas em potencial ao time das telenovelas” (GATINHAS..., 1993, p. 23).

Esta matéria feita em uma coluna também voltada para o público feminino, nutria um discurso masculino hegemônico sobre o corpo das “modelos jogadoras”, realçando somente as particularidades relacionadas à sensualidade e beleza.

Desse modo, é possível afirmar que, naquele momento, mulheres praticantes de futebol estavam cada vez mais presentes nos jornais, mesmo que não somente em páginas do caderno de esportes. Ao que parece, não importava se esta mulher fosse aderir àquele tipo de prática esportiva, simplesmente não cabia ali colocar se ela apresentava habilidades — salientava-se mais uma vez as características do que era ser mulher, do que deveria representar sua figura.

Segundo Devide (2005, p. 48), “mulheres atletas frequentemente deparam-se com o impasse de como ultrapassar o abismo entre as expectativas culturais de sua feminilidade e os requisitos da excelência atlética”. Sobre esse aspecto, não somente as praticantes informais enfrentavam tais obstáculos. Laila Danielsen, atleta bem conhecida no meio futebolístico naquele período, foi referenciada pelo *Jornal do Brasil* da seguinte maneira: “O corpo dessa norueguesa de 1,70m é delicado e feminino, e seus movimentos ao fazer embaixadas são graciosos e deixam perceber a técnica de uma meio-campista cuja principal qualidade é distribuir bem o jogo” (AS AMERICANAS..., 1994, p. 34). Corroborando com Devide (2005), o jornal enfatizava preceitos culturais de feminilidade esperados da mulher.

No âmbito da prática do futebol feminino, sensualidade e beleza começavam então a se caracterizar como as principais qualidades da imagem da mulher daquela década. Em uma reportagem do *Jornal do Brasil*, para citar a boa atuação do time do Fluminense, isso ficava evidente: a “[...] atriz e musa Suzana Werner” é “camisa 10 de uma equipe que inclui beldades boas de bola” (TRICOLORES..., 1996, p. 28). Entretanto, com a jogadora norueguesa Danielsen não eram só aqueles dois aspectos que marcavam presença. A graciosidade, a delicadeza de seu corpo e de seus gestos pareciam fazer parte considerável de um eu feminino, e no futebol isso aparentemente não desapareceria, nem sequer no toque de bola. Nesse sentido, acentuando a beleza feminina e os atributos considerados femininos em detrimento ao talento das jogadoras, o jornal *O Estado de S. Paulo* publicava uma matéria sobre futebol feminino que também não fazia parte do caderno de esportes:

A graça e a garra das meninas, sua potência, por que não? Muitas jogadoras bonitas, muitos gols, o couro come também entre elas, jogam duro as garotas, mas com uma agilidade e mobilidade que talvez os homens estejam perdendo na obsessão defensiva e violenta [...] (AMERICANOS..., 1994, p. 6).

Tais dizeres saíram de uma crônica assinada por Nelson Motta. Jornalista reconhecido em seu meio, morava em Nova Iorque e lhe foi conferida a missão de escrever sobre a situação do futebol nos EUA na década de 1990, mais especificamente sobre a mulher e sua relação com esse esporte. Ao longo de seu texto, ele coloca tal acontecimento como uma revelação, valorizando e destacando o sucesso do futebol feminino naquele país. Ainda continuava sua narrativa afirmando que anteriormente a isso o futebol não era tão desenvolvido por lá, fazendo referência, na verdade, ao futebol praticado pelos homens. Contestava e exclamava o jornalista:

Está sendo duro vender a Copa para o público americano, com base no que aconteceu na última. Mas a Fifa diz que nada será como antes, que com as novas regras o jogo vai melhorar, voltar a ser emocionante. Ao mesmo tempo, começam a soar indícios de um fenômeno interessante aqui: o futebol é o esporte que mais cresce nas universidades americanas. O futebol feminino, porque os garotos continuam no beisebol-basquete-futebol americano. É isso mesmo, as garotas americanas estão batendo um bolão. E quem sabe, num futuro próximo, não virá através delas a definitiva introdução (epa!) do futebol nos Estados Unidos [...] (AMERICANOS..., 1994, p. 6).

Motta criticava o futebol masculino que estava “abandonando” um futebol mais individual e habilidoso, em função de um futebol agora mais tático e duro, o que para ele deixava o esporte desinteressante afastando, inclusive, os norte-americanos. Ainda fez questão de enfatizar a ascensão obtida pelo futebol feminino nos EUA, já que o masculino não causava a mesma sensação. Mesmo com todos os elogios possíveis ao futebol feminino, o jornalista desliza quando se refere a uma “definitiva introdução” do futebol naquele país. Exclama com uma “epa！”, indicando uma ironia, mas se restabelece, afirmando que falava de futebol e não que mencionava algo sexual.

O êxito, e consequente sucesso, estabelecido pelas mulheres no futebol nos EUA não foi efêmero, persistindo ao longo dos anos 1990, a ponto de esse país se candidatar e receber a Copa do Mundo de Futebol Feminino em 1999. Uma das surpresas causadas pelo esporte que estava em ascensão por lá foi o público, bem acima do esperado no campeonato, fato que ganhou destaque em matérias nos jornais. Evidenciava o *Jornal do Brasil*:

**Mundial nos EUA reúne 16 seleções e público de meio milhão de pessoas**  
 MIAMI – Agora a festa é das mulheres. A Copa do Mundo de futebol feminino que começa dia 19 no Giant Stadium em Nova Iorque vai entrar para a história como o maior evento esportivo feminino de todos os tempos. As 16 melhores seleções de moças do mundo vão jogar nos Estados Unidos para um público estimado em 500 mil pessoas, isso sem contar a turma da TV. Quem quiser ter uma idéia da força do marketing da Copa feminina só precisa lembrar que 400 mil ingressos foram vendidos antecipadamente e que pelo menos 7,5

milhões de mulheres jogam e amam o futebol nos Estados Unidos. Só para o jogo de abertura, os organizadores venderem 62 mil ingressos (A FORÇA..., 1999, p. 39).

Entre a crônica de Motta e a Copa do Mundo que ocorreu nos EUA passaram-se aproximadamente cinco anos. O tempo não fez com que o futebol feminino minguasse por lá, ao contrário, ele só cresceu e se desenvolveu cada vez mais. Os dizeres do *Jornal do Brasil* mostravam isso ao apresentar os números expressivos relacionados àquela competição. Assim, o jornalista, em sua crônica, também acentuou a ascensão das norte-americanas no futebol, e deu destaque a algumas habilidades e até a um bom jogo; contudo, sua preferência consistiu em exaltar mais a beleza e outras características consideradas femininas. O adjetivo “graça” parecia mostrar uma delicadeza e suavidade, podia estar compatível com “a garra” que indicava o empenho daquelas atletas; porém, não satisfeito, ele se indaga sobre a potência: essa pode estar vinculada à “graça” e à “garra”? Sua colocação, aparentemente perplexa, levava a um questionamento implícito em sua fala: é condizente tamanho esforço físico com este ser chamado “mulher”?

Fatidicamente, algumas das palavras proferidas pelo jornalista na década de 1990 convergiam com o que a *Revista Educação Physica* esperava da mulher que passava a se exercitar entre 1930 e 1940 — ou seja, 50 anos antes: “Nem excesso de competição nem inatividade física, mas beleza, saúde, graça, harmonia de movimentos, leveza, vigor físico, energia e delicadeza” (GOELLNER, 2003, p. 130). Assim, se esta mulher iria passar a praticar exercício, por ser algo que começava a ser considerado necessário para sua vida, ela deveria se resguardar e não permitir que se perdessem os aspectos do que é ser feminina (GOELLNER, 2003). Tais considerações também confirmam o que Devide (2005) afirma em relação à feminilidade e à excelência atlética nos esportes, de maneira que, por mais que as atividades esportivas profissionais em geral feitas pelas mulheres existissem há anos, a prática do futebol até o momento aparecava estar alheia ao seu ser.

Dessa maneira, compreendendo a mesma concepção citada por Goellner para prática de atividade física por mulheres há mais de 50 anos, era no futebol da década de 1990 que as mulheres encontravam mais uma vez o mesmo dilema: nem muito, nem pouco, mas na medida exata para não ser prejudicial, isto é, para não se perderem os ideais que a constituíam como mulher.

Nessa perspectiva de feminino, uma página do *Jornal do Brasil* que se voltava a assuntos da televisão realçava a vaidade, a graciosidade, além do nível social das norte-americanas para diferenciá-las fisicamente das brasileiras.

[...] Sem preconceitos, deu para perceber que, ao contrário das nossas craques, as americanas eram todas estudantes, da classe média, articuladas, vaidosas nos seus penteados, principalmente graciosas no belo tratar da bola. Na hora da cobrança dos pênaltis elas ficaram ali pelo grande círculo, concentradas, quando muito, uma ou outra roendo unhas. As brasileiras ficaram de mãos dadas, dentro e fora do campo, naquela tolice de corrente positiva, chorando e, possivelmente, rezando (PARA..., 1996, p. 5).

Claramente havia uma crítica à postura das jogadoras brasileiras que supostamente lembrava um futebol mais informal quando recorriam a uma força divina. Dessa maneira, na fala do jornalista dava-se a entender que, frente às norte-americanas, as atletas brasileiras não buscavam por treinamento. Ele procurou também reconhecer e mostrar que as mulheres começavam a entrar e participar por definitivo do futebol brasileiro, a ter mais espaço.

[...] Estamos nos 90 e, glorioso sinal dos tempos, o último bastião machista do esporte brasileiro começa a desmoronar. Semana passada, a Band e a ESPN Brasil transmitiram um torneio internacional de futebol feminino, realizado no interior de São Paulo, desculpem o pleonasmo. Com a qualidade de transmissão usada quando jogam os barbados (PARA..., 1996, p. 5).

Por outro lado, ao final da matéria — excerto exposto anteriormente — insistiu em colocar, a partir das atletas norte-americanas, valores culturais que são julgados representantes de uma feminilidade para mulher. Assim, como foi apresentado anteriormente, a prática do futebol já estava bem disseminada entre as mulheres nos EUA, mas na visão de quem descrevia isso na mídia impressa brasileira, era mais importante revalidar os interesses do que é ser feminina. Valorizando a estética corporal, subentendia-se que as jogadoras não precisavam mudar quando entravam em campo.

Posto isso, as narrativas construídas pelos jornais sobre as mulheres no futebol permeavam um campo no mínimo inusitado, entre afirmações e interrogações do que a mulher pode ou não pode fazer, do que ela é capaz ou não. Percorrem um caminho que vai entre tentativas de apontar certa habilidade quando estão jogando, desconstruindo muitas vezes o pensamento recorrente de que não tinham condição de se desenvolver nesse esporte e, ao mesmo tempo, reproduzindo novamente um discurso antigo e obsoleto de beleza e sensualidade.

Para além desses dois fatores, passava a aparecer também, no mesmo contexto, a comparação com o futebol masculino, que, às vezes boa, às vezes nem tanto, deixava mais uma vez controversas as abordagens feitas pela imprensa. Elogiava o *Jornal do Brasil* a atuação da

jogadora Cenira: “[...] O hábito de jogar entre os homens talvez tenha lhe dado um certo estilo Dunga dentro dos campos. ‘Eu estou sempre lutando. Gosto de falar muito, gritando, cobrando, exigindo. Sou muito chata mesmo’, conta. [...]” (UMA..., 1996, p. 6). Se o jornal construía uma comparação, a jogadora a confirmava, dizendo que “brigava” em campo. A postura exposta na notícia e afirmada por Cenira era a mesma que tinha o jogador Dunga, como ressaltava o periódico.

Nessa perspectiva, retoma-se a crônica de Nelson Motta que abriu um extenso leque de possibilidades para compreender inúmeras representações do futebol praticado por mulheres. Aqui, entretanto, trataremos apenas de um fragmento, no qual o jornalista, apesar de considerar o futebol feminino um futebol de excelência, argumenta que, se a Copa do Mundo de Futebol Masculino eventualmente não fosse o sucesso esperado, as mulheres que praticavam o esporte nos EUA poderiam aprender com os jogadores que estariam nela. Em suas palavras: “[...] pelo menos vai servir para as novas milhões de futebolistas americanas aprenderem ao vivo, em casa, com os maiores e melhores do mundo” (AMERICANOS..., 1994, p. 6). Mesmo que ressaltasse e criticasse que o futebol masculino estava perdendo um jogo de mais qualidade, os atributos dados para as mulheres norte-americanas não apontavam em nenhum momento que os homens poderiam aprender com essas novas atletas.

Sobre esta perspectiva da comparação e da falta, podemos nos aproximar das leituras de Butler. Em seu livro *Problemas de Gênero*, a autora enfatiza que há uma lógica segundo a qual a mulher seria o complemento ou parte ausente do homem em vários aspectos. Determiná-la apenas como um outro ser do homem, sem uma identidade própria, é estratégia recorrente para autoafirmação e dominação masculina (BUTLER, 2016). Essa perspectiva elucida os arranjos presentes no futebol: a disposição para a comparação era usada frequentemente para não validar habilidades específicas do jogo feminino e sua participação efetiva em campo. Perante os olhos de quem acompanhava ou mesmo de quem praticava, confrontava-se uma busca permanente da comparação com a prática masculina.

Se na crônica de Motta as jogadoras empenhavam-se, faziam muitos gols, eram ágeis e tinham mobilidade (características que estavam sendo questionadas por ele no futebol masculino por apresentar um jogo mais truncado), novamente, em nenhum momento afirmava que tais qualidades se relacionavam às habilidades esportivas.

Esse indícios enfatizavam uma vez mais que, para a imprensa, não importava o empenho, a potência, a dedicação, o esforço, a busca pelo melhor futebol. Lá, no campo, como insistia, lugar onde a bola agora passava a rolar firmemente, o que não faltava era a beleza, a sensualidade, o charme, e, se algum futebol aparecesse, seria a busca por um futebol semelhante

ao masculino. Consequentemente, valorizava-se a comparação com o futebol jogado pelos homens, isso era feito então tanto pela imprensa quanto por quem praticava esse esporte.

Em uma reportagem do *Jornal do Brasil* foi entrevistada uma garota de nome Sandra Ramos, que fazia parte de um time formado improvisadamente, na cidade do Rio de Janeiro, dentro de um condomínio chamado Eldorado, no ano de 1995, e, ao que tudo indica, não tinha pretensões de participar de competições. Mas, como enfatizou o jornal, a equipe “conseguiu se impor”, foi disputar campeonatos e até venceu alguns. Mesmo com o grande destaque, isso não determinou que no momento da entrevista Sandra se pronunciasse sobre outra colega de time somente destacando sua técnica. Aparentemente, tal característica, que se encontrava e se atestava naquela jogadora, não aparecia na fala de Sandra como um requisito do futebol praticado pelas mulheres. Assim trazia o jornal:

A meio-campo Bárbara Bassols, 19 anos, é considerada a craque do time. ‘A Bárbara dá personalidade à equipe. Ela é bonita, feminina, tem técnica e possui um domínio de bola capaz de impressionar muito marmanjo’, elogia a colega Sandra Ramos, 18 anos, que joga na lateral (MULHERES..., 1996, p. 6).

A atleta avaliava que sua companheira de time estava no nível dos homens e que, se eles a assistissem jogar, ficariam maravilhados. Entretanto, além de evidenciar a técnica da atleta, mencionava sua beleza e feminilidade, características também apontadas como qualidades de seu jogo. Corroborando com os fatos apresentados, Mourão e Morel (2005) afirmam que, na década de 1990, agregava-se a beleza ao jogo no futebol feminino, de uma maneira que esse aspecto se sobressaía às habilidades que as jogadoras pudessem ter. A mídia travava com olhares suspeitos o que elas realmente eram capazes de fazer. Esta caracterização caminha ao encontro das matérias nas quais havia questionamentos sobre as qualidades apresentadas pelas jogadoras ou por praticantes de futebol. Ou, ainda, daquelas que remetiam aos homens para determinar um nível nos torneios das mulheres, deixando de valorizar o tipo e características específicas do seu jogo. Reforçavam-se, assim, os princípios dominantes estabelecidos de beleza feminina, enquanto os campos de futebol ainda estavam condicionados a ter como atração principal a prática masculina, como se só essa fosse a verdadeira prática.

Nesse sentido, Franzini (2005), a partir de um prisma sociológico e comprendendo que o futebol é, para além de um espaço esportivo, um espaço sociocultural, conclui que não haveria lógica para a sociedade em validar a participação efetiva das mulheres no futebol, pois isso confundiria os princípios arraigados de que, ao contrário das mulheres, os homens eram naturalmente preparados para isso. Assim, a persistência das mulheres para entrar e permanecer

em campo ameaçava aquele sistema vigente. Acentuar, então, a prática masculina como muito superior à feminina constituía-se num esforço para que não se perdessem os ideais hegemônicos que o futebol representava na sociedade brasileira.

Logo, a “reentrada” das mulheres no futebol brasileiro na década de 1990 foi marcada e concebida de forma conflituosa e, por vezes, silenciosa. Esse esporte, considerado inúmeras vezes “marginal”, não deixou de acontecer nem no período de sua interdição, entre 1941 e 1979, quando as jogadoras precisavam usar de sagacidade para burlar as confederações esportivas e as instituições que o coibiam (SILVA, 2015). O que se quer aqui é enfatizar que de 1921, mais antigo registro de uma partida realizada por mulheres no Brasil<sup>10</sup>, a 1990, o futebol praticado por mulheres não deixou de estar presente no cenário brasileiro, mesmo que durante muito tempo sem permissão e, depois, com pouca visibilidade. Nessa perspectiva, já com a prática regulamentada, os anos 1990 supostamente velavam interdições e limitavam as jogadoras ou praticantes buscando outros meios. Pode-se dizer que isso perpassava as representações veiculadas pelos jornais, que insistiam em salientar e dar mais valorização à beleza, à sensualidade e à comparação com os homens do que privilegiar as habilidades que as mulheres possuíam.

Conclui-se, assim, que o discurso propagado pela mídia impressa naquele momento levava em consideração a equivalência ao futebol masculino para atribuir importância e elevar esportivamente a prática das mulheres em campo. A entrada da seleção brasileira em grandes competições fez com que as qualidades futebolísticas das jogadoras não deixassem de ser reconhecidas ou destacadas pelos jornais. Mesmo assim, aos olhos do público que consumia o futebol feminino, a aparência do corpo que estava sendo exibido sobressaía frente a sua prática. Diante disso, a imprensa também contribuía para a manutenção de determinados estereótipos de gênero quando, a partir da ascensão dessa modalidade, utilizava as características de beleza para discorrer sobre as jogadoras e materializava o desejo esperado pelo seu público, de forma a reiterar as mulheres como beldades, mas longe de promover as jogadoras por suas habilidades. Além disso, constantemente argumentava que o futebol praticado pelas mulheres poderia se espelhar no masculino para melhorar seu desempenho.

Por fim, tais fatores, que variavam entre a beleza, a sensualidade e a comparação, apontavam para uma prática da mulher no futebol não totalmente consolidada. Não fica claro, entretanto, se esta variedade de representações da mulher futebolista na imprensa colaborava

---

<sup>10</sup> Morel e Salles (2005, p. 262), no *Atlas do Esporte*, afirmam que há registros de uma partida realizada por mulheres, em São Paulo, em 1921. O jogo em questão foi entre “senhoritas Tremembenses e senhoritas Catareirenses”, nas dependências do Tremembé F.C.

para uma estabilização ou desestabilização da modalidade. Contudo, neste contexto de aparentes embates, noticiava-se nos jornais cada vez mais o futebol praticado pelas mulheres, ainda que se dessa maior visibilidade à beleza feminina em detrimento da técnica e da habilidade. Em função disso, um novo aspecto — nem tão novo — não escaparia aos olhos de quem acompanhava o futebol feminino: a homossexualidade. Como um “mal” a ser combatido, ela surgiria como tema nas páginas dos jornais. A partir da sapatão viria a imputação e, no sentido de tornar legítima a anunciação de jogadoras de futebol por determinados padrões de beleza, as chamadas atletas “beldades” purificariam a prática desse esporte na busca constante pela heteronormatividade neste contexto.

## 1.2 “Homossexualismo”<sup>11</sup>, existe *sapatão*<sup>12</sup> no futebol?

### A INCITAÇÃO AOS DISCURSOS

Trata-se, em suma, de interrogar o caso de uma sociedade que desde há mais de um século se fustiga ruidosamente por sua hipocrisia, fala prolixamente de seu próprio silêncio, obstina-se em detalhar o que não diz, denuncia os poderes que exerce e promete liberar-se das leis que a fazem funcionar” (Foucault, 2005, p. 15)

Se a homossexualidade deveria ser excluída do mundo futebolístico das mulheres, seria a partir do constrangimento e de uma caracterização de denúncia que os envolvidos nesse contexto buscariam seu respaldo. Apelava o *Jornal do Brasil*:

De todos os esportes femininos praticados na areia, o futebol é o que ainda carrega um ranço de preconceito. ‘Tudo bem que ainda tem homossexual no futebol feminino, mas também já existe muita menininha de família jogando’

---

<sup>11</sup> Conforme Carneiro (2015), a homossexualidade foi patologizada especificamente no ano de 1948 pela Organização Mundial de Saúde (OMS). O termo homossexualismo empregado naquela mesma época simbolizava pelo sufixo “ismo” um indicativo de doença. Ainda segundo o autor, a luta pela despatologização da homossexualidade no Brasil começou em 1978 com a formação do grupo “Somos – Grupo de Afirmação Homossexual” de São Paulo, ganhou força especificamente em 1980 na composição de outro grupo, o Grupo Gay da Bahia (GGB). O GGB traria fortemente essa discussão no país e quiçá no mundo. O Brasil, aliás, despatologizaria a homossexualidade em 1985, tal fato precede a despatologização mundial em 1990 pela OMS. Nesse sentido, na década de 1990 nas fontes jornalísticas as narrativas sobre futebol feminino continuaram a utilizar da palavra homossexualismo sinônima de doença. A homossexual desvelava-se como um problema daquele futebol, no qual ainda, a sexualidade parecia importar mais do que o jogo apresentado. Assim, a homossexualidade como uma doença acabava sendo reforçada na utilização da palavra homossexualismo. Portanto, preferiu-se manter no subtítulo desse capítulo – homossexualismo – palavra mais recorrente nos periódicos analisados.

<sup>12</sup> *Sapatão* nas narrativas dos jornais parecia ser sinônimo do futebol jogado por mulheres daquela década. Aparentemente chamar de *sapatão* configurava-se em gerar constrangimento para jogadoras ou praticantes daquele esporte. Afirma-se que, essa palavra ao ser ressignificada por mulheres lésbicas se tornaria sinônimo de honra, grandeza, força e emponderamento e não mais inferiorização, difamação e injúria. Declarar-se como *sapatão* significava fazer parte de um movimento identitário (RIBEIRO, 2012).

futebol. Aos poucos, esse esporte será feminino de verdade', apostava Patrícia Farias, 18 anos, estudante de teatro, ala do time de beach soccer Geração. Mas como o que importa é o prazer, as meninas continuam sacando, batendo e chutando suas bolas para a alegria de muitos marmanjos (MULHERES..., 1997, p. 4).

Neste cenário, dois pontos principais chamam a atenção quando se explora a questão da homophobia/lesbofobia na prática do futebol feminino. Novamente aparecerá a preocupação com a imagem da mulher feminina ou sua masculinização, associadas agora à sua orientação sexual, utilizando-se de subterfúgios discursivos para julgar a sexualidade das praticantes e das jogadoras, aspecto que muitas vezes se sobressaía ao futebol exibido por elas, numa busca por controlá-las socialmente em função da normatização vigente (ALTMANN; REIS, 2013). Para além da homossexualidade, há outro elemento que despontará conjuntamente nas fontes jornalísticas: o tema assédio. Nesse sentido, afirmava o *Jornal do Brasil*:

[...] Andreia é considerada uma das melhores jogadoras e sempre leva para casa o título de artilheira e destaque das competições. Sem falar nos títulos de jogadora mais bonita e mais namoradeira. Andreia confessa que gosta do assédio e tenta mandar para escanteio a imagem de que o futebol feminino, mesmo na areia, masculiniza as meninas. 'Cabe a nós, mulheres, mantermos uma imagem bem feminina. Procuro jogar sempre bem bonita e tenho a fama de namoradeira porque sou comunicativa e atraio a atenção dos rapazes que assistem aos jogos', conta Andreia (O CAMINHO..., 1997, p. 4).

Nos fragmentos apresentados, a beleza e a erotização do corpo da mulher não são usadas para demarcar sua feminilidade, mas também para afirmar sua sexualidade. O preconceito velado a que estavam submetidas as garotas entrevistadas parecia enunciar o que realmente vivenciavam as mulheres consideradas homossexuais praticantes e jogadoras de futebol. Não havia apenas um questionamento e estranhamento sobre a sexualidade, mas sim uma tentativa de exclusão daquele espaço, ainda que não tivessem a orientação sexual assumida. Uma reportagem do *Jornal do Brasil* mostrava o bom andamento da escolinha de futebol do ex-jogador Zico, da seleção masculina. Uma praticante apontou as indagações sobre sua sexualidade quando começou a praticar o esporte ali: "[...] 'No início implicaram com a gente, mas depois aplaudiram de pé', lembra a menina, ainda vítima de preconceito. 'Dizem que menina que joga bola é sapatão. Mas o que tem de gay jogando em time masculino...'" (SEM..., 1996, p. 18). As acusações enfatizadas por ela destinavam-se a uma eliminação da homossexualidade daquele espaço. Contudo, a novata praticante invertia o jogo quando dizia que no futebol havia tanto mulheres quanto homens homossexuais. Preferiu apontar e ao

mesmo tempo ironizar a situação, no lugar de declarar que precisariam de garotas que aparentassem feminilidade naquele esporte.

Assim, as meninas das duas primeiras entrevistas acima, vistas como femininas, buscavam assumir ainda mais um feminino. Em suas falas, esse tipo de mulher necessitava compor progressivamente o futebol feminino. Relacionando a acusação indicada pela garota que jogava na escolinha de Zico e a própria queixa feita pelas outras duas garotas que jogavam futebol na praia, a princípio o julgamento, a abominação e a contenção sobre a masculinização e a sexualidade das mulheres necessitava estar não só em quem acompanhava, mas também em quem praticava o futebol.

Este fato é relevante para perceber o preconceito que insistia em perseguir o futebol jogado pelas mulheres. As composições dos textos, as abordagens feitas sobre essa questão anunciam, declaravam intolerância ao acentuar a feminização daquele futebol para que ele pudesse se consolidar. Atestava-se isso no relato, por exemplo, que o *Jornal do Brasil* colocou da ala do time de beach soccer Patrícia: ““Tudo bem que ainda tem homossexual no futebol feminino, mas também já existe muita menininha de família jogando futebol. Aos poucos, esse esporte será feminino de verdade”” (MULHERES..., 1997, p. 4). Sua fala denunciava quais tipos de meninas, garotas, mulheres deveriam passar definitivamente a ocupar aquele espaço. Dessa maneira, tais mulheres acabavam reproduzindo e materializando um discurso hegemônico de feminilidade. Preocupavam-se pouco com as habilidades, afetando o futebol de suas companheiras consideradas masculinizadas, homossexuais e o de si próprias.

Os fragmentos jornalísticos proporcionaram ainda compreender que era permitida uma erotização, mas não uma homossexualidade, uma vez que, em campo ou fora dele, nas práticas diversificadas do futebol jogado por mulheres, o questionamento sobre a sexualidade, a permissibilidade de segregação e a indiferença voltavam-se principalmente àquelas masculinizadas, dado que eram essas que possivelmente seriam as homossexuais.

Sobre a reportagens das praticantes do futebol na praia, mais um elemento compunha a supressão e o ocultamento das especulações sobre a homossexualidade no futebol feminino. É necessário enfatizar que apenas deu-se abertura para meninas que fossem caracterizadas como femininas, o que é perceptível nas falas das entrevistadas. Esse fato expunha o cenário que afligia as mulheres e o futebol jogado por elas devido à constante contestação de sua sexualidade (homossexualidade) — tópico mais trabalhado ao longo deste subcapítulo. Ademais, diante das preocupações expostas, Patrícia, uma das entrevistadas, afirmou que ainda existiam homossexuais no futebol feminino, mas que essa situação estava

mudando. Ela reforçava que o futebol feminino um dia seria realmente “feminino”, ainda que esse processo fosse lento. Aparentemente, o que Patrícia alegava é que as jogadoras masculinas e/ou homossexuais se sobressaiam numericamente às jogadoras heterossexuais e/ou femininas.

As inquietações e imposições expostas apareciam desde a época do Esporte Clube Radar, quando os considerados eventos de homossexualismo eram frequentemente denunciados pelos jornais, como aconteceu no *Estado de S. Paulo*: “Depois de alguns episódios de homossexualismo na época do Radar (equipe dos anos 80), o futebol feminino de praia está mudando sua imagem”, diz Francisco Carneiro, presidente da federação” (BRASIL..., 1996, p. 5). Contudo, o jornal fez questão de indicar que começava com as novas jogadoras um processo de mudança de imagem.

Levando em conta tais observações, considerava-se que no futebol as jogadoras, em sua maioria, ainda eram representadas como masculinas e, consequentemente, identificadas como homossexuais. Tais apreensões de que o futebol era considerado masculino e que masculinizava a mulher eram aparentemente constantes; assim, seria então na feminilidade das novas praticantes e atletas que isso seria neutralizado: “A atacante gaúcha Isabel Nunes, de 28 anos, prova que jogar bola não tira a feminilidade. Ela se tornou a musa da seleção” (BRASILEIRAS..., 1995, p. G8).

Toda essa intranquilidade com o futebol feminino na década de 1990 demonstrava que esse esporte passava a ter também maior visibilidade da imprensa. Nessa perspectiva, conspícuo e vigiado, enquetes eram feitas com personalidades do meio artístico e do meio esportivo para opinarem sobre o futebol feminino e a feminilidade da mulher nesse âmbito. Exemplo disso é a resposta do atleta Robson Caetano para o *Jornal do Brasil*:

É um esporte *casca-grossa* para mulher. Tira a feminilidade até porque elas perdem a paciência mais facilmente que os homens. Até namoraria uma garota que jogasse futebol, mas tentaria mostrar que é um esporte sujeito a caneladas e joelhadas que ficam melhores para homens (FUTEBOL..., 1991, p. 33).

Falas como a de Robson Caetano eram frequentes entre as várias pessoas que eram solicitadas a se posicionar sobre o futebol praticado pelas mulheres. Desse modo, claramente eram excluídas nas entrevistas as jogadoras masculinizadas, certamente por serem rotuladas como homossexuais. Nesse sentido, Goellner (2005) já havia abordado a “masculinização da mulher e a naturalização da representação de feminilidade” no futebol como pontos principais em um de seus trabalhos para esclarecer a falta de visibilidade para o futebol feminino. O olhar

aqui também se volta para a masculinização/feminização, fatores que parecem estar intrincados e no âmago da relação mulher e futebol, desencadeando outras inúmeras questões, porém, se relacionará principalmente a este novo imaginário da mulher futebolística, definida como uma beldade, e a esta identificação aparentemente forçada da heterossexualidade no meio do futebol feminino.

Assim, a centralização do futebol feminino com características de uma identidade feminina pela imprensa e por algumas garotas — até o momento reconheceu-se que só as consideradas femininas eram abordadas para lidar com este tema — simulava um cenário que, ainda que aparentemente novo, já existente há bastante tempo nesse e em outros esportes. A representação do que era ser mulher, a responsabilidade pela beleza e a feminilidade que deveriam ser mantidas por elas, eram imposições socialmente atribuídas aos papéis determinados para cada gênero. Em campo isso não seria diferente, e as jogadoras eram conduzidas sobre como agir ou não, reafirmando e sustentando características impostas para satisfazer o público heteronormativo masculino, espectador considerado predominante do futebol.

Tais determinações sobre gênero propositadamente voltadas apenas para a mulher são tratadas por Butler (2016) ao enfatizar que, quando se remete a gênero, não há variabilidade de identificação com ambos os sexos, mas somente circunscreve-se nele a mulher. Butler ainda afirma que “a ‘unidade’ do gênero é o efeito de uma prática reguladora que busca uniformizar a identidade do gênero por via da heterossexualidade compulsória” (BUTLER, 2016, p. 67).

Nesse sentido, se as instituições relacionadas ao futebol não se posicionavam para impedir os direcionamentos dados pelas pessoas entrevistadas ou pelos jornais, serenamente concordavam com os discursos proferidos. Consequentemente, a prática do futebol pelas mulheres, seja ela informal ou profissional, seria regularizada por uma “normalização visual”. Assim, a feminização do futebol, em conjunto com uma normatização heterossexual de suas praticantes, reafirmaria os conceitos impostos de beleza, cuidado e vaidade como concepções ainda esperadas da mulher. Buscando afastar-se da virilidade e brutalidade que constituiriam o futebol, o intento de feminização do futebol ratificava a existência de que houvesse apenas um tipo de mulher.

De fato, a exclusão de outras concepções de mulheres não era característica única do futebol. Butler (2016) expõe que no feminismo isso também ocorreu: a autora abre um parêntese para explicitar que, apesar de as feministas buscarem igualdade, acabavam por excluir certos tipos de mulheres que não se encaixavam ali, fossem lésbicas, donas de casa,

esportistas etc. Desse modo, se no feminismo havia exclusões, no futebol, esporte hegemonicamente masculino, a resistência para incluir vários tipos de mulheres seria muito maior. O efeito relacional aqui é esclarecedor para entender que o processo de transformação de pensamento é complexo e perpassa todas as áreas no esporte, reduto masculino desde a concepção, compreenderia uma dificuldade ainda mais intensificada.

Nesse sentido, para elucidar ainda mais sobre as exclusões e as resistências para considerar os vários tipos e jeitos de ser mulher, observa-se aqui três reportagens que indicavam as conquistas alcançadas pela seleção feminina. A conquista de títulos era narrada pelo *Jornal do Brasil*, “A seleção brasileira de futebol feminino conquistou ontem, no Estádio João Havelange, em Uberlândia, Minas Gerais, o bicampeonato sul-americano, ao derrotar por 2 a 0 a equipe da Argentina” (SELEÇÃO..., 1995, p. 1). *O Estado de S. Paulo* enfatizou uma classificação não esperada da seleção para “disputar o bronze” no Mundial dos EUA, em 1999 (BRASILEIRAS..., 1999, p. 5). Essa classificação posteriormente resultaria, como aclamava também *O Estado de S. Paulo*, em um “inédito terceiro lugar” conquistado na Copa do Mundo de Futebol Feminino em 1999 (BRASILEIRAS..., 1999, p. 5).

Contudo, tais conquistas não foram suficientes para se sobrepor à maior preocupação do então técnico Wilsinho: a homossexualidade dentro do futebol feminino, pejorativamente colocada por ele pelo uso do termo *sapatão*, que invariavelmente se relacionava a mulheres masculinizadas. Verifica-se isso na entrevista cedida pelo treinador para *O Estado de S. Paulo*, em que, ao reproduzir essa expressão em sua fala, consequentemente afirmava a existência de apenas um tipo de mulher, esbravejando que “no Brasil, todo mundo pensa que futebol não é esporte de mulher, que só sapatão joga” (BRASILEIRAS..., 1999, p.5). Outros aspectos referentes ao futebol feminino também eram apontados pelo treinador, como resultados tão expressivos e dificuldades no não recebimento de salário para representar a seleção em competições de alto nível: “É um grande desafio, se você considerar que nossas meninas param de ganhar salário quando jogam pela seleção” (BRASILEIRAS..., 1999, p.5). Ainda que a questão salarial fosse apontada como fator realmente importante para dar sequência e condições mais estáveis para as atletas jogarem, o elemento que sobressaía na fala do treinador era o fato de que o futebol feminino precisava provar que ali havia mulheres de “verdade”.

Toda uma apreensão quanto à sexualidade das mulheres dentro do futebol, voltada principalmente para aquelas que eram consideradas masculinizadas, reforçava e demonstrava o reflexo social da aceitação apenas de mulheres que se encaixassem nos padrões vigentes de feminilidade. Nesse sentido, isso também indicava que nesse esporte a heterossexualidade se

estabeleceria tanto a partir das jogadoras da seleção quanto das praticantes informais.

Seguia advertindo o *Jornal do Brasil* em uma reportagem sobre as mulheres praticantes de esportes na areia: “Dos esportes femininos de praia, é no futebol que o homossexualismo está mais presente” (A VAIDADE..., 1997, p. 5). Este periódico dedicou uma página inteira com títulos diferenciados para abordar assuntos que englobavam quais esportes aquelas garotas mais praticavam e sobretudo sua sexualidade. Dentre esses esportes, o futebol se destacava como uma prática em que a homossexualidade era questão predominante, levando o jornal a alertar que:

Elas mesmo reconhecem: é no futebol feminino que o homossexualismo está mais presente. As jogadoras que não ‘atuam’ nessa área estão sempre preocupadas com o assédio das mais ousadas e contam que isso acontece até mesmo durante as partidas (ASSÉDIO..., 1997, p. 5).

Aqui identificava-se outro aspecto abordado como um campo fértil para interpelações da imprensa: o assédio. Estranhamente, era considerado como tal apenas quando vinha das mulheres, mas não quando dos homens. Não apenas a jornalista, Martha Ferreira, que escreveu a matéria estabelecia a questão dessa maneira, mas as jogadoras interrogadas também. Quando vindo de outras mulheres, era um incômodo; partindo de homens, julgava-se um elogio. “Como Patrícia, muitas preferem mais se exercitar na areia do que em academias. Sem falar que ganham pontos com os meninos quando dizem que são jogadoras de beach soccer” (O CAMINHO..., 1997 p. 4).

Constata-se, assim, que os critérios utilizados para delimitar o discurso sobre o que era assédio desconsiderava os homens. Quando o jornal e suas entrevistadas se propunham a priorizar exaustivamente o público masculino como o preferido para assistir, poder elogiar ou ainda acompanhar aqueles jogos, implicitamente e cuidadosamente excluía as mulheres que faziam o mesmo e reforçava tanto a homofobia dentro do futebol, quanto a ideia de que o assédio, quando vindo de homens, era um comportamento “normal”.

Além disso, a extensa matéria do *Jornal do Brasil*, mencionada acima, sobre as mulheres que praticavam esportes e, principalmente, futebol nas areias cariocas teve outra particularidade digna de atenção. Mais uma vez, nos jornais, o preconceito apresentado tanto pela repórter quanto pelas jogadoras não permitiu em momento algum que elas se ativessem ao fato de que mulheres mais masculinas ou mesmo homossexuais haviam sido suprimidas das entrevistas. Na verdade, estas, em toda a matéria, não apareceram ou sequer foram solicitadas a declarar algo sobre o assunto, ainda que estes veículos da imprensa fizessem

parecer que as entrevistadas fossem escolhidas arbitrariamente, como se ali compreendesse a opinião de todas as mulheres que praticavam o futebol.

Focalizar assuntos como a feminilidade, o assédio, e práticas homossexuais surtiram efeitos nos caminhos que a mídia elegia como principais para o futebol feminino, deixando em segundo plano os reais problemas dessa modalidade no país. Entre eles, apenas alguns, como a falta de estrutura e apoio, encontravam maior espaço nas páginas dos jornais em épocas de grandes competições ou campeonatos internacionais, quando se denunciava “jogadoras ganham salário mínimo e exercem outras atividades durante o dia para treinar à noite” (GAROTAS..., 1996, p. 5). Isso provavelmente acontecia em função do destaque mundial que tinha o time brasileiro feminino quando se criava as mesmas expectativas quanto ao time masculino. Entretanto, a partir dos aspectos levantados anteriormente, percebe-se que o domínio do corpo feminino se tornava prioridade sobre qualquer outro problema que o futebol feminino pudesse ter.

O homossexualismo, como referenciado naquele contexto pelos jornais e pelos (as) personagens entrevistados (as), era mais uma característica que se sobressaía para questionar e colocar em pauta o futebol jogado pelas mulheres. Em voga, estaria o estrago que a homossexualidade poderia causar. A *sapatão* e a masculinização da mulher nesse esporte prevaleciam frente a qualquer valorização de suas competências, o ímpeto de jogadoras e praticantes para elevar o futebol feminino a nível de disputas das competições mundiais mais importantes precisava se deparar com o estranhamento de sua provável sexualidade. Instigava-se a falar cada vez mais, a incitar o aparecimento, a fazer ver, ao mesmo tempo em que se incriminava quais mulheres pudessem ser daquela maneira (FOUCAULT, 2009). A homofobia fez-se presente como outro símbolo daquele futebol.

## 2. O COMPLEXO DE VIRA-LATAS

Neste capítulo, é relevante a compreensão da expressão “complexo de vira-latas” e sua relação com o futebol masculino antes de tratá-la a partir do futebol feminino. Busca-se, assim, entender as apropriações e representações desse significante pela imprensa quando destinadas, sobretudo, à sua seleção feminina nacional. Investiga-se, ainda, a produção, pelos periódicos, de um futebol contraditório quando praticado pelas mulheres, variando entre sua vulnerabilidade e sua excelência nesse esporte.

A princípio, para percorrer tal caminho, considera-se apropriado situar brevemente os anos 1990, período que foi de grandes reviravoltas para o povo brasileiro. A título de contextualização, a lista inclui a posse do primeiro presidente eleito por voto direto pós ditadura civil-militar, congelamento de poupanças, caras-pintadas, impeachment, uma estabilidade econômica com o plano real, seguida de uma fragilidade econômica etc. Acontecimentos de uma jovem e ainda — pode-se afirmar — frágil democracia.

No mundo do futebol, o início dessa década também trouxe algumas mudanças: os brasileiros, que estavam acostumados a ver em campo uma seleção masculina mais ofensiva e com habilidades individuais, teve na Copa de 1990 a decepção de um time que jogava na “retranca” e que acabou pagando por isso, segundo o *Jornal do Brasil*: “Se o resultado foi injusto, pelo que aconteceu em campo — o Brasil mandou três bolas na trave —, a eliminação brasileira é um castigo para a filosofia defensiva adotada pelo técnico Sebastião Lazaroni”(SELEÇÃO..., 1990, p.1). A tal filosofia de jogo foi então confirmada pelo fracasso de não passar nem das oitavas de final. Ainda assim, mesmo com a derrota e consequente eliminação daquele campeonato, a atuação brasileira dentro de campo foi elogiada, como se pode perceber pela observação de que o resultado não havia sido justo.

Contudo, as críticas sobre o time escalado pelo técnico Lazaroni prevaleceram antes e depois do mundial, e se intensificaram com a derrota. Assim, destacava *O Fluminense*:

O Mundial na Itália serviu para provar o que já se comentava antes: não se pode deixar de lado o talento, pois o futebol sempre foi arte. O torcedor vai a campo para ver o futebol bem jogado e não para assistir a aulas de esquemas táticos — reclama Dirceu Lopes (DIRCEU..., 1991, p. 11).

Para muitos, talento e tática não eram compatíveis — a opção por um selecionado mais defensivo não foi suficiente para ser estabelecida como uma evolução do futebol brasileiro. O estilo “retranqueiro” iniciado por Lazaroni chegaria à Copa de 94 e até renderia

frutos com a conquista do tetracampeonato mundial. O *Jornal do Brasil* trouxe uma fala do então coordenador técnico Zagalo, que vinha para afirmar a conquista a partir daquele esquema tático, tão criticado anteriormente pela imprensa e por quem acompanhava futebol: “[...] a Seleção voltou tetracampeã por haver jogado ‘o futebol mais moderno do mundo’. O Brasil, frisou Zagalo, ‘não deixou o adversário chegar perto do nosso goleiro’” (ZAGALO..., 1994, p.1).

A transformação não apreciada na Copa do Mundo de 90 talvez tenha ocorrido pela saída precoce do mundial e pela comparação que revelava um declínio frente a seleções brasileiras de outros períodos, em que se destacava o “futebol arte”. Tal fato fez com que se sobressaísse um sentimento de inferioridade naquele momento, mesmo que anos depois o Brasil voltasse a conquistar títulos, como pontuado por seu coordenador técnico em 1994.

A apresentação aqui abordada representa rapidamente esse frequente descrédito, essa inacreditável submissão brasileira ao estrangeiro, relacionada principalmente ao futebol, segundo Nelson Rodrigues. Tal perspectiva estava vinculada à expressão “complexo de vira-latas” cunhada por ele, quase como um termo, no final da década de 1940 e que, posteriormente, de forma notável, se consolidaria no vocabulário brasileiro. Resumidamente, em sua breve “teoria”, o autor apresentava este sentimento de inferioridade brasileiro frente às coisas estrangeiras, frente a si mesmo, a sua potencial capacidade, esse aspecto que, particularmente para ele, se materializava no mundo futebolístico.

Rodrigues concebeu a expressão poeticamente em uma crônica, na qual explica o complexo de vira-latas e como o brasileiro deve reagir a ele, enfatizando especificamente o futebol:

A pura, a santa verdade é a seguinte: — qualquer jogador brasileiro, quando se desamarra de suas inibições e se põe em estado de graça, é algo de único em matéria de fantasia, de improvisação, de invenção. Em suma: - temos dons em excesso. E só uma coisa nos atrapalha e, por vezes, invalida as nossas qualidades. Quero aludir ao que eu poderia chamar de ‘complexo de vira-latas’. Estou a imaginar o espanto do leitor: — ‘O que vem a ser isso?’. Eu explico.

Por ‘complexo de vira-latas’ entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol.

[...] Eu vos digo: — o problema do escrete não é mais de futebol, nem de técnica, nem de tática. Absolutamente. É um problema de fé em si mesmo. O brasileiro precisa se convencer de que não é um vira-latas e quem tem futebol para dar e vender, lá na Suécia (RODRIGUES, 1993, p. 62).

## 2.1 O complexo de vira-latas na seleção feminina

O futebol praticado pelas mulheres também vivia um momento de construção e de transformação na década de 1990. Mesmo assim, no tratamento midiático acerca da seleção feminina, pode-se identificar que tanto a mídia impressa, quanto as personagens desse esporte, não se distanciavam daquele intitulado e embutido complexo de vira-latas. Assim publicou em matéria *O Estado de S. Paulo*:

Há consenso entre Sissi e suas companheiras: elas foram longe demais, considerando de onde saíram. O futebol feminino não tem tradição no Brasil. As meninas foram escolhidas entre o pouco material disponível. O País tem apenas duas mil mulheres registradas em ligas amadoras. E como só tem dois times em atividade regular, nem pode ter campeonato. A China, por outro lado, tem 20 milhões de atletas em atividade, bancadas por empresas estatais. E os Estados Unidos têm sete milhões jogando em escolas e times amadores — o que dá aos dois países base comparável àquela que o Brasil tem no futebol masculino.

Diante de tanta desvantagem, a campanha do Brasil continua surpreendente. Em cinco dias, a seleção saiu do anonimato, ganhou manchetes no Brasil e cativou a torcida brasileira. ‘Vim apoiar o time porque meu pai me ligou no Brasil dizendo que elas estavam abafando’, disse Ilana Coutinho, de Cuiabá, universitária em férias nos Estados Unidos. ‘Apesar da derrota, arrebentaram contra a China’, disse a brasileira, que vai continuar na torcida por uma medalha de bronze. (JOGADORAS..., 1996, p. 1).

Ainda que tivessem ido mais além do que esperavam, buscavam ali revelar que havia poucas mulheres registradas em ligas amadoras frente à absurda diferença em relação a China e Estados Unidos e trazer uma torcedora que contava animadamente sobre as prováveis conquistas das brasileiras, apesar da derrota. Neste fragmento, nota-se, a princípio, que não aconteceu uma valorização da equipe, ao contrário, ressaltaram-se aspectos negativos, como a falta de tradição e de “material humano”. Além disso, quase no fim, percebe-se perplexidade em relação à campanha da seleção “diante de tanta desvantagem”, que contribuía para uma falta de prestígio quanto ao selecionado brasileiro, mesmo que seu caminho tivesse sido deslumbrante segundo a fala da universitária Ilana.

Um certo conformismo aparentemente dominava os jornais, já que a seleção feminina passava por um processo diferente da masculina: por exemplo, a busca por clubes que dessem estabilidade para as jogadoras, o que consequentemente acarretaria em salários mais sólidos e sequência de jogos para as atletas. Contudo, Sissi exteriorizou no *Jornal do Brasil* que a instabilidade estava presente no cotidiano delas:

‘Fui dispensada do São Paulo no final do ano passado e até agora não sei bem o motivo. Cheguei no clube e tinha uma lista com vários nomes, entre eles o meu. Disseram que a nova diretoria de futebol feminino queria reformular a equipe e eu não estava nos planos’, diz a única brasileira a figurar na seleção das 16 melhores jogadoras do mundial (UMA..., 1999, p. 20).

Desse modo, usar das mesmas expectativas com a seleção feminina, tais como, chegar em finais de campeonatos mundiais, disputar medalha em Olimpíadas, vencer grandes equipes nesses jogos ou mesmo em amistosos, de fato, não se enquadrava ali. Entretanto, o sentimento do complexo de vira-latas reaparecia e se reforçaria com um traço um pouco distinto. Na representação dos jornais não se expressava apenas uma subordinação, um descrédito quanto ao que faziam, mas também se acrescentava uma fraqueza, uma inabilidade que parecia ser inerente à mulher que praticava o futebol. Sobre esse aspecto, a concepção de fragilidade voltada para o feminino adquirida em meados do século XIX perceptivelmente permaneceu durante o século XX (RAGO, 2014; GOELLNER, 2003). Esta também não se desvinculou da mulher que começava a se exercitar ou daquela que fosse considerada atleta, como apontado Goellner em seu estudo sobre a *Revista Educação Physica*, no início do século XX. A autora salientava, inclusive, uma razão para isso acontecer: “ainda não estamos completamente emancipados do século XIX” (GOELLNER, 2003, p. 120). Dessa maneira, a matéria do jornal *O Estado de S. Paulo*, abordada acima, demonstrava que a concepção de fragilidade se manteve no futebol praticado pelas mulheres na década de 1990, ainda que por vezes implicitamente. Se não uma fragilidade de seu corpo, de seus gestos, de seu modo de ser, uma fragilidade de equipe, de um conjunto que emocionalmente não conseguia se manter, tacitamente enfraquecia-se o futebol jogado por elas. Percebe-se isso quando o periódico noticiou de maneira negativa a saída do campeonato, ao invés de apreciar e valorizar a força e competência das jogadoras que, dispondo de pouco auxílio para as competições de que participavam, levavam o país a resultados expressivos no âmbito do futebol feminino mundial.

Nesse sentido, as representações apontadas passariam a ser sinalizadas, sobretudo, com a seleção nacional diante das outras equipes femininas mundiais. Um exemplo disso é uma matéria publicada em *O Fluminense*:

GUANGHZOU, CHINA – Mesmo fazendo sua melhor apresentação no campeonato, marcando por pressão, a Seleção Brasileira feminina não resistiu ao forte time da Suécia, ontem à tarde, no Estádio de Punyu, e foi derrotada por dois a zero. O resultado acabou eliminando as brasileiras do Grupo B do Mundial de Futebol Feminino porque Taiwan venceu a Nigéria por dois a zero, pelo Grupo C, em Jiangmen, e conquistou a terceira vaga no saldo de gols.

O Brasil teve chances de vencer a Suécia no primeiro tempo, quando impôs um ritmo forte à partida, com muita correria e marcação eficiente em todos os setores do campo, mas não soube traduzir sua pequena superioridade em gols. Cenira, Rosa e Roseli chegaram a ficar frente a frente com a goleira Iug-Marie em três oportunidades. Acabaram desperdiçando as jogadas por falta de tranquilidade nas conclusões (BRASIL ELIMINADO..., 1991, p. 15).

Ainda que a seleção tivesse apresentado seu melhor futebol naquela competição, a falta de confiança prevaleceu ao longo do jogo. A forte marcação, o ritmo acelerado de suas atletas, resultou contraditoriamente em uma ínfima superioridade em campo frente à forte equipe sueca. A intranquilidade das jogadoras brasileiras foi concretizada no momento da finalização direta a gol, desperdiçando suas chances. Falharam no momento mais propício. Dessa maneira, o jornal traduzia o jogo de maior excelência da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1991. O complexo de vira-latas manifestava-se naquela notícia. O primor exibido no referido jogo não fez com que a seleção conseguisse acompanhar a outra equipe. Aliás, as outras equipes. Segundo os jornais, estas estariam bem à frente quanto à técnica, tática e porte físico. Afirmava o *Jornal do Brasil*:

### **As diferenças estão fora de campo**

*Time feminino de futebol lamenta a inexperiência*

ZURIQUE, Suíça – A eliminação do I Campeonato Mundial, na China, foi apenas reflexo do atraso do futebol feminino no Brasil. Diante das bem preparadas profissionais norte americanas e europeias, a seleção brasileira nada mais pôde fazer do que lutar muito. [...]

A diferença entre o futebol feminino praticado nos EUA e na Europa e o brasileiro começa fora de campo. Enquanto os brasileiros levaram uma comissão técnica inexperiente em competições internacionais, as equipes mais fortes tinham técnicos e preparadores físicos de alto nível, experimentados em confrontos entre seleções.

Mas o pior mesmo foi no campo. Paradas desde 1988 – no caso da goleira Meg, a ausência dos gramados chegou a sete anos – as jogadoras brasileiras começaram a treinar em março, na Granja Comary. Mas nesses quase sete meses a equipe só fez dois jogos internacionais, ambos no Sul-Americano, contra as fraquíssimas seleções da Venezuela e do Chile. No mesmo período, a Noruega fazia 12 e a Suécia, 16 (AS DIFERENÇAS..., 1991, p. 35).

O título da reportagem já contesta desaprovação em relação ao que acontece no futebol feminino brasileiro. O subtítulo relata a inexperiência do time. Porém, o jornal não se propõe a tratar a participação da seleção como algo bem visto. Se as jogadoras estavam paradas desde 1988 e conseguiram mesmo assim compor uma equipe para disputar o Mundial, seus esforços poderiam ser enaltecidos, mas num sentido oposto foram inferiorizados. Nem mesmo

a equipe técnica escapava a tais contestações e subordinações a outros países. A mídia insistia em enfatizar que as seleções do Mundial estavam muito à frente do futebol feminino brasileiro. Na mesma reportagem, o jornal ainda tenta apresentar soluções para o que acontecia no Brasil. A jogadora Marisa dava seu parecer:

**Soluções** – Para a líbero Marisa, 25 anos, capitão do time, há duas soluções complementares para que o Brasil melhore sua performance no próximo Mundial, em local ainda não definido: ‘Precisamos manter em atividade e, ao mesmo tempo, começar a investir em escolas, para formarmos novos valores’.

A importância do constante intercâmbio com países adiantados no futebol feminino foi exemplificada por Marisa, que cita exatamente algumas das seleções hoje favoritas para ganhar o Mundial. ‘Há uns cinco anos, a Dinamarca e a Suécia iam no Brasil e perdiam da gente de goleada. Agora, elas é que estão *matando a gente*’ (AS DIFERENÇAS..., 1991, p. 35).

Marisa, criticava não incisivamente a falta de incentivo com o futebol feminino no país. Contudo, no decorrer da reportagem, tanto o jornalista que a escreve quanto Marisa, faziam falas fundamentalmente olhando a desvantagem da equipe brasileira, em uma submissão declarada. Tanto para um quanto outra faltava, primeiramente, reconhecer a grandiosidade da seleção brasileira por estar naquela competição apesar do pouco incentivo para, depois, estabelecer uma crítica relacionada às outras equipes, o que acabava por significar a saída precoce do Brasil na competição. Produzia-se submissão, minguava-se o engrandecimento.

Nessa perspectiva, não só no complexo de vira-latas envolvia-se a imprensa e as (os) personagens do futebol jogado pelas mulheres. Havia também certa tentativa de identificar e colocar em pauta o talento e o esforço das jogadoras, como em matéria publicada por *O Fluminense*. O jornal valorizou o fato de que a seleção brasileira prosseguia empenhando-se nos campeonatos apesar do pouco respaldo dado:

### **Elas largam tudo pela seleção**

Elas largaram maridos, famílias e empregos e se enclausuraram na Escola de Educação Física do Exército, na Urca. Na Zonal Sul do Rio, por amor ao futebol.

[...] Quem está vibrando com o trabalho é o técnico Edson Luis Antunes da Silva, o Edil, ex-jogador do Fluminense na época de Telê e Castilho [...] É uma experiência incrível, diz, impressionado principalmente com a habilidade das garotas. Nossa time tem craques fantásticas, jogadoras com um talento raro hoje em dia no futebol masculino. Caso, por exemplo, da capitã Marisa, uma paulista que se impõe pela liderança e pelo futebol seguro na defesa, e Pelezinha, ou melhor, Marilza Martins da Silva, uma crioula de 27 anos, dez de futebol, 1m53, que já foi capa de revista na Europa por causa do apelido famoso e da técnica refinada.

Pelezinha largou os pagodes e a vida pacata de dona de casa no subúrbio de Lins para voltar a jogar. Ela estava parada desde 88, quando o Radar acabou com seu time de futebol. Pentacampeã Brasileira, joga no meio-campo e, apesar do apelido, diz que se ídolo sempre foi Adílio. Meu estilo é idêntico ao dele, compara. A goleira Patrícia Aparecida de Menezes, 29 anos, do Atlético Clube Goianiense, tentou conciliar a atividade na Seleção com as tarefas de mãe, mas não conseguiu. Triste, ela constatou que era impossível participar dos treinos e amamentar a filha Ana Julia ao mesmo tempo. Mesmo com a ajuda das colegas, que se revezavam no atendimento ao bebê. Patrícia preferiu pedir dispensa. Chorei muito, porque queria ficar, mas preciso ser realista, lamentou.

Bem diferente dos homens, que brigam por prêmios milionários e se dedicam exclusivamente ao futebol, essas jogadoras têm garra e disciplina. [...]

A lateral direita Rosa é outro exemplo. Para conciliar treinos trabalho e faculdade, ela vive correndo. Liberada parcialmente pela empresa onde trabalha, de digitação, tem uma programação de treinamento especial as segundas, quartas e sextas-feiras. Faz exercícios pela parte da manhã, trabalha à tarde e cursa Administração à noite. O sacrifício é válido porque gosto de futebol diz. [...] (ELAS..., 1991, p. 12).

O jornal sublinhava, a partir do título da reportagem, que as jogadoras largavam tudo para poder representar a seleção brasileira na Copa do Mundo. Fator que as diferenciava dos jogadores, já que esses poderiam se dedicar apenas ao futebol por ter à disposição prêmios milionários. Essa matéria é rica para a compreensão das contradições do futebol feminino no Brasil, expondo a falta de respaldo para o esporte, mas o amor a ele que fazia com que as jogadoras resistissem e insistissem. Habilidosas e talentosas, porém vulneráveis às coisas da vida, ser mãe e atleta ainda não era uma possibilidade. Suscetíveis também a si mesmas apesar da garra e disciplina? Aparentemente sim, visto que o preparo físico esperado daquelas mulheres no futebol acabava por ser buscado individualmente, de forma solitária, como foi o caso da lateral direita Rosa. Toda a situação exposta pelo jornal supostamente remetia a uma nobre atitude das jogadoras. O periódico enalteceu as atletas tanto em função de suas habilidades quanto em relação à considerada vida dupla para poderem estar em campo.

Contudo, a exaustiva dedicação das atletas, o raro talento considerado pelo técnico Edil exaltando, inclusive, esse aspecto em relação ao futebol masculino, sua animação com as “craques” antes do mundial e o entusiasmo daquela publicação demonstraram que tais aspectos não foram suficientes para se estabelecer uma sensação progressiva de êxito da imprensa. O sentimento da “vergonhosa” derrota para os EUA em sua participação no primeiro Mundial estampava a página do *Jornal do Brasil*.



**Figura 1** EUA vencem de 5 a 0 e Brasil entra em crise  
Fonte: Jornal do Brasil. 20 nov. 1991, 1º Caderno, p. 14.

Isso se sobressaía a qualquer aspecto exposto na matéria anterior. O constrangimento ultrapassava as qualidades que resultaram numa participação naquela competição que, em nível mundial, era considerada das mais importantes, algo que deveria elevar o status das brasileiras. Dessa maneira, contrapondo as duas reportagens, tornou-se pertinente analisar a princípio a imagem e o título colocados na segunda, a qual citava a derrota do Brasil. Esses dois pontos se entrelaçavam, impactando e norteando o(a) leitor(a). Pode-se afirmar que, propositadamente, eles tinham a característica de introduzi-lo(a) ao contexto que seria apresentado na notícia.

Nesse sentido, percebe-se o olhar entristecedor e a aparência de visivelmente derrotadas das atletas que representavam a seleção<sup>13</sup>. Entretanto, na legenda um alento: “Apesar da goleada, Meg (E) foi destaque do time” (EUA..., 1991, p. 14). Portanto, atestava-se ali novamente que as jogadoras brasileiras tentavam dar seu melhor e, mesmo que seu melhor não tivesse surtido efeito, como evidenciava o *Jornal do Brasil*, confortaram-se de haver obtido um destaque em campo. A cena refletia a caracterização do complexo de vira-latas — o aparente fardo de se ter um talento próprio para aquele esporte e não conseguir vencer, como ocorreu com a seleção masculina. A sutil diferença é que, ao mesmo tempo, se mesclava a isso uma

<sup>13</sup> Como se pode verificar na legenda da figura 1, à esquerda está Meg (goleira da seleção feminina no Mundial de 1991) e à direita não é possível identificar quem era a jogadora, já que o *Jornal do Brasil* não colocou essa informação em sua legenda ou no decorrer da matéria. Mas, pelo destaque dado à fotografia, provavelmente se referia a alguma atleta que, como Meg, também se sobressaiu durante o jogo que resultou na eliminação do Mundial.

expressão de fraqueza, como na imagem apresentada, e uma inabilidade — como equipe — das brasileiras frente às outras seleções, o que culminava naqueles resultados, conforme argumentado pelo mesmo jornal ao longo da a matéria:

PUNYU, China – Na derrota, a crise. Depois de chorarem de emoção com a vitória sobre o Japão, domingo, as meninas da seleção brasileira feminina de futebol choraram ontem de raiva. Apesar de toda a garra e disposição demonstradas elas não foram capazes de segurar o forte time norte-americano e acabaram goleadas por 5 a 0 (EUA, 1991, p.14).

A derrota para os EUA deixava a situação da seleção brasileira na competição complicada, dificultando ainda mais uma possível classificação para a fase seguinte, além também de ter contribuído para um distanciamento entre as jogadoras e comissão técnica.

O grande problema, contudo, é conseguir fazer, outra vez, uma equipe do grupo que está na China. Após a derrota aconteceu uma cisão no time. Algumas jogadoras reclamaram que o coordenador da delegação, Eurico Lyra, *patrono* do Radar, deveria assumir a equipe e não deixar a responsabilidade por conta do técnico Fernando Pires (EUA..., 1991, p. 14).

O jornal completava a situação destacando: “**O jogo** – A diferença de categoria entre os dois times é tão grande que não se pode, sequer, criticar a atuação do Brasil” (EUA..., 1991, p. 14). Ainda que o periódico tenha afirmado que não se deveria criticar o desempenho da seleção, claramente isso não foi enfatizado no título e na imagem que anunciavam a notícia.

Se por um lado as narrativas da imprensa identificavam a seleção feminina de tal maneira, renegada, muitas vezes, por outro, como na imagem abaixo publicada em *O Estado de S. Paulo*, e ainda de maneira tímida, pode-se perceber que a sua atuação em campo foi reconhecida mais uma vez. Mesmo que esse reconhecimento não se voltasse para as habilidades de todas as suas atletas, tratando-as como uma equipe talentosa, mas, sim, focassem principalmente ao resultado alcançado apontando como responsáveis por isso apenas algumas delas.



Márcia Taffarel combate a alemã Silvia Neid; jogadoras brasileiras, antes desacreditadas, agora estão perto de uma medalha olímpica

**Figura 2** Garotas boas de bola estão na semifinal.  
Fonte: O Estado de S. Paulo, São Paulo, 26 jul. 1996, p. 9.

Dessa maneira, a diferença de uma imagem para outra é, de fato, gritante: na segunda, é clara a representação de uma luta em campo, de um esforço produzido para se chegar à vitória, do “combate” enfatizado na manchete do jornal para se estar “perto de uma medalha olímpica”.

Da fraqueza à firmeza, da falta de credibilidade a certa confiança, minimamente as narrativas começavam também a despontar para uma apreciação da imprensa por uns e outros talentos da seleção brasileira. Conforme aconteceu com a jogadora Roseli, enaltecida em matéria publicada por *O Fluminense*:

[...] Considerada a melhor jogadora da seleção, Roseli é um daqueles talentos que os italianos costumam designar de fuori-di-classi. A leveza com que se movimenta em campo lembra, e muito, Adílio. O passe preciso, os dribles desconcertantes e as arrancadas irresistíveis em direção ao gol explicam porque as colegas a chamam de Zico (GAROTAS..., 1991, p. 11).

O *Jornal do Brasil* também exaltava a atuação das jogadoras: “A seleção brasileira de futebol feminino está dando seguidos shows no Campeonato Sul-Americano que se realiza

em Uberlândia. Pretinha, Sissi e Roseli fazem gols sensacionais” (PRECONCEITO..., 1995, p. 13).

Entretanto, o problema e a desconfiança seriam detectados na chegada de competições consideradas mais importantes, caso do Mundial, em que as derrotas com placar de larga escala e as vitórias apertadas aconteceriam com mais frequência. Neste momento é que a reportagens jornalísticas demonstravam o principal viés estabelecido pela imprensa para representar a seleção brasileira feminina de futebol. As principais abordagens se relacionavam a expor o modo como a seleção se portava perante os resultados obtidos ou não, e o destaque para a vitória ou para a derrota tinha intenção de colocá-la amiúde aquém em comparação a outras seleções. Os jornais faziam disso um fato muito maior do que a valorização de seus talentos e de suas conquistas.

Nesse sentido, o complexo de vira-latas diferenciava-se um pouco quando comparado à seleção masculina, sobretudo nos principais jogos e competições. No caso da seleção masculina, a preocupação destinava-se principalmente ao descrédito dos jogadores quanto a suas próprias habilidades, bastando apenas uma mudança de atitude dos atletas em campo para poderem vencer. Já no caso da seleção feminina, ressaltava-se menos que existiam qualidades nas jogadoras ou que elas deveriam acreditar mais em si, em seu potencial. Pelo contrário, na maioria das narrativas jornalísticas considerava-se que o rendimento do selecionado feminino estava deixando a desejar perto de outras equipes — como já exposto acima —, de maneira a destacar em sua conduta em campo não apenas aquela inferioridade, mas também uma fraqueza, contradizendo, assim, à garra e ao potencial da seleção ressaltados pelos próprios jornais nas reportagens apresentadas.

Neste sentido, novamente a complexidade das diferentes representações da imprensa se entrecruzavam. Os sentidos e significados encontrados frequentemente nas reportagens iriam trazer um novo aspecto para o contexto dos jornais com o futebol feminino: a vulnerabilidade de sua seleção nacional. Esse viés estaria relacionado mais uma vez à fragilidade, mas também à insegurança e ao desprezo para com ela, já que ao olhar de quem acompanhava o futebol, aquele praticado pelas mulheres ainda estaria fora dos padrões estabelecidos. No entanto, em um sentido inverso, começaria também a se manifestar a existência de que havia uma excelência nas praticantes, em seu futebol, sobretudo nas jogadoras do selecionado nacional.

## 2.2 Entre a vulnerabilidade e a excelência das mulheres brasileiras no futebol

### **Marcinha chora à toa na China**

Punyu, China – O primeiro treino no Estádio de Punyu, onde a seleção brasileira feminina de futebol jogará contra os Estados Unidos (dia 19) e Suécia (27), pela Copa do Mundo, foi marcado por um susto. Marcinha, titular do meio-campo, levou uma pancada no joelho esquerdo e, com medo de não jogar na estréia, contra o Japão, dia 17, chorou muito, só se tranquilizando com o apoio das companheiras e a garantia do médico Marco Antônio Damiani de que não será problema (MARCINHA..., 1991, p. 14).

Para problematizar o tema proposto nesta seção, hipoteticamente a notícia de uma atleta chorando materializava a vulnerabilidade. Uma vulnerabilidade marcadamente feminina levava a jogadora a se desestabilizar pelo que nem sabia ainda que poderia acontecer com ela. O sentimento destacado no título pelo jornalista teve um componente consideravelmente emocional e ironicamente crítico. A apresentação do fato dessa maneira aparentemente colaborava para que o choro copioso da jogadora Marcinha fosse interpretado e determinado mais como um aspecto negativo do que positivo.

Esse episódio no *Jornal do Brasil* expunha e vinha a reafirmar — como já mostrado anteriormente — a associação, construída desde meados do século XIX, da relação entre mulher e fragilidade (RAGO, 2014; GOELLNER, 2003). Ela não escaparia de um imaginário social, e outra vez ainda se refletiria no esporte, mesmo um século e meio mais tarde. Chorar ou mesmo se intimidar perante uma situação considerada crítica pareciam ser elementos inherentemente femininos que não cabiam no meio esportivo, como sugerido na matéria supracitada. Não houve espanto com o ocorrido, mas na narrativa era salientado que aquelas lágrimas foram desnecessárias, que a atleta, antes de se desesperar, deveria ter aguardado a confirmação do médico responsável por atender a seleção.

Esta perspectiva revelava intencionalidades da mídia impressa a respeito do futebol feminino ou das mulheres que o praticavam: apropriava-se daquele fato construindo representações que apontavam para uma aparente incapacidade das atletas de suportar dor física ou mesmo de lidar com duros acontecimentos.

Nesse sentido, parte-se do pressuposto de que a imprensa se apoiava naqueles ideais de um frágil feminino, embora dispusesse das maneiras mais distintas para representar as mulheres no futebol. Exemplifica-se isso a partir do caso da jogadora Marcinha — seu choro poderia ter tido significações a partir de dois pontos: primeiro, a fragilidade, como já colocado e enfatizado, e foi o que prevaleceu no destaque dado pelo autor da reportagem, demonstrando

que aquilo não era compatível com quem iria disputar um campeonato de tamanha importância. Segundo, sua atitude poderia ser considerada digna de honra, cabendo-lhe isso por ser o jogo da primeira participação da seleção feminina em um Mundial organizado pela FIFA. Seu desespero, assim, se tornaria louvável e suas lágrimas transmitiriam autenticidade e credibilidade, revelando ao público que para aquela atleta era importante não se ver fora desse acontecimento histórico para o futebol feminino brasileiro.

Dessa maneira, não apenas a fragilidade feminina se fazia presente: tais demonstrações de vulnerabilidade dentro de campo se direcionavam à insegurança e desqualificação do futebol jogado por mulheres, caracterizando não somente uma falta de habilidade, mas também um certo desdém pelo futebol apresentado. Em uma reportagem do *Jornal do Brasil*, essa parecia ser a percepção das pessoas que acompanhavam o futebol feminino, ainda que as palavras de Roger Rogers, editor chefe da *Women's Soccer World* alertassem sobre a, segundo ele, não merecida desvalorização da seleção: “É injusto definir o futebol feminino brasileiro como um dos piores. Depois das Olímpiadas elas cresceram muito” (O ..., 1998, p. 1).

Disposições como estas não ficavam apenas restritas ao selecionado brasileiro, pareciam surgir nos jornais como um signo próprio do futebol praticado pelas mulheres: “Uma observação sobre o futebol feminino: o campo deve ser diminuído. É chão demais pra pouca perna” (PASSAPORTE, 1995, p. 21). Nessa notícia, evidentemente se considerava o futebol apresentado pelas mulheres como desqualificado, dando a entender que era inviável para elas alcançarem o nível em que já se encontravam os homens nesse esporte.

Se a instabilidade e a falta de qualidade representavam o destino dado ao futebol feminino, seria com a seleção brasileira que mais uma vez tais questões ficariam perceptíveis. Nota-se, então, que a relação com a insegurança quanto a esse futebol estaria tanto dentro de campo quanto fora dele, desde a formação até a delegação. Afirmava o *Jornal do Brasil*:

### **Seleção feminina em crise retorna hoje**

A crise entre a comissão técnica e o comando da seleção brasileira de futebol feminino não cessou nem mesmo durante a visita da delegação a esta cidade suíça. O técnico Fernando Pires acusou o coordenador Eurico Lira de interferir em seu trabalho e influenciar negativamente algumas jogadoras (SELEÇÃO..., 1991, p. 5).

Aqui percebia-se claramente que o coordenador técnico não deixava o treinador fazer seu trabalho para alcançar os resultados necessários. A falta de confiança gerava conflitos

e, da maneira colocada pela imprensa, surtiria o efeito daquela vulnerabilidade dentro do futebol feminino como um todo.

Se, por um lado, *O Estado de S. Paulo* enfatizava o relato da jogadora Márcia Taffarel sobre a situação vivenciada dentro da seleção, em que a jogadora afirma que eram muito cobradas por resultados de excelência, como a equipe masculina, mas sem contar com a mesma estrutura (NOSSAS..., 1996, p. 10), por outro esse problema aparentemente não era considerado a razão de uma instabilidade no time. *O Jornal do Brasil* também denunciava isso deixando de explicitar o que acontecia de fato:

A eliminação da seleção brasileira ainda na primeira fase da Copa do Mundo de futebol feminino, encerrada ontem na China com a vitória da seleção dos Estados Unidos sobre a Noruega, por 2 a 1, mostra bem a realidade do esporte no Brasil (BRASIL NÃO ACOMPANHA ..., 1991, p. 34).

Na matéria não se explicava que realidade era essa, ali não se colocava se era sobre falta de apoio e estrutura ou mesmo se as brasileiras tinham apoio e capacidade para vencer e não conseguiam, permitindo abertura para qualquer tipo de interpretação.

Isso leva a observar que o viés da imprensa algumas vezes era de hesitação, porém, em diversos momentos, seu foco principal se destinava mais a representar como vulnerável o futebol praticado pelas mulheres. A participação do escrete nacional em competições com uma visibilidade considerada maior como as Olímpiadas e os Mundiais até era reconhecida como uma conquista e uma potencialidade, mas de uma forma mais escassa.

Desse modo, embora a maior parte das notícias se dedicasse a expor a seleção ou mesmo aquele futebol das mulheres de tal maneira, taxando-o inúmeras vezes como instável e desqualificado, ao mesmo tempo também despontaria, pode-se dizer, uma intenção discreta e significativa de enaltecimento desse esporte por parte dos jornais. Eles iriam trazê-lo como uma novidade esportiva, um anseio a ser conquistado pelas antigas e pelas novas jogadoras, contendo em si uma característica peculiar: se resumia às competições estaduais e aos sul-americanos disputados pela seleção brasileira.

Diferentemente do Mundial e das Olimpíadas, nos Sul-Americanos não se valorizava o esforço, a força de vontade, mas sim a habilidade, o talento e, no caso do selecionado, a excelência do futebol em comparação a outras seleções. Exibia *O Estado de S. Paulo* em um de seus títulos ao falar sobre a seleção brasileira: “Futebol Feminino reserva outro show” (FUTEBOL..., 1995, p. 2). Ao longo dessa reportagem, o jornal ainda continuava colocando o Brasil bem acima do outro time. Apesar de considerar a Bolívia um “fraco

adversário” que poderia perder por “até dez gols”, isso não desmereceu em nada a equipe, de forma que o valor dado a ela foi o elemento que prevaleceu desde o título até o fim da notícia.

Essas são razões, por vezes, se contraporiam às matérias anteriores, intrigando o acompanhamento e a interpretação feita dos periódicos. Anteriormente, nas poucas vezes em que houve valorização do futebol das mulheres, foram o empenho e garra as questões consideradas para estabelecer o porquê chegávamos com as mulheres em colocações antes não esperadas, como o terceiro lugar no Mundial de 1999 e o quarto lugar na Olimpíada de 1996. Contudo, nos campeonatos considerados menores, como o Sul-Americano, a representação da seleção feminina se modificava, passando-se a mostrar como sua principal característica o talento. Assim, outras qualidades apareciam nos relatos dessas competições: a confiança, a credibilidade e o respeito ao futebol apresentado.

Nesse sentido, *O Estado de S. Paulo* novamente publicou uma matéria privilegiando a ótima atuação brasileira e sua superioridade no Sul-Americano:

A seleção brasileira encerrou sua participação neste Sul-Americano com um saldo altamente positivo. Marcou 44 gols e sofreu apenas 1. Também teve a goleira menos vazada da competição, Meg, com apenas um gol. A artilharia do campeonato também ficou no Brasil: Sissi marcou 12 gols. De sobra, o Brasil conquistou a única vaga da América Latina para disputar o Mundial da Suécia, de 5 a 18 de junho (SUL-AMERICANO..., 1995, p. 2).

Nessa relação heterogênea se encontrava ainda outra diferença: para esses campeonatos menores, as notícias, em sua maioria, se localizavam no fim das páginas dos jornais, eram publicadas com menor frequência e com pequenos destaque. Já para os campeonatos considerados maiores, apareciam cada vez mais — ainda que em quantidade consideravelmente menor perto das matérias sobre a seleção masculina — com grandes manchetes e por diversas vezes no início das páginas.

Por fim, quando estabelecida a questão entre a posição das matérias nos jornais para campeonatos maiores e menores, é possível chegar a algumas conclusões a respeito das variadas representações sobre a seleção feminina e o futebol praticado por mulheres. Considerando a maior visibilidade para as notícias amplas ou para as que estavam no início das páginas, fossem elas esportivas ou não, ali era o local em que a vulnerabilidade era destacada em detrimento ao esforço ou ao talento, explicitando o viés desejado pela imprensa na representação desse futebol, ainda que também fosse possível encontrar, mesmo que vagamente, uma representação de excelência das mulheres brasileiras naquele recorte temporal.

### 3 O SILENCIO NAS FONTES

Este capítulo se propõe a analisar as narrativas dos jornais ao abordar questões referentes a treinos, preparação física, desempenho e estrutura destinada ao futebol feminino, observando principalmente o desenvolvimento das competições em que a seleção brasileira participava. Trabalha-se com a hipótese de um olhar masculino que ao mesmo tempo reforçava e subestimava que esse futebol, mas, sobretudo, que a seleção feminina pudesse estar no mesmo patamar da seleção masculina, assunto já abordado no primeiro capítulo. No entanto, procura-se agora, a partir dos temas propostos, explorar os silêncios deixados pela imprensa em relação a isso. Nessa perspectiva, busca-se ainda por vestígios nas fontes que possam, contraditoriamente, ecoar na compreensão de um silenciamento dos noticiários na construção de representações próprias sobre a seleção brasileira e o futebol jogado por mulheres. Tencionase mais uma vez em perceber as continuidades e rupturas presentes nesse processo. A princípio, considerou-se discorrer de forma sucinta sobre o silêncio para demonstrar sua significativa contribuição na pesquisa com as fontes históricas.

Peres (2002) buscou, em seu estudo a respeito da presença de homens negros nos cursos da Biblioteca Pública de Pelotas, enfatizar a importância do silêncio no contexto historiográfico. A autora expõe a marginalidade destinada aos negros daquele período (1877), fato que se dá ainda hoje. Tal trabalho deu abertura a relacioná-lo à mesma marginalização destinada às mulheres no e do futebol da década de 1990, recorte temporal desta dissertação, e também ao futebol jogado por elas. Em um contexto de esquecimento, mas de maior aparição — permite-se afirmar que essa abertura ao futebol feminino se deu em função das grandes competições —, jogava-se ali um jogo complexo. Se por um lado aparecia mais, por outro era negado. Neste cenário, imbricavam-se as percepções sobre a existência e permanência desse futebol e da seleção brasileira: era o silenciamento sublinhando sua presença? Verificar-se-á ao longo deste capítulo.

Vestígio causador de algumas apreensões, o silêncio pode ser encontrado nas entrelinhas dos documentos, ele também pode estar evidente, ainda que não seja identificado; ambos os casos exigem um olhar cuidadoso, minucioso da (o) pesquisadora (or). Ao remeter aos periódicos, em suas capas e colunas, tal indício por vezes não está estampado, não é explicitado nas narrativas e nas imagens; contraditoriamente, parecia que sempre esteve ali, fez-se visível sem ser notado; considera-se que havia nesses dois pontos uma relação ambígua e complementar. Assim, torna-se imprescindível reconhecer que a observação do silêncio se compõe de características que possibilitam chamá-las de enigmáticas; por vezes estavam

subjacentes, por vezes estavam evidentes. O silêncio, como outros traços que aparecem nas fontes, também indica pretensões e anseios (ROSA, 2010).

Nessa perspectiva, conforme realizava-se o procedimento de análise dos jornais, dois aspectos se sobressaíam na construção de suas páginas quando abordavam o futebol feminino e, sobretudo, a seleção nacional: a disposição das notícias e o tipo de narrativa na exposição dos fatos. A compreensão inicial era de que algo estava sendo enunciado ali, mas o leigo entendimento vinculado à curiosidade sobre a diagramação dos periódicos resultou no esforço de explorar e apropriar-se melhor disso. Segundo Silva (1985, p. 28), “com a arte da palavra, coexiste no jornalismo impresso a arte gráfica. O jornal é antes de tudo, alguma coisa que se vê: do todo se parte para os grandes títulos e para as ilustrações. Importantíssima a paginação. Desce-se, depois, ao texto”.

Assim, em relação ao primeiro ponto exposto acima, ao visualizar a página de um jornal, o posicionamento de um tópico a ser tratado pode visibilizá-lo ou não. Isso depende consideravelmente de onde ele é colocado, além de sua delimitação naquele espaço. Quanto ao segundo, a produção de uma narrativa contribui para que haja ou não omissão dos assuntos abordados, revelando ou negligenciando — e não por menos silenciando — questões. Essas perspectivas colaboraram para compor, construir, suprimir contextos e persuadir o (a) leitor (a).

### **3.1 Narrativas que silenciam**

Os periódicos da década de 1990 dedicavam publicações específicas e ao mesmo tempo extensivas aos esportes, em que se pode afirmar que o silêncio buscava anunciar, provar, anular, e/ou negar certas concepções. Diante disso, marcas, representações e apropriações da imprensa e das atletas ganhavam força, a partir principalmente de um olhar masculino que rondava as jogadoras e o futebol jogado por elas, olhar esse que vinha não só dos homens, mas também das próprias mulheres, conforme constatado em uma notícia do jornal *O Fluminense*:

Para poder pisar em campo, ou melhor, na praia, elas tiveram que quebrar o antigo tabu de que futebol é coisa de homem. ‘Os meninos são muito machistas. No começo eles nem deixavam a gente jogar, mas agora que viram que nós jogamos direitinho, até nos deixam jogar’, conta a goleira Ana Carolina, com uma ponta de ironia. Mas, na opinião das meninas, o maior preconceito vem mesmo por parte de outras garotas. ‘As meninas são muito mais preconceituosas. Quando falo que jogo futebol logo olham esquisito’, conta a zagueira Laila (FUTEBOL..., 1998, 2º Caderno, p. 1)

Ceticismo e futebol feminino pareciam ser sinônimos no mundo esportivo.

Recorda-se que isso acontecia desde os primeiros aparecimentos históricos desse esporte no Brasil (SILVA, 2015). A matéria acima, de *O Fluminense*, expõe o fato dessa perspectiva ainda vigorar na década de 1990. A fala da atleta entrevistada evidenciava o preconceito, o estranhamento e a dúvida que prevalecia na prática do futebol feminino. Assim, o jornal, quando não refletia sobre as questões apresentadas, silenciava-se, sobretudo, em relação à incerteza de meninos e meninas que queriam limitar a prática desse esporte pelas mulheres. Portanto, o silêncio era categórico nos periódicos e perpassava as relações existentes.

Hesitação e omissão com aquele futebol e com suas mulheres fortaleciam-se especialmente a partir de uma visão masculina sobre o mundo, que nos esportes se manteve, mas no futebol se potencializou, fato que se deu diante de uma hegemonia construída pelos homens dentro do universo futebolístico (GOELLNER, 2005). Dessa maneira, os jornais reproduziam olhares dissimulados e de invisibilidade ao falar do futebol jogado por mulheres. Atenta-se à reportagem do jornal *O Fluminense* sobre a seleção brasileira:

Segundo o treinador, outro aspecto pode contribuir para o sucesso das meninas do Brasil neste Campeonato Sul-Americano. Parte do material esportivo levado aos Estados Unidos para a seleção brasileira que não foi usado durante a Copa do Mundo está sendo utilizado pelo selecionado feminino. Dema espera que os bons fluídos da seleção tetracampeã mundial possam passar as meninas através do material (BRASILEIRAS..., 1995, p. 9).

Nessa notícia, há um marcador de gênero quando o jornal denomina a seleção feminina de “selecionado feminino” e a seleção masculina de “seleção brasileira”. Enquanto uma equipe é considerada “seleção brasileira”, sem remetê-la ao gênero masculino, dada como única nacional do futebol, a outra é chamada de selecionado feminino, precisando ser generificada para reconhecê-la naquela modalidade esportiva. Contudo, o ponto a ser explorado aqui é a apatia do periódico e do técnico da equipe sobre a utilização do material da seleção masculina pela seleção feminina. Nota-se que isso em momento algum é contestado por ambos e aparentemente ainda é contemplado pelo treinador como um amuleto para as jogadoras. Olhar masculino de quem sempre esteve no futebol, o não questionamento pelo material cedido — se é que se pode assim dizer — de uma seleção para outra e o tipo de tratamento igualitário em relação às expectativas por resultados em competições era certificado pela eventualidade dos equipamentos. Os restos deixados pelo futebol masculino ao futebol feminino não estavam sendo considerados como migalhas ou sobras, mas sim um talismã para a conquista do campeonato.

Se aquele decênio ainda estaria fadado ao quase total controle masculino do futebol,

tais domínios também se refletiram na mídia impressa. Não somente julgando o futebol feminino com incertezas e desconfianças, como já enfatizado em capítulos anteriores, mas tratando suas potenciais diferenças com indiferenças. Do esquecimento ao silêncio sobre treinamento (tanto das equipes brasileiras quanto da seleção nacional), das condições dadas às mulheres que praticavam de forma mais profissional o futebol à estrutura para que esse esporte pudesse, ou não, acontecer. Assim noticiaava *O Fluminense* sobre a preparação da seleção brasileira para o Mundial:

A Seleção Brasileira de Futebol Feminino enfrentará a equipe juvenil masculina do Barra, clube de Teresópolis que participa do Campeonato Estadual Fluminense. O amistoso, que visa à preparação do time feminino para o Campeonato Mundial, a ser disputado na China, de 16 a 30 de novembro, está marcado para hoje, às 9h30min, na Granja Comari, em Teresópolis. (FUTEBOL..., 1991, p. 11)

A matéria colocava a situação como um planejamento para o 1º Mundial de Futebol que estava prestes a acontecer em novembro, na China. Alguns fatos ali podem ser refutados. Os amistosos preparativos estavam acontecendo apenas há dois meses do Mundial, o que indicava o pouco tempo de treino antes da competição. Além disso, esses jogos foram realizados com uma equipe juvenil masculina. Pode-se apontar, assim, que não havia equipes femininas com nível potencialmente suficiente para enfrentar a seleção, revelando que quase inexistiam eventos competitivos frequentes para o futebol feminino, uma vez que que, se existissem, demandariam equipes no mesmo nível de disputa com a seleção e dispensariam os times juvenis masculinos. Ainda no decorrer da reportagem, não se enunciava qualquer tipo de informação sobre as possíveis condições do futebol jogado pelas mulheres, demonstrando-se uma omissão jornalística ao referido assunto.

Entretanto, a imprensa desconsertava entendimentos de sua relação e de uma construção da representação do futebol feminino quando, noutro sentido, notadamente, valorizava os poucos campeonatos que passavam a ocorrer para esse esporte, sobretudo, ao reconhecer a participação e os resultados da seleção em competições internacionais e ao destacar as potencialidades de suas jogadoras. Como fez *O Fluminense*:

A Seleção Brasileira Feminina chega a esta final com um futebol criativo, habilidoso e de muitos gols. Nas quatro partidas que disputou na fase classificatória, venceu todas por goleadas. Tem um saldo de 42 gols a favor e apenas um contra. É também a equipe mais disciplinada do torneio, com apenas um cartão amarelo.

O futebol veloz, de muitas jogadoras de linha de fundo, vem revelando alguns

talentos como as jogadoras Rosely, Pretinha e Sissi. (BRASIL..., 1995, p. 9)

Era um movimento oscilatório, por vezes ambíguo, no qual, intentava-se não perder os aspectos que o correlacionassem ao silencimento desse esporte. Paradoxalmente, de fato, apareciam também valorizações daquele futebol, e isso emergia das fontes como na matéria apresentada acima. Nessa perspectiva, apesar do destaque pelos triunfos obtidos se configurarem em representações de competência da seleção brasileira e do futebol apresentado por ela, supostamente na matéria entendia-se — para quem acompanhava o futebol feminino a partir da mídia impressa — que as vitórias e conquistas vivenciadas naquele esporte pouco dependiam de respaldo para subsistir ou que ainda, as jogadoras dispunham aparentemente de um considerável apoio. Isso porque os resultados conquistados mostravam-se excepcionais. Dessa maneira, a imprensa omitia-se e invisibilizava outras condições existentes no âmbito do futebol jogado pelas mulheres, principalmente pela seleção nacional, quando naquela reportagem não dissertava sobre isso. Tais situações foram assinaladas quase um ano depois pelo próprio jornal *O Fluminense*:

A curta e brilhante trajetória das meninas, confunde a torcida. O mundo inteiro pensa agora que elas são tão boas quanto se espera de uma seleção brasileira. Na verdade, elas nem formam uma seleção, já que o País não tem muitas atletas para selecionar. A terra do futebol não tem futebol feminino. Calcula-se que apenas 2 mil mulheres jogam peladas nos finais de semana. Só dois clubes têm atividade regular, Saad (SP) e Vasco (RJ). O time de Atlanta é baseado em equipes de futebol de salão. Nasceu em Campinas, de uma ação entre amigos. Ganhou um discreto empurrão da CBF. Foi bancado por uma empresa privada nas promoções esportivas, que até agora deve estar no vermelho – vapt e vupt e elas estão próximas do pódio. (AS..., 1996, p. 11)

Há uma crítica nessa matéria ironizando a situação do futebol feminino no país. Atenta-se a dois pontos importantes expostos ali. Primeiro, o “discreto empurrão da CBF” para “nascer” uma seleção, e, segundo, que a seleção foi “bancada por uma empresa privada”, mas que, como frisava o periódico, financiá-la acabou deixando a empresa “no vermelho”. Dessa maneira, a reportagem sugeria que a Confederação Brasileira de Futebol pouco apoiava as jogadoras e sua equipe técnica, tendo o selecionado brasileiro que depender e recorrer a outros tipos de auxílio para que pudessem disputar grandes competições.

O texto, ainda que irônico, ofuscava um pouco a compreensão de seus (as) leitores (as) em relação à prática do futebol jogado pelas mulheres no Brasil. A narrativa levava a entender que o futebol feminino não crescia porque o “país não tinha muitas atletas para selecionar”. Determinava assim que o Brasil não contava com jogadoras suficientes para que

se pudesse ter um trabalho adequado naquela modalidade e, por isso, a seleção não era considerada uma seleção completa — em qualidade e quantidade. Pondera-se então que faltava na notícia relatar porque “a terra do futebol não tem futebol feminino”. Para além do pouco apoio financeiro e das poucas atletas, haviam outras circunstâncias que levavam ao descaso com aquele esporte.

Se o periódico no início da reportagem destacou e anunciou com apreciação “a curta e brilhante trajetória das meninas”, deixando evidente que isso “confundia a torcida”, também explicitou no fim o quanto era surpreendente que as jogadoras pudessem “estar próximas do pódio”, aparentemente em relação ao pouco apoio dado a elas. Narrativas complexas que demonstravam certo silenciamento sobre as condições do futebol feminino e da seleção brasileira. Mesmo que ao longo do texto sarcasticamente falassem sobre isso, não justificavam a motivação do pouco auxílio. Assim, entende-se que a supressão desse tipo de crítica deixava de visibilizar o mérito da seleção de ter vencido sem grandes suportes institucionais. O aparato era, na verdade, próprio e pessoal.

Havia mais exposição e reconhecimento do futebol jogado pelas mulheres, abrangendo desde a disputa dos campeonatos estaduais aos internacionais, das praticantes do futebol cotidiano às atletas dos clubes — considerados poucos, mas que passavam a se abrir para esse esporte — e jogadoras da seleção. O jornal *O Estado de S. Paulo* explicita esse momento ao trazer uma extensa reportagem dedicada à prática do futebol feminino, colocando falas de uma jogadora da seleção citando seu respectivo time, até relatos de crianças que ansiavam ser atletas profissionais.

### **Dica de Profissional**

Lunalva Torres de Almeida, mais conhecida como Nalvinha, joga desde os 7 anos de idade. Além de fazer parte da seleção, a ponta-direita é uma das principais jogadoras do Saad, clube que existe há 11 anos e é um dos poucos que resistiu ao preconceito de manter um time feminino. Quando era criança Nalvinha costumava jogar bola com o irmão e com os amigos de rua, que a tratavam muito bem. ‘Eles me chamavam para entrar no time porque sempre fazia gols’, lembra-se. Mas nem todo mundo aceitava o seu comportamento. Nalvinha não consegue esquecer da diretora do colégio onde estudava: ‘Ela não cansava de mandar bilhetes para os meus pais’, recorda-se. De acordo com Nalvinha, a diretora não se conformava com o fato de uma menina fazer parte do time masculino. Seus pais, ao contrário, sempre a apoiaram (ESTAS MENINAS..., 1995, p. 6).

Cabe enfatizar que essa notícia estava na coluna do Estadinho, destinado a crianças, caderno à parte de *O Estado de S. Paulo*, não compondo, portanto, o caderno de esportes, onde

teria maior visibilidade entre os que acompanhavam futebol. A matéria continha duas páginas, um corte entre elas e a má qualidade digitalização não permitia lê-la por completo, limitando a verificação da continuidade do texto e de suas respectivas imagens, restringindo, assim, as possibilidades de acesso aos relatos completos de meninas aspirantes a jogadoras ali publicados. Mesmo com tal restrição, essa notícia oferecia um contexto significativo a ser trabalhado. Nota-se um certo anseio de Juliana Prandit, de 10 anos, para se tornar jogadora, “Fico imaginando o dia que entrar no campo de futebol [...]” (ESTAS MENINAS..., 1995, p. 6 e 7), ela ainda completa sua fala mencionando que gostaria de ser como um jogador.

O periódico se propôs a tratar do futebol jogado pelas mulheres, mas negligenciou demandas como o desamparo exposto em notícia anterior. Tratou do preconceito sofrido por Nalvinha, possivelmente na infância e adolescência, porém não pelos seus pais, que, como manifestado pela jogadora, “sempre a apoiaram”. O jornal não a questionou sobre como era lidar com isso depois de estar na seleção ou se no momento em que foi feita a matéria ela ainda passava por discriminações, o que deixava em aberto esse assunto em relação ao selecionado brasileiro. Ademais, o próprio *O Estado de S. Paulo*, na página seguinte, continuava a falar de futebol feminino, relatando o preconceito existente em meninas que estavam iniciando a prática desse esporte: “[...] Os meninos acham que elas vão atrapalhar e as amigas, por outro lado, preferem brincar de casinha” (ESTAS..., 1995, p. 7).

A omissão diante das questões apresentadas acontecia tanto na exposição da notícia, a qual estava em uma página não destinada a esportes, como também em um não posicionamento mais categórico do jornal sobre o que foi demonstrado em relação ao preconceito vivenciado por quem jogava. A mídia impressa pouco — ou quase nada — se indagava sobre esses temas, e, ao que parece, apenas passava superficialmente pelas situações apresentadas. Seja em relação à discriminação sofrida pelas jogadoras, seja pela falta de respaldo — tanto nas vitórias inesperadas como até em referência às “brilhantes” exibições da seleção em campo. Conforme *O Fluminense*:

#### **Dirigente diz que seleção deve melhorar**

Uberlândia/MG – Com a classificação ao Campeonato Mundial assegurada por antecipação, a seleção brasileira encerra hoje, a sua participação na primeira fase do Campeonato Sul-Americano de futebol feminino [...].

[...] As brasileiras garantiram por antecipação a vaga no Mundial, marcado para junho próximo, na Suécia, graças à campanha invicta até o momento na competição, juntamente com o elevado saldo de gols. Nem mesmo uma inesperada derrota para as bolivianas hoje, além de uma vitória da Argentina sobre o Chile, tiram a classificação do Brasil.

[...] O favoritismo do Brasil dá tranquilidade ao técnico Ademar Júnior, o

Dema, para promover cinco alterações na formação da equipe. (DIRIGENTE..., 1995, p. 9)

O noticiário trazia os bons resultados, a classificação e a campanha invicta da seleção no Campeonato Sul-Americano, mas o título da reportagem se contrapunha ao belo retrospecto naquela competição. Indicava-se no título uma incerteza de futuro para a equipe, enunciando que deveria haver uma melhora significativa para a disputa do Campeonato Mundial, ainda que estivesse sendo considerado no corpo do texto a generosa exibição da equipe.

Assim, naquela página se encontravam duas notícias; a abordada acima, na verdade, estava abaixo da seguinte reportagem:

### **Meninas do Brasil tentam chegar à final**

**Uberlândia** – Embora considere a Seleção Brasileira uma ótima equipe, a chefe da delegação do Brasil neste Campeonato Sul-Americano de futebol feminino que está sendo disputado em Uberlândia, Rosilene de Araújo Gomes, não esconde sua preocupação com a participação das brasileiras no Campeonato Mundial da categoria, em junho próximo, na Suécia (MENINAS, 1995, p. 9)

O título do noticiário que gerava a dúvida da dirigente reforçava o que foi tratado na notícia anterior pelo próprio jornal, que expunha as dúvidas e preocupações quanto ao Campeonato Mundial da chefe de delegação da seleção. Ainda que, ao longo da notícia, se desse destaque ao fato de o selecionado brasileiro ser considerado indiscutivelmente favorito no campeonato Sul-Americano, ao receber o título de “Dirigente diz que seleção deve melhorar” indica que se preferiu enfatizar posteriores preocupações em detrimento de uma valorização daquele bom momento. Ademais, *O Fluminense* não refletia sobre as reais razões para as preocupações demonstradas pela chefe de delegação da seleção para a disputa do Mundial. O jornal seguiu abordando o assunto da seguinte maneira:

Segundo a dirigente, que é também presidente da Federação Paraibana, não há dúvidas sobre a hegemonia do Brasil em termos sul-americanos. Entretanto, Rosilene acredita que as meninas ainda não estão preparadas o suficiente para brigar pelo título da principal competição de âmbito internacional.

Para ter condições de brigar de igual para igual com as adversárias do Mundial, Rosilene aponta a disputa de amistosos internacionais, de preferência com as equipes que estarão competindo na Suécia, como a preparação ideal. ‘O Brasil está no caminho certo e o trabalho da comissão técnica deve ter continuidade, acrescentado apenas de amistosos

internacionais com as seleções favoritas ao título Mundial', enfatizou (MENINAS..., 1995, p. 9).

A falta de preparação do escrete brasileiro exposta a partir da fala de Rosilene, indicando poucas disputas de jogos internacionais com equipes consideradas mais fortes, aparentemente não causava comoção suficiente em quem escrevia sobre o tema, uma vez que isso não foi mencionado pelo periódico como um problema, nem se apontou que realmente a seleção precisaria contar com mais jogos desse tipo. Era o silenciamento diante dos poucos treinamentos e preparações.

As notícias referentes às participações e idas a competições importantes seguiam sem grandes expressões nos jornais. Apresentava o *Jornal do Brasil*:

A seleção brasileira feminina de futebol embarcou ontem para a Suécia, onde disputará o Campeonato Mundial, a partir do dia 5. O Brasil espera ficar entre os oito primeiros, para garantir vaga nos Jogos Olímpicos de Atlanta, em 96. O Brasil está no Grupo A, com Japão, Alemanha e Suécia (SELEÇÃO..., 1995, p. 29)

Assim, não só as narrativas apáticas se sobressaíram ao dissertar sobre a seleção. A exposição e o posicionamento das reportagens eram outros fatores preponderantes que contribuiriam para o silenciamento da imprensa. Se naquela matéria anterior *O Estado de São Paulo* buscou falar sobre a ascensão do futebol feminino em uma coluna não esportiva, agora o *Jornal do Brasil* trazia a seleção partindo para disputa de uma Copa do Mundo. Tal fato não foi suficiente para dar-lhe destaque no início das páginas de esportes: a notícia se encontrava com a pequena descrição colocada acima e situada entre outras notícias sobre futebol — ali se encontravam desde campeonatos estaduais a práticas relacionadas a lazer, fazendo com que ela pudesse até passar despercebida, apesar da importância que tinha a referida competição.

Não obstante, os jornais tratavam frequentemente das competições da seleção e ensaiavam algumas perspectivas relacionadas a seu futebol. Segundo o *Jornal do Brasil* a seleção iniciou bem a competição Olímpica de Atlanta:

BIRGMINGHAM, EUA – A Seleção Brasileira feminina de futebol fez ontem no Estádio Legion Field de Birmingham o que o time masculino não soube fazer domingo, em Miami. Venceu o Japão por 2 a 0, mostrando a mesma determinação da estréia, quando empatou em 2 a 2 com a Noruega, atual campeão mundial. [...]

O time brasileiro entrou em campo mais uma vez mostrando seriedade, disposto a liquidar a partida logo no primeiro tempo. Nesta etapa, aliás, houve equilíbrio, e o placar de 0 a 0 acabou refletindo o ritmo lento do jogo, ditado pelo calor de 28 graus de Birmingham.

No segundo período, a Seleção Brasileira foi infinitamente superior. Dominou as ações, impedindo que as japonesas, especialmente as atacantes Kieka e Noda, as mais perigosas de sua equipe, pudessem manobrar. (FUTEBOL..., 1996, p. 8)

O *Jornal do Brasil* dedicou naquele momento várias páginas para falar sobre a participação de atletas brasileiras (os) na Olimpíada de Atlanta. Essa notícia era consideravelmente longa e reportava principalmente o resultado, supostamente não esperado, obtido pela seleção brasileira naquela competição, valorizando ainda o esforço de suas jogadoras por consegui-lo. Apesar do futebol “superior” jogado por elas, este não obteve expressividade. A notícia sobre a evolução incomum da seleção se encontrava ao final e na última de 8 páginas dedicadas a versar sobre a respectiva participação do Brasil nos esportes olímpicos.

Nessa mesma edição, o jornal faz uma tentativa de reconhecer a potencialidade do futebol feminino em sua página de abertura: “A Seleção Brasileira feminina de futebol vingou a derrota da Seleção de Zagalo e venceu o Japão ontem, por 2 a 0. A equipe agora está em boa situação para classificar-se à segunda fase da competição” (MULHERES..., 1996, p. 1). O *Jornal do Brasil* acabava assim minimizando a vitória da seleção feminina não somente por mencionar no texto o selecionado masculino, mas por enfatizá-lo no título da reportagem, estabelecendo que: “Mulheres vingam Seleção de Zagalo”. Além disso, o subtítulo dessa notícia anunciava: “No vôlei de praia, duplas brasileiras vencem na estréia”, seguida por uma imagem em que apareciam as atletas do vôlei.



**Figura 3** Mulheres vingam Seleção de Zagalo.  
Fonte: Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 24 jul. 1996, p. 1.

Identifica-se uma mistura de esportes nessa notícia; reconhece-se isso a partir da foto da atleta de vôlei de praia e das menções no texto às seleções de futebol e de basquete femininas. O êxito das equipes não sobressaiu a intitular a reportagem, que mencionava a seleção masculina de futebol: o título da matéria, que aludia também ao futebol feminino, representava-o como mulheres e destacava a situação da seleção do técnico Zagalo. Já a imagem foi ocupada por uma jogadora de vôlei de praia que tinha um reconhecimento considerável naquele período, Jaqueline Silva. Tais fatos, dispostos dessa maneira, focando em outros esportes, pareciam reduzir a conquista da seleção brasileira feminina de futebol, contribuindo para ofuscar o brilho obtido naquela trajetória. A vitória da seleção feminina, hipoteticamente, teve algum mérito por “vingar” a seleção masculina.

Os resultados expressivos da seleção nos Jogos Olímpicos, relatados pelos periódicos, não condiziam com outras notícias, às vezes poucas, quase únicas, que buscavam mostrar algumas situações enfrentadas pelas jogadoras do Brasil para estar nessa competição. Como expôs *O Estado de S. Paulo*:

#### **Futebol feminino vai a Atlanta em busca do futuro**

*Para a seleção, os Jogos representam a conquista da credibilidade e a luta contra o preconceito*

O futebol feminino do Brasil vai aos jogos de Atlanta em busca de um futuro. Se em outras modalidades a Olimpíada é o objetivo final, para o futebol de mulheres representa a chance de conquistar mais do que uma medalha ou um bom resultado. É a busca de credibilidade e aceitação e a luta contra o preconceito. ‘Se conseguirmos uma boa atuação e uma medalha, pode ser a chave para tudo’, resume Sissi, armadora, capitã e uma das principais jogadoras do time do técnico Zé Duarte.

Aos 28 anos, Sissi faz parte de uma geração que abriu o caminho do futebol feminino nos últimos 15 anos. Sofreu com a falta de estrutura e surge como exemplo para novas atletas (FUTEBOL..., 1996, p. E7).

Meses antes dos Jogos Olímpicos de Atlanta, o periódico destinou uma coluna inteira para falar do preconceito e falta de credibilidade em relação ao futebol jogado pelas mulheres. Apesar de não parecerem raras, também não foram muitas as vezes em que os jornais se propuseram a dissertar em matérias mais extensas sobre a seleção feminina. Tal destaque ocorria, ao que tudo indica, quando o escrete feminino se destacava em grandes competições como a Copa do Mundo e as Olimpíadas.

O tratamento de questões que rondavam o futebol feminino, como falta de estrutura e preconceito, poderiam ser julgados como meras descrições transmitidas pela imprensa através

de críticas sutis, quase imperceptíveis. Continuava *O Estado de S. Paulo* na mesma reportagem: “A questão é saber se haverá continuidade. Na terra do futebol tetracampeão, o lado feminino é visto com reservas até dentro da CBF, que transferiu a administração da seleção olímpica para uma empresa Sport Promotion”. O periódico que expôs a situação da seleção feminina com a CBF, se absteve no momento em que podia taxar aquilo como um abandono institucional em relação ao futebol feminino. Ainda que a imprensa não deixasse de enfatizar os (novos) êxitos, a maior exposição apenas nas épocas de grandes competições e o tipo de narrativa acabavam contribuindo para uma omissão ou (in) visibilidade do futebol jogado pelas mulheres. Os jornais que construíam diversificadas representações, também tornavam pouco comprehensível como de fato situava-se esse esporte.

Nessa perspectiva, *O Estado de S. Paulo* prosseguia com outra notícia considerável sobre a seleção brasileira. No entanto, é apenas do meio para o fim que se menciona a falta de apoio reclamada pelo técnico Zé Duarte:

*Time ficou com o moral alto após o empate com a Noruega, campeã mundial*

A equipe entra em campo embalada pelo empate contra a Noruega, campeã do mundo em 95, ‘Poucos esperavam isso de nós’, diz o treinador. ‘Mas para mim não foi nenhuma surpresa’. O empate foi tão surpreendente que a seleção ganhou uma coluna de comentários no jornal New York Times [...]

Duarte escondeu as meninas durante um mês em Rapid City, a 3 mil quilômetros do Alabama. O time que saiu de lá é desconhecido da imprensa e da torcida brasileira. ‘Nós não tivemos apoio de ninguém no Brasil, estamos sozinhos nessa’, queixa-se o treinador (SELEÇÃO..., 1996, p.10).

Se para Zé Duarte, técnico da seleção, não foi surpresa o resultado, para o jornal, ao contrário, era notável o espanto com a atuação brasileira ao dizer que “O empate foi tão surpreendente que a seleção ganhou uma coluna de comentários no jornal New York Times [...]” (SELEÇÃO..., 1996, p. 10).

Logo, os periódicos trouxeram as jogadoras e a seleção nacional como vencedoras e superadoras de obstáculos, surpreendentemente aquelas mulheres se reinventaram para poder jogar, alcançaram colocações e vitórias em competições não esperadas pelo público e pela imprensa que a acompanhava. Concomitantemente, os noticiários se silenciavam ao não refletir sobre questões referentes a desempenho, treinos e estrutura destinadas ao futebol feminino, sobretudo em relação a seleção brasileira e suas jogadoras. Segundo os próprios jornais, as mulheres do escrete nacional jogaram inúmeras vezes acima do esperado. Entretanto, foram também narrativas apáticas e de não questionamento sobre esse aspecto, que indicavam uma

indiferença da imprensa ao que se passava.

Expor ainda as contraditórias conquistas no fim das páginas ou com reportagens que pareciam notas de rodapé poderia, em um sentido oposto, produzir expectativas equivocadas em relação ao futebol feminino. Assim, seguia *O Fluminense* trazendo a atuação das brasileiras em mais uma competição olímpica:

Birmingham (EUA) – As meninas do futebol brasileiro entraram na Olimpíada em uma vaga que não era delas, foram pintadas como zebra e jogaram quase no anonimato – mas hoje à noite elas enfrentam a Alemanha como líderes de seu grupo, o empate basta para garantir vaga nas finais. A liderança, pelo saldo de gols, não demonstra o quanto foi difícil para a equipe. Elas empataram com as norueguesas – campeãs do mundo – e venceram as japonesas, vingando a derrota de Bebeto e Companhia em Miami (FUTEBOL..., 1996, p. 10).

Narrativas ambíguas que geravam e simbolizavam silenciamento por parte da imprensa. Por um lado, valorizavam, mesmo que com certo espanto, o futebol apresentando pela seleção feminina, e por outro, deixavam de explicitar quais condições eram dadas ao futebol jogado pelas mulheres e pelos homens.

Entre outras coisas, os olhares jornalísticos para as duas seleções — feminina e masculina — poderiam valorizar as diferenças existentes em um futebol e em outro. Porém, aparentemente, persistiam em destacar a diferença comparando esses futebóis, colocando-os como algo que estava “no sangue” tanto das brasileiras quanto dos brasileiros, o que significaria um dom “natural” em ambos os casos, causando a impressão de que vitórias brasileiras no futebol eram algo já esperado, predestinado. *O Estado de S. Paulo* demonstrava isso, mostrando as expectativas da imprensa na disputa da semifinal da Copa do Mundo Feminina entre Brasil e Estados Unidos relacionando esse jogo ao das seleções masculinas na partida de 1994 da Copa do Mundo Masculina:

WASHINGTON – Exatos cinco anos depois da dramática vitória por 1 a 0 do Brasil sobre os Estados Unidos, nas quartas-de-final da Copa de 1994, os dois países voltam a medir forças no futebol neste domingo, no estádio de Stanford, em Palo Alto, Califórnia. Desta vez, no entanto, são mulheres que vestirão os uniformes dos dois países. A partida é uma das semifinais do terceiro Mundial Feminino. [...]

Chamadas pela imprensa americana de ‘as rainhas do samba’, as brasileiras comandadas por Sissi são praticamente desconhecidas em seu próprio País, onde as mulheres são as primeiras a dizer que futebol é ‘coisa de homem’. Mas, nas últimas três semanas, elas e as jogadoras das outras seleções mostraram quase tanto talento quanto os homens para consolidar a chegada do esporte mais popular do mundo em sua última e potencialmente mais rica fronteira (MOÇAS..., 1999, p. 2).

O periódico colocava as jogadoras da seleção no mesmo patamar que os jogadores, ainda que uma certa dúvida permanecesse nesse discurso, e traz apenas uma passagem — somente uma — sobre o preconceito enfrentado pelas praticantes e atletas de futebol no país, ao mesmo tempo em que, de certa forma, valorizava a prática e a disseminação do futebol feminino nos EUA. Todavia, dava voz a esse esporte e as atletas brasileiras com uma imagem positiva:



*Sissi e Tânia, após a vitória sobre a Nigéria que classificou o Brasil: na alegria, a bandeira ficou invertida*

**Figura 4** Moças ajudam no crescimento da popularidade do futebol nos EUA.

Fonte: **O Estado de S. Paulo**, São Paulo. 1999, 04 jul. 1999, p. 2.

O discurso no noticiário parecia favorável ao futebol feminino. Se o jornal razoavelmente expôs o preconceito, não fez o mesmo com a condição dada às jogadoras brasileiras, como havia feito em matéria anterior, omitindo-se em relação ao que poderia significar ser jogadora de futebol no Brasil. Ademais, o periódico apresentava uma hesitação em afirmar um talento para aquelas mulheres, preferindo qualificar como um “quase talento”, demonstrando uma distância entre as habilidades do futebol feminino e masculino aos olhos da imprensa. Incerteza para um tipo de futebol, o jogado por mulheres, que naquele fragmento da matéria tomava a prática dos homens como a verdadeira prática ao determinar que as seleções femininas tinham “quase tanto talento”.

*O Estado de S. Paulo* também deixava explícito em sua narrativa que havia uma popularidade para o futebol praticado pelas mulheres e que aparentemente elas estavam tendo

o mesmo espaço que os homens para atuar em campo. Sua presença nos gramados estava confirmada por definitivo, e os questionamentos sobre isso já aparentavam ser infundados. Dessa maneira, a imprensa relutava a um real entendimento de qual era o tratamento dado a esse futebol e a essas jogadoras no país. Percebe-se tal aspecto em uma passagem que o *Jornal do Brasil* relatava a empolgação e a preocupação do técnico Zé Duarte sobre a seleção:

A derrota de 3 a 2 para a China no domingo não tirou o animo da Seleção Brasileira de futebol feminino na Olimpíada. ‘Viemos aqui para ganhar uma medalha de bronze e vamos consegui-la’, garantiu ontem o treinador da equipe, Zé Duarte, confiante em uma boa apresentação de suas atletas no jogo que decide o bronze, quinta-feira, contra a Noruega. A partida será às 19h (horário de Brasília), também no Estadio Sanford de Athens.

‘Muita gente não sabe que algumas de nossas jogadoras têm problemas de desnutrição. Infelizmente o futebol feminino no Brasil ainda não possui estrutura. Não temos superatletas, como a Alemanha, o Japão e outros países que conseguimos superar na habilidade, na força de vontade’, desabafou Zé Duarte, que treinou o time durante oito meses, e que tem a certeza de que verá seus esforços recompensados. [...] E espero que voltando ao Brasil as jogadoras não fiquem desempregadas e não tenham que voltar a jogar futebol de salão em São Paulo para sobreviver’, concluiu.

A decisão do torneio de futebol feminino da Olimpíada também será quinta-feira, às 21:30 (horário de Brasília) no Sanford de Athens, entre EUA e China (FEMININO..., 1996, p.3).

A fala do treinador revelava novamente dois pontos pertinentes em relação ao futebol de mulheres no país. Primeiro, o descaso com suas atletas e, segundo, a pouca ou quase inexistente assistência dada a esse esporte. Isso é expresso quando Zé Duarte enfatiza os “problemas de desnutrição das jogadoras”, a “infelicidade de que o futebol feminino ainda não possuía estrutura” e também que na “volta para o Brasil as jogadoras não ficasse desempregadas tendo que jogar futebol de salão em São Paulo para sobreviverem”. Tais considerações poderiam ser problematizadas pelo jornal, porém isso não aconteceu. O periódico preferiu silenciar-se sobre os pontos expostos pelo treinador da seleção, concluindo a reportagem detalhando a partida da final entre EUA e China.

Ainda que nestas notícias houvesse uma omissão em relação aos treinamentos e condições do futebol feminino no Brasil, ela poderia ser contestada por fatos já expostos nos capítulos anteriores — e mesmo nesse —, que enalteciam as conquistas da seleção e até do futebol feminino, em função de sua pouca visibilidade, aspecto que se destacava nas competições consideradas de pequeno porte. Porém, essas novas reportagens marcavam-se pelo silenciamento das situações apresentadas e o reconhecimento, nesse sentido, esmaecia. Dessa forma, pode-se supor que a imprensa pretensiosamente colocava as jogadoras brasileiras e o

futebol feminino na mesma posição dos jogadores brasileiros e do futebol masculino, anulando-se um modelo de performance esportiva — ouso chamar assim — em função de manter outra como principal.

Duas práticas futebolísticas iguais e distintas. Cada futebol continha suas particularidades e o jogado pelas mulheres inegavelmente passava a ser inscrito nos periódicos da década de 1990. Seriam as formas de representá-lo e de representar as mulheres neste âmbito que indicariam como ofuscar ou condecorar aquele tipo prática. Reforçar as conquistas do futebol feminino considerando suas condições poderia simbolizar um não silenciamento e uma visibilização mais adequada da mídia impressa em relação a esse esporte. Contemplado e contestado, o futebol feminino eclodia nos jornais, mas também era sutilmente silenciado.

Pode-se afirmar dessa maneira que havia uma negligência da imprensa na construção das narrativas sobre o futebol feminino e a seleção brasileira. Usando como referência o futebol masculino, sem identificar as potencialidades e defeitos de cada uma das modalidades, potencialmente prejudicava a recém-autorizada prática das mulheres e a “novata” seleção brasileira. Buscar as mesmas expectativas tanto para um futebol quanto para outro não contribuía para as diferentes possibilidades de mulheres e homens jogarem. Afirmava o *Jornal do Brasil*:

A moda dos jornalistas americanos envolvidos na cobertura do mundial é ficar comparando o estilo de jogo das seleções feminina e masculinas de cada país. O Brasil lançou esta moda depois de golear as mexicanas com um show de bola. Todo mundo ficou achando que tinha baixado o time dos homens na seleção. ‘A Copa das mulheres é tão previsível quanto à dos homens. As brasileiras dançando sobre os adversários, as alemães jogando futebol viril e as nigerianas o tempo todo no ataque’, diz Barry Wilner, jornalista da agência de notícias AP. [...]

Ninguém espera um jogo fácil para o Brasil, hoje em Chicago mas se a máxima de que a Copa das mulheres acontece igual à dos homens for verdadeira o Brasil deve não só vencer a partida como se impor de vez na lista das favoritas para o título (‘AZURRA’..., 1999, p. 23)

De acordo com a narrativa exposta pelo jornal, a qual trouxe a fala de um jornalista norte-americano, a comparação não abrillantava a atuação das seleções envolvidas, mas, sim, deixava aquela Copa “tão previsível quanto à dos homens”. Ocultava-se as diferenças que poderiam enaltecer cada um daqueles futebóis. Diferenciá-los não significaria a existência de limitações técnicas e táticas para um e para outro, porém valorizaria as especificidades, colaboraria com a visibilidade de cada uma das modalidades. “A moda” do futebol comparativo das seleções femininas com as seleções masculinas foi iniciada segundo o jornal pelo

selecionado brasileiro, que ao invés de ser aclamado por sua atuação considerada “show de bola”, julgou necessário enfatizar que “todo mundo ficou achando que tinha baixado o time dos homens na seleção”.

Assim, a mídia impressa fazia sua parte incumbindo-se de trazer jogos, amistosos e campeonatos em que a seleção brasileira participava. Competições nas quais a seleção às vezes vencia, às vezes não. Entretanto, de uma maneira às vezes indiferente e silenciosa no tratamento dos temas e de personagens envolvidas com o futebol feminino, colaboravam para anulá-los no espaço futebolístico. Nesse sentido, se as narrativas falavam pelo silêncio, mais dois aspectos já suscitados anteriormente trabalhariam em função disso: o posicionamento e a exposição das reportagens.

### **3.2 Omissão e (in) visibilidade para o futebol feminino?**

A abordagem em relação à posição e exposição das notícias nos jornais foi pensada a partir de um viés que se destinasse às principais competições — Olimpíadas e Copa do Mundo, em como a mídia imprensa, no início dos anos em que ocorriam cada um desses campeonatos, tratava o futebol feminino, sobretudo a seleção brasileira. Salienta-se que tais eventos são considerados principais e essenciais para esse esporte e para seu crescimento. Além disso, no começo dos anos propostos por consequência das Olimpíadas e da Copa do Mundo, acontecia, em quase todos eles, a disputa da Copa Sul-Americana, o que hipoteticamente colaboraria para um aumento de notícias naquele período — início do ano — sobre o futebol feminino, e, portanto, sobre a seleção, corroborando supostamente para um maior interesse da mídia por esse esporte e, possivelmente, movimentando de outras maneiras o noticiário esportivo em relação ao futebol jogado pelas mulheres.

Nesse sentido, no primeiro ano em que aconteceu a Copa do Mundo, foi propiciado ao futebol feminino e à seleção a ocupação de um pequeno espaço na página principal do caderno de esportes do jornal *O Fluminense*. O título da reportagem destacava a preparação da seleção brasileira visando a Copa Sul-Americana, competição que antecedia a Copa do Mundo de 1991. O texto continuava a mostrar a importância daquele momento:

#### **Meninas do futebol ganham dever de casa**

Depois de um mês de treinamento na Escola de Educação Física do Exército, na Urca, as jogadoras da Seleção Brasileira Feminina de Futebol, foram liberadas para passear o final de semana com suas famílias. Como dever, todas receberam uma programação de treinos a ser seguida, pois o objetivo é não

quebrar o ritmo da preparação durante os três dias de folga. O trabalho visando a participação no Campeonato Sul-Americano da categoria será reiniciado na segunda-feira (MENINAS..., 1991, p. 9).

Não era a principal notícia, mas localizava-se do lado direito na borda superior do jornal, próxima a data e a nomeação do caderno de esportes. Identificava-se, dessa maneira, que aquela reportagem era tida como uma das principais, pois ganhava certa notoriedade ali. Além disso, trazia a foto da jogadora Cenira, bem conhecida na época da formação da 1<sup>a</sup> Seleção Brasileira Feminina de Futebol pela CBF. No contato com os periódicos — ainda que a partir da digitalização —, quando uma notícia se encontrava na parte superior de suas páginas e colunas, possibilitava-se uma melhor visibilidade, parecia clamar pela atenção do (a) leitor (a). Ademais, a utilização de uma imagem cooperava para materializar isso.

Dias depois da publicação da reportagem acima, o mesmo jornal noticiava sobre a seleção e, mais uma vez, sobre a preparação para o Campeonato Sul-Americano.

### **Futebol feminino terá campeonato em Maringá**

O Campeonato Sul-Americano de Futebol Feminino já tem sede definida: será realizado em Maringá, Paraná, no período de 27 de abril a 5 de maio. O Brasil, um dos principais favoritos ao título, chega à reta final de preparação com a seleção definida e a esperança de garantir a única vaga do continente para o Mundial de novembro, na China. Os últimos cortes na equipe foram feitos sexta-feira e atingiram a goleira Denise, do Rio, e as laterais Suzana, de São Paulo, e Maria, de Goiás (Futebol..., 1991, p. 11).

O Campeonato Sul-Americano também era prioridade para o futebol feminino e para a seleção brasileira. Percebe-se sua importância quando destinavam, mesmo que poucos meses antes, um tempo para preparar tática e fisicamente as jogadoras. Se o jornal trouxe outra reportagem, aliás num intervalo curto de datas, para falar sobre essa competição, se limitou a compartilhar tal acontecimento na última parte da página de esportes, sem contar também com qualquer imagem de atletas da seleção. A presente reportagem quase cessava a coluna do periódico, o que não ocorreu apenas porque aquela página terminava com alguns anúncios. Naquela posição, a notícia não apresentava qualquer destaque.

Outro aspecto era seu título, que classificado como “Futebol Feminino”, não fazia referência ao nome “seleção brasileira”, determinando que podia se relacionar a qualquer outro campeonato de futebol destinado às mulheres, não especificamente ao Sul-Americano que viria a ser disputado pela seleção. Era, portanto, bastante diferentemente da notícia anterior, a qual trazia uma foto estampada de uma jogadora do selecionado brasileiro e fora colocada em

primeiro plano no noticiário, dando-lhe mais visibilidade.

Reforça-se que, ainda assim, entre ocupar um espaço e outro, as notícias sobre o futebol feminino, sobretudo em relação à seleção brasileira, começavam a se intensificar naquele período, possivelmente pela formação da seleção brasileira pela CBF para o Mundial que aconteceria na China. Exemplifica-se isso a partir do jornal *O Fluminense*. Pesquisando a palavra-chave futebol feminino, especificamente no ano de 1990, encontram-se apenas três reportagens sobre esse esporte, que nem era seu foco principal: o futebol jogado pelas mulheres aparecia no meio de outras notícias sobre o futebol jogado pelos homens. Já em 1991, isso se multiplicava consideravelmente no mesmo periódico, e as reportagens eram específicas sobre seleção e/ou sobre futebol feminino. Pode-se afirmar, então, que os fatos apresentados tinham uma correlação.

Se houve inevitavelmente uma sequência de notícias dadas pelo *O Fluminense* sobre a seleção e o futebol feminino no ano de 1991, o jornal confundia o (a) leitor (a) quando misturava, em uma mesma pauta, o selecionado feminino com o selecionado masculino.

rubro-negros e amarelos mais. Vaiço, mesmo tendo sido o único a não ter ganho, considerou o empate como "uma derrota. Não estará ai uma explicação para que Falcão não visse a necessidade do Rio em condições de figurar na seleção".

#### Expectativa

Costuma-se dizer que "não há 1 sem 2", como Botafogo e Fluminense demonstraram claramente, ganhando duas partidas seguidas, deixando seus torcedores eufóricos. Os demais — os bem dotados — já fazem doação para a viagem ao Tóquio. Daí a expectativa dos torcedores rubro-negros e tricolores, porque depois da primeira derrota poderá vir a segunda, especialmente a do Fluminense, que jogará pela terceira vez fora de campo, já chamado de "algapão", mas foi desarmado domingão.

#### Alliados

Vasco e Flamengo são aliados na desida, pois não contam com a boa vontade do "genial" responsável pela tabela. Em três rodadas, cada qual jogando apena um jogo, é possível que o Botafogo jogue duas e o Fluminense logo as três! Empenhado numa dura luta, o Vasco vai a Salvador enfrentar o Bahia, nele perdendo pontos, bem diferente do Vasco que pode encarar no Goiás um adversário que é só metade mista, que quer liberá-lo, já que o clube tem um compromisso importante pela quarta-de-final da Copa do Brasil. O Flamengo, por sua vez, continua se empenhanha pela liberação, pois sua presença na Seleção Brasileira é importante.

#### Perguntas

Quando a bola não rola", da Globo, era comentada por Cleber Leite, e, muitas vezes juntava-se a mim, abordando diversos itens, já não ti-

#### Off Shore

Começa a ser disputado hoje às 12 horas, o 1º GP Jpiranga Off shore, na Praia de Santos, São Paulo. Com barcos extremamente velozes, muitos deles com motores, chegam a desenvolver mais de 300 CV de potência, esta é considerada a Fórmula Um das águas.

O GP Jpiranga Off shore te-

rá largada às 12h e chegada 1 hora depois na Ponta da Praia, em Santos, em frente ao aquário. Daí os participantes seguirem para a Praia do Mennito, contornando a bota demar-

cada praticamente certa a liberação, já que o Parma e o Bari não colocaram obstáculos. A única dificuldade é a conexão entre o goleiro Romano e o zagueiro André. De qualquer forma, não se pode chegar na segunda-feira à noite seguirá no dia seguinte diretamente para Campo Grande.

Aldair, do Roma, e Mazinho, do Lecco, também não têm presenças asseguradas na partida. O diretor de arbitragem, Renato Masetti, conversou pelo telefone com Falcão e argumentou que sua equipe precisa de Aldair para o golpe e o zagueiro André para o empate. O Brasil não abriu mão do concorrente da Conmebol, mas o treinador da CBF que continua se empenhanha na libera-

ta com a presença de todos as regatas organizadas da Vila Júlio Hartman.

**RIOACHUELLO** — Será amanhã,

na Vila Olímpica, a partida entre os

adultos do Riachuelo e Paissandu,

que está marcada para às 16 horas. O

jogo servirá para definir o

Título de Campeão de Disciplina,

1º lugar da fase do Riachuelo.

As equipes estão se enfrentando às

14 horas, no mesmo local. Vladimir

Callari será o árbitro principal e o

auxiliar será André Chaves (amarela)

e Jacy Félix (vermelha).

ros pedem aos jogadores que compareçam à sede da CBF, no Rio de Janeiro, para que sejam convocados e assinarem os planos de clube para este ano. Em 90, o Grêmio conquistou os sete títulos. Taubaté de Disciplina, 1º lugar da fase do Grêmio, da Amizade de Futebol de Salão de Niterói; Campeonato Individual de Tênis de Mesa, entre outros.

**MARAMBALA** — Será amanhã

a partida entre Unidos de Marambalá

F.C. e a equipe do Cearense F.C., em

Baixa Vista, São Gonçalo. O Maram-

bala para entrar a seção de Masters do Rio de Janeiro, o que deve

acabar entre os dias 24 e 31 de maio.

Neste final de semana, a equi-

pe de vôlei de Marambalá, que na

terça-feira serão reiniciados os trei-

nhamentos na Vila Olímpica. Os dirigentes

do clube acreditam que brevemente

poderá ser realizada a quadragésima

envolvendo o Olaria, São Cristo-

vão, Serrano e o Atheneu de Montes

Cristais. A nova competição, que

tem data marcada para o dia 14 de

abril, e segundo o treinador a partir

deste final de mês, os treinamentos

serão intensificados.

## Romário é difícil. Mas CBF insiste

Seleção feminina  
tem 16 do Rio

A Seleção Brasileira de Futebol Feminino terminou colada ao Campeonato Mundial realizado no Chile em 1988, convocou 33 jogadoras

que se apresentarão às 15h da pró-

xima quinta-feira no Centro de Trei-

namento Olímpico de Rio de Janeiro

(Rio de Janeiro) com vistas aos jo-

gos eliminatórios reunindo Brasil,

Colômbia e Uruguai.

Para decidir qual destes países disputará a 1ª Copa Mundo da categoria, pro-

movida pela Fifa, dia 30 de no-

vembro, dentro da arena do

Aeroporto de Guarulhos na manhã

de segunda-feira com os outros

convocados.

São Paulo pode

Figura 5 Seleção feminina tem 16 do Rio.

Fonte: *O Fluminense*, 23 fev. 1991, p. 11.

Visualmente parecia que uma reportagem estava dentro da outra. O periódico intitulava a notícia sobre a seleção masculina como “**Romário é difícil. Mas CBF insiste**” e abaixo subintitulava “Seleção feminina tem 16 do Rio”. Enquanto o título da reportagem sobre a seleção masculina era destacado pelo periódico pelo uso do negrito, a notícia sobre a seleção feminina, sem maiores destaques, parecia ser apenas um complemento. Dessa maneira, o periódico enfraquecia o aparecimento daquela novata seleção de futebol feminino, que, como trouxe o próprio jornal, decidia a histórica “vaga para 1ª Copa do Mundo da categoria, promovida pela Fifa”.

Nesse sentido, se *O Fluminense* publica algumas notícias antes da realização do campeonato Sul-Americano, *O Jornal do Brasil*, que no ano de 1990 trouxe variadas reportagens sobre futebol feminino, não fazia o mesmo. A primeira notícia sobre esse campeonato, em 1991, foi encontrada no jornal já com a classificação da seleção para a Copa do Mundo, que aconteceria na China. No início da página do caderno de esportes, como pode ser verificado na imagem abaixo, o *Jornal do Brasil* anunciava esse acontecimento.

4 ◇ Esportes ◇ segunda-feira, 6/5/91

JORNAL DO BRASIL

<b>FUTEBOL</b>	
<b>Campeonato Brasileiro —</b>	
<b>2ª divisão</b>	
Quartas-de-final (volta)	
Santa Cruz/PE 3 x 2 Americano/RJ*	
*Palmeiras/SP 2 x 1 Paraná/PR	
Nordestinos/PI 0 x 2 Guarani/SP*	
Coritiba/PR 4 x 0 Paraná/PR	
★ Clasificados às semifinais	
<b>Taça Cidade do Rio de Janeiro</b>	
Capitu	
Bonsucesso 0 x 1 Portuguesa	
Campo Grande 2 x 0 Madureira	
Nova Cidade 0 x 1 Volta Redonda Interior	
União Nacional 0 x 0 Paduanos	
América/TR 3 x 0 Friburguense	
<b>Campeonato Espanhol</b>	
Barcelona 2 x 2 Valencia	
Burgo 0 x 1 Sevilla	
Castellón 0 x 1 Mallorca	
Atlético de Madrid 0 x 0 Cádiz	
Sporting Gijon 2 x 1 Real Sociedad	
Almeria 2 x 0 1 Oviedo	
Valencia 2 x 0 Español	
Classificações	
1º Barcelona.....	54
2º Atlético de Madrid.....	45
3º Osasuna.....	39
<b>Campeonato Português</b>	
Beira Mar 3 x 2 Tirsense	
Randônia 3 x 2 Benfica	
<b>CG Bruges 0 x 4 St Truiden</b>	
KV Mechelen 1 x 0 Ghent	
Charleroi 1 x 1 FC Brugge	
Beerschot 0 x 1 Ekeren	
Standard de Liège 0 x 0 Lierse	
Genk 2 x 0 Antwerp	
Club Brugge 1 x 0 Anderlecht	
1º Anderlecht.....	60
2º KV Mechelen.....	46
3º Ghent.....	43
<b>Campeonato Argentino</b>	
Independiente 1 x 1 El. La Plata	
Chaco For Ever 2 x 2 Unión Santa Fé	
Rivadavia 0 x 0 Huracán	
Rosario Central 2 x 1 Argentinos Juveniles	
Gimnasia y Esgrima 0 x 0 Platense	
Ferro Carril Oeste 0 x 2 San Lorenzo	
Vélez Sarsfield 2 x 1 Old Boys	
Deportivo Español 0 x 1 Boca Juniors	
Lanús 0 x 0 Deportivo Mandiyú	
Talleres de Córdoba 1 x 1 Racing Club	
Classeificação	
1º Boca Juniors.....	18
2º Racing Club.....	16
3º Deportivo Mandiyú.....	15
<b>Campeonato Alemão</b>	
Hamburgo SV 2 x 3 Bayern Munique	
Classificação	
1º FC Kaiserslautern.....	40
2º Bayern Munique.....	36
3º Werder Bremen.....	36
<b>Campeonato Sul-Americano de Menores</b>	

**Placar JB**

Milão — Reuter

**Moças e meninos saem na frente**

CURITIBA — Ao golear a Venezuela por 6 a 0, ontem em Maringá, a seleção brasileira de futebol feminino garantiu presença no Campeonato Mundial da categoria, a se realizar em novembro, na China. O Brasil, que já goleara o Chile por 6 a 1, será o único país sul-americano a participar da competição. Em Assunção, no Paraguai, a seleção masculina de futebol juvenil estreou no Campeonato Sul-Americano com uma folgada vitória sobre o Uruguai por 5 a 2. Os três primeiros colocados da competição, que disputam o torneio, divididos em dois grupos, disputarão o Campeonato Mundial, em agosto, na Itália.

Entre o primeiro que só teve sido marcado aos 20 minutos da etapa inicial, através de Marchinha, a vitória das moças do Brasil foi tranquila. Ainda no primeiro tempo, Fia, de penalti, sóbria e bem-sucedida, ampliou o score para 2 a 0. Na fase final, Marchinha, Roseli e novamente Adriana, aos 3, 9, 20 e 30 minutos, respectivamente, definiram a goleada. Cerca de 20 mil pessoas compareceram ao Estádio Willie David. A entrada foi franca e houve contribuição do público à campanha

**Figura 6** Moças e meninos saem na frente.

Fonte: *Jornal do Brasil*, 06 mai. 1991, p. 4.

O periódico destacava o bom resultado da seleção brasileira:

[...] Ao golear a Venezuela por 6 a 0, ontem em Maringá, a seleção brasileira de futebol feminino garantiu presença no Campeonato Mundial da categoria, a se realizar em novembro, na China. O Brasil, que já goleara o Chile por 6 a 1, será o único país sul-americano a participar da competição (MOÇAS..., 1991, p. 4).

Na última frase nota-se que a seleção brasileira já havia disputado ao menos mais um jogo, o qual, aparentemente não foi noticiado. O jornal nomeava o selecionado brasileiro como moças, nomeava também o selecionado masculino quase da mesma forma. Contudo, no caso dos homens referia-se à seleção juvenil e não à categoria profissional adulta. O título também coloca percepções em conflito ao falar em “Moças e meninos”: de quem está sendo falado? De quais moças e meninos? É sobre futebol? Intitular de outra maneira, por exemplo, como futebol, identificaria ao menos que a que espaço esportivo se estava fazendo referência.

Os jornais seguiam noticiando a participação brasileira no Campeonato Sul-Americano. Na imagem *O Estado de S. Paulo*:



**Figura 7** Seleção feminina vai jogar no Espírito Santo.

Fonte: **O Estado de S. Paulo**, 12 abr. 1991, p. 30.

O jornal narrava “o primeiro jogo oficial da seleção feminina no Brasil”, jogo esse que antecedia a competição Sul-Americana. Esse acontecimento que podia ser considerado excepcional, não foi suficiente para sensibilizar quem o noticiou. A mesma preenchia os últimos espaços no caderno de esportes com um ínfimo texto sobre o assunto.

O Estado de S. Paulo, no ano de 1995, data em que aconteceria a 2ª Copa do Mundo, supostamente passava a diferenciar as notícias sobre a seleção brasileira. Como aconteceu na imagem demonstrada abaixo:



**Figura 8** Brasil estreia contra Bolívia em Uberlândia  
Fonte: **O Estado de S. Paulo**, 08 jan. 1995, p. E2.

A reportagem divulgava o Brasil novamente no campeonato Sul-Americano, agora

no ano de 1995; contava com duas imagens, uma das jogadoras e outra do time completo. A seleção era considerada favorita para aquela competição. O ponto que distingua essa notícia da outra, de 1991, é que a abordagem do jornal foi muito maior, tanto no que se refere ao texto quanto ao uso de imagens das jogadoras, que provocam a atenção do (a) leitor (a). O título tratava da seleção não como futebol feminino, mas chamava-a de Brasil, e no meio do texto destacava em caixa alta o selecionado brasileiro como “SELEÇÃO”. Se a narrativa mais abrangente e as fotos faziam sobressair aquela notícia, sua disposição na página do periódico não indicava a mesma coisa, ela não foi colocada como principal do noticiário.

O *Jornal do Brasil* também noticiava o quanto relevante era a seleção estar no Sul-Americano, campeonato que, segundo os jornais, servia como preparação para o Brasil e classificava uma das seleções participantes para a Copa do Mundo.

## Brasileiras só pensam no Mundial de futebol

VICENTE DATTOLI  
A seleção brasileira de futebol feminino que começa hoje, contra a Bolívia, às 17h, sua participação no Campeonato Sul-Americano, em Uberlândia (MG), tem dois grandes problemas a superar no torneio que classificará seu campeão para o Campeonato Mundial da Suécia, em junho: o descontentamento dos rivais e o mal formulado regulamento, que pode tirar da competição quem suceder uma equipe que tenha vencido todas as partidas da fase eliminatória e perca o jogo-exato que reunirá os dois primeiros colocados e definirá o campeão sul-americano.

“O regulamento é ingrato, mas não cabe a nós dar qualquer palpite”, disse a presidente da Confederação Brasileira de Futebol Feminino, Roseli, que é integrante da comissão técnica, faz questão de ressaltar a importância não só do título para o Brasil como da classificação para o Mundial. Para o jogo desta tarde, e de olho nas surpresas que andam acontecendo pela Europa, o treinador escalfou a seleção nacional com todos os titulares: Meg, Marlene, Elane, Solângel e Fanta; Leda, Maria, Cenira e Sissi; Pretinha, Mariéia e Roseli.

**A TABELA**

O SUL-AMERICANO
08.01 — Brasil x Bolívia (17h)
10.01 — Argentina x Chile (19h)
10.01 — Brasil x Chile (20h)
12.01 — Argentina x Equador (22h)
12.01 — Chile x Equador (22h)
14.01 — Brasil x Argentina (19h)
16.01 — Brasil x Equador (18h)
18.01 — Brasil x Equador (20h)
21.01 — Final: 1º colocado x 2º colocado (16h)

## Futebol da África supera problemas

ROBERTO ASSAF

Doze partidas completam hoje a etapa de ida da quarta fase das eliminatórias da 20ª edição da Copa Africana de Nações, cuja etapa final será disputada no próximo ano, na África do Sul. Na realidade, outros 11 jogos estavam marcados para este fim de semana, de acordo com a tabela original. Mas este é um torneio que caminha de mãos dadas com as inúmeras dificuldades da região mais pobre do planeta. Por causa dos problemas políticos, e principalmente econômicos, pelo menos sete nações — Benim, Cabo Verde, Guiné Equatorial, Madagascar, República Centro-Africana, Seicheles e Suazilândia abandonaram a competição.

O Quênia, que sediará a fase final em 96, também acabou desistindo. “Não temos os seis milhões de dólares necessários para bancar o evento”, confessou, no último dia 25 de novembro Husein Maalin Mohamed, ministro da Cultura do país, abrindo espaço para a homologação da África do Sul — que está de olho no Mundial de 2006.

Os nigerianos ganharam a última Copa Africana, brilharam na Copa do Mundo e ‘invadiram’ a Europa de outubro, decidiu intervir na seleção. Manteve o treinador Kataluk Teka, mas a convocação e a

Os nigerianos ganharam a última Copa Africana, brilharam na Copa do Mundo e ‘invadiram’ a Europa de outubro, decidiu intervir na seleção. Manteve o treinador Kataluk Teka, mas a convocação e a

Uganda, Etiópia x Tanzânia (4); Maurício x Zâmbia (5); Angóla x Moçambique, Botswana x Malaui.

Figura 9 Brasileiras só pensam no Mundial de futebol.

Fonte: *Jornal do Brasil*, 08 jan. 1995, p.28.

Nota-se que o futebol africano<sup>14</sup> partilhava de mesma ou até de mais valorização que a equipe feminina do Brasil, ocupando um espaço maior que a seleção feminina nacional da página de esportes do periódico. Além disso, a respectiva notícia ocupava, mais uma vez, o fim daquela folha esportiva.

O ano de 1996, em que aconteceriam as Olimpíadas de Atlanta, englobou outro campeonato noticiado pelos jornais. Nesse mesmo período, as primeiras notícias sobre futebol

<sup>14</sup> Futebol esse que também compartilha de invisibilidade. Entretanto, a seleção africana masculina estava aparecendo em um jornal brasileiro com uma reportagem que comportava uma imagem relativamente grande. A seleção brasileira feminina de futebol começaria a disputar a Copa do Mundo, podendo-se afirmar que esse fato poderia lhe dar mais evidência. Mas, longe de julgar qual seleção dispunha de maior invisibilidade ou visibilidade, o propósito aqui é perceber o destaque dado a um futebol masculino, mesmo que não brasileiro, ao invés de ressaltar o futebol feminino brasileiro, sobretudo nessa reportagem, a seleção nacional.

feminino não foram relacionadas ao campeonato Sul-Americano. Essa competição, a partir do acesso aos periódicos, aparentemente não ocorreu naquele momento. Isso porque não houver reportagens sobre o tema no início daquele ano, mas sim, sobre um Torneio Internacional que aconteceu no Brasil e também serviu como preparação para a seleção disputar as Olimpíadas que seria realizada meses depois. Segundo a imagem, anunciava *O Fluminense*:



**Figura 10** Seleção entusiasma Zé Duarte.  
Fonte: *O Fluminense*, 04 jan. 1996, p. 11.

Verifica-se que o jornal abria um espaço mais considerável para falar da seleção. Identifica-se uma diferenciação em seu título, que nomeia o selecionado brasileiro chamando-o de seleção, e não de futebol feminino, garotas, meninas ou mulheres, indicando que provavelmente a relacionava e considerava como uma seleção nacional. Esta reportagem sobre o acontecimento do Torneio Internacional abrangia, mesmo não sendo a notícia central, a primeira página do caderno de esportes.

*O Fluminense* se dispôs a tratar da participação e da preparação da equipe brasileira para aquele campeonato. No dia seguinte, o jornal versou novamente sobre isso:

### Preparação

A reta final da preparação da seleção brasileira de futebol feminino com vistas ao Torneio Internacional, entre os próximos dias 11 e 21, no Estádio Predossian, em Campo Grande, capital mato-grossense, será intensa no que diz respeito aos amistosos. Até domingo, as meninas do Brasil terão participado de dois jogos. São eles: hoje contra os juniores do Guarani, e domingo, com a Seleção feminina de Itupeva (PREPARAÇÃO, 1996, p. 11)

O título dado pelo jornal demonstrava que a seleção brasileira se preparava para o Torneio Internacional, mas também ofuscava o futebol feminino e a seleção, não os

referenciando ali. Essa reportagem localizava-se no meio da página de esportes, com escritas bem pequenas, divulgava os jogos que a seleção faria antes daquela competição, porém pouco visibilizava seu aparecimento. Se com a notícia anterior o jornal colocou o futebol feminino em primeiro plano, nesta aparentemente desconsiderou fazer isso. Quebrou-se, assim, uma possível sequência de visibilidade e de maior presença do time brasileiro no periódico.

O *Jornal do Brasil* se limitou a colocar a primeira reportagem sobre a participação da seleção apenas quando o Torneio Internacional já havia iniciado:



**Figura 11** Meninas ganham da Ucrânia por 7 a 0.

Fonte: *Jornal do Brasil*, 15 jan. 1996, p. 17.

A situação apresentada estabelecia diferenças entre os jornais. Enquanto *O Fluminense* informou desde a “preparação” da seleção para aquela competição, *O Jornal do Brasil* trouxe sua primeira reportagem sobre o assunto apenas quando a seleção já estava disputando o campeonato. A notícia que mostrava a goleada do Brasil sobre a Ucrânia era uma das últimas da página de esportes e com singelos dizeres, ainda que o Brasil tivesse conquistado uma ampla vitória de 7x0.

Já em 1999, período em que a seleção participava de sua 3<sup>a</sup> Copa do Mundo e vinha de um resultado mais expressivo nas Olimpíadas de Atlanta, o próprio *Jornal do Brasil* enfatizou esse episódio em uma de suas reportagens. Além disso, essa mesma notícia ocupava boa parte da página do caderno de esportes do periódico. A respectiva reportagem discorria sobre o tema da Copa e da seleção. Isso ocorria no início daquele ano, em que o Brasil, inclusive, não esteve disputando qualquer campeonato ou torneio.

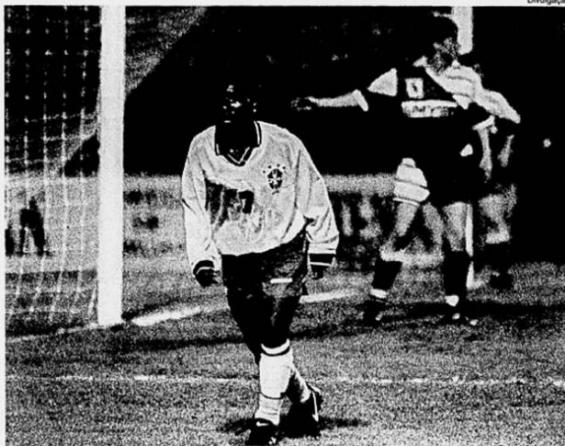
## Meninas do Brasil são temidas

**Campanha no último Sul-Americano assusta favoritos do Mundial**

MARIO ANDRADA E SILVA  
Correspondente

MIAMI, EUA – “O futuro do futebol é feminino”, disse domingo na Califórnia o presidente da Fifa, Joseph “Sepp” Blatter pouco antes de velhos fantasmas do futebol masculino terem transformado o sorteio das chaves para a Copa do Mundo das mulheres em uma respeitável confusão. Blatter transferiu para o futebol feminino o papel que lhe deu notoriedade no futebol dos homens. Foi o anúncio do sorteio que definiu as chaves da Copa que será disputada entre 10 de junho e 19 de julho em sete cidades americanas.

Partiu do principal dirigente do futebol internacional a primeira “gafe” da organização. Blatter anunciou na hora de colocar as bolinhas com os nomes dos países nos lugares indicados pela sorte que o jogo de abertura do Mundial seria disputado entre as seleções dos Estados Unidos e da Coreia do Norte, no Giants Stadium em



**Figura 12 Meninas do Brasil são temidas.**

Fonte: Jornal do Brasil, 17 fev. 1999, p. 15.

Se o título demonstrava um Brasil poderoso e o subtítulo afirmava que a “Campanha no último Sul-Americano assustava favoritos do Mundial”, o corpo da reportagem dizia que o selecionado brasileiro “não devia ser tão temido dessa maneira”. Dessa forma, eles não condiziam um com o outro. Apesar disso, noticiários como esse acabavam por visibilizar e valorizar o futebol feminino e a seleção, seja pelo seu título, pelo subtítulo ou pela extensão da imagem, que engrandecia o futebol jogado por aquelas mulheres e pelo selecionado nacional.

*O Fluminense*, em sua primeira reportagem sobre o futebol feminino naquele ano, não se propôs a falar sobre a seleção ou sobre sua participação na Copa do Mundo. Contudo, a notícia dava importância a uma certa ascensão desse esporte no Rio de Janeiro, mostrando que mesmo assim tinha inúmeras dificuldades para subsistir. Isso foi abordado pelo *O Fluminense* a partir de um relato de uma diretora de divulgação e marketing do futebol feminino. Segundo ela:

‘O futebol feminino do Rio está em ascensão’, garante Andréa Desideratti, diretora de divulgação e marketing de futebol feminino, da Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro (FERJ). Os clubes estão se organizando e estruturando, mas ainda enfrentam dificuldades porque o Brasil ainda está muito atrasado em termos de investimentos e popularização do esporte, se comparado a outros países. (FEMININO, 1999, p. 14)

É importante, ainda, estabelecer que a notícia ocupava uma boa parte daquela página em que estava publicada, encontrando-se no centro dela, o que contribuía para que fosse rapidamente visualizada. Apenas seu título não contribuía muito para entender que tratava, naquele espaço sobre, futebol feminino. Assim, tomando um espaço razoável da página de

genios como Didi, România etc.

“Dois a zero é um resultado perigoso” – É mais perigoso que três a zero e menos que um a zero.

“Quero ver o time com a pegada forte” – O time deve ter, antes de tudo, talento.

“Pênalti é loteria” – O pênalti depende muito do estado emocional de quem cobra, dos tremores, do tamanho e competência do goleiro e da sorte.

“O importante é competir” – O importante é vencer, respeitando o adversário.

“Empatar fora de casa é bom” – Em um campeonato que a vitória vale três pontos, empatar é sempre ruim para quem disputa títulos.

“Se Deus quiser vamos vencer” – Se Deus ainda não teve tempo para resolver os principais problemas, terá para fazer goles?

“O grupo está fechado” – O grupo tem de estar é aberto, se não vira ditadura e *pamelinha*.

“A defesa tem de marcar o adversário e não a bola” – A defesa tem que ter um olho na bola e outro no adversário.

“Time com dez jogadores melhora” – Raramente acontece, mas como o time com dez, geralmente está perdendo, é obrigado a reagir.

“O futebol é uma caixinha de surpresas” – Boa desculpa para as derrotas.

“O técnico tem o time nas mãos” – Ele é que pensa. Jogador é vendaval.

“Temos de ganhar a segunda bola” – Só existe uma bola.

“Vamos correr atrás do prejuízo” – Se o time está perdendo, tem de correr atrás do lucro.

“Vamos jogar no erro do adversário” – Tem de jogar é no acerto do time.

### Concentração da Seleção

Luxemburgo não quer os jogadores da Seleção concentrados em

esportes, o futebol jogado pelas mulheres no Rio de Janeiro foi descrito ali. Destaca-se, ainda, que naquele momento não havia disputas de campeonatos no Rio, o que poderia resultar na ausência de notícias sobre o futebol feminino. Assim, mesmo, o jornal trouxe notícias sobre esse esporte, rompendo, então, certos paradigmas.

*O Estado de S. Paulo* não comunicou ao público desde o primeiro mês do ano sobre as condições ou sobre a participação da seleção na Copa do Mundo. A primeira notícia sobre o tema, no ano de 1999, remetia ao futebol polonês. Esse país, como indicado na reportagem, contava com uma mulher no comando da federação de futebol quando seu presidente estava ausente. “A Dama de Ferro”, como foi caracterizada, se candidataria ao cargo oficial daquela entidade e provavelmente seria a sucessora do atual dirigente. Situação inusitada no futebol, já que os cargos de alto escalão são ocupados em sua quase exclusividade por homens. Reforça-se que o que permitiu encontrar este fato foi a pesquisa por meio da palavra-chave mencionada anteriormente — futebol feminino.

■ e-mail, recebo a seguinte sugestão: em jogo de que participe Romário, deve-se cobrar humor artístico e não simples ingresso. Nada mais justo.

■ Paula, mesmo padecendo de lombalgia, entra em quadra e sai como cestinha. A moça é mesmo o seguinte.

■ Alguém me pergunta se é correto falar assistência em vez de passe. Já dei minha opinião a respeito, e, simplesmente, infeliz, a nova maria. Já imaginou, leitor, Didi, o homem que passa, fazendo as-

“seu” Nelson esteja me desabrigando como cronista.

■ O pessoal da Fiorentina está sentido com o gesto de Edmundo que abandona o time, em plena competição, e vem brincar o carnaval no Rio. Não me digam que não sabiam que Edmundo é fundador da Escola de Samba Unidos da Pá Vira-

#### violar normas do COI

TÓQUIO — O ex-presidente da Fifa João Havelange está entre os novos membros do Comitê Olímpico Internacional acusados de violar normas de conduta olímpicas durante a fase de candidatura de Nagano para os Jogos de Inverno de 1998, segundo fontes do Comitê Olímpico Japonês. A informação é da agência alemã DPA. OCOI concluiu que nove membros do COI violaram normas para limitar gastos, mas somente deve revelar os nomes dos implicados amanhã, em documento a ser candidato ao COL.

#### Futebol polonês pode ter comando feminino

VARSÓVIA — Agnieszka Bednarska, assistente de Marian Dziurkowicz, atual presidente da Federação de Futebol da Polônia, poderá ser eleita sua sucessora na Assembleia Geral Extraordinária da entidade, no dia 20. “A senhora Bednarska, a Dama de Ferro do futebol polônio, dirige a Federação quando o presidente está ausente”, afirmou ontem o diário Zycie, que descreve a possível candidata à presidência como “uma ruiva de 30 anos e pernas compridas”, que tem a confiança do presidente.



#### título dos superpênas

TÓQUIO — O lutador japonês Takamori Hatakeyama reeve o título de campeão mundial superpeso da Associação Mundial de Boxe ao empatar com o aspirante mexicano Saúl Durán em um combate disputado em Tóquio. Durán derribou o campeão no segundo assalto, mas a pontuação dos juízes determinou o empate. Foi o segundo fracasso de Durán — há cinco meses, não conseguiu tirar o cinturão dos pesos leves, versão Conselho Mundial de Boxe, do norte-americano Stevie Johnston.

#### Janeth é a cestinha do Nacional de Basquete

As estatísticas do Campeonato Nacional Feminino de Basquete já destacam algumas jogadoras, após as duas primeiras rodadas. A cestinha é Janeth, da Arcor/Santo André, com 62 pontos, média de 31 por jogo. Outros destaque: Vic Bullet, do Paraná Basquete, nos rebotes, com 26 (média de 13); Carla, do Botafogo, na recuperação de bolas, com 11 (média de 5,5); Eliane, do Santa Maria, nos bloqueios, com 3 (média de 1,5); Claudiinho, do BCN/Osasco, nas assistências, com 17 (média de 8,5).

**Kaiser** A CERVEJA NOTA 10  
www.kaiser.com.br

Assista a TV TIGRE Sábado 21h30 Domingo 8h30 no SBT

**Figura 13** Futebol polonês pode ter comando feminino

Fonte: *O Estado de S. Paulo*, 14 fev. 1999, p. 2.

No mês subsequente, o mesmo jornal trouxe uma imensa reportagem sobre o futebol feminino e a seleção brasileira, discorrendo sobre problemas vivenciados por esse esporte no Brasil. Essa notícia não somente foi a principal da página de esportes, como também a ocupou por inteiro, dando destaque ao futebol feminino:



marginalidade. Por alguns momentos davam voz àquela prática e por outros a invisibilizavam. Os periódicos desmontravam contradições nas suas representações sobre aquele esporte, especialmente em relação à seleção nacional. De fato, a ocupação das notícias daquela maneira não elucidava se havia maior ou menor permissividade para o futebol feminino, contudo, não se reluta em dizer que tanto o futebol jogado pelas mulheres quanto a seleção brasileira começavam a eclodir nas páginas jornalísticas.

Outro fator que mais uma vez influenciou percepções sobre o futebol feminino e a seleção brasileira de modo significativo, e hipoteticamente involuntário, foram as (os) personagens envolvidas (os) com eles naquele espaço. Palavras como esforço, força de vontade ou indicações de que, de alguma forma, elas chegariam aos seus objetivos, perpassavam a maioria dos contextos apresentados, ainda que fossem muitas vezes inesperadas pelas atletas e praticantes, ou pela própria imprensa. Aparentemente, buscava-se provar, em primeiro lugar, certo potencial daquele futebol e daquelas mulheres para que, assim, pudessem contar com reconhecimento. Uma inversão de papéis em que havia grande expectativa de que o apoio das entidades viria após as conquistas.

Um obscurantismo pretensioso envolvia o futebol feminino e gerava entendimentos de que, apoiada ou não, aquela prática poderia ter êxito. Nessa perspectiva, pouco se distinguia as preparações e os treinos feitos entre mulheres e homens, entre a seleção feminina e a masculina de futebol. Efetivas reflexões e/ou as críticas em relação a isso pareciam passar despercebidas pelos periódicos. As falas subjetificadas das personagens desse esporte poderiam favorecer uma multiplicidade de interesses, sejam da imprensa, das instituições relacionadas ao futebol feminino, entre outras. As aparições da seleção brasileira nos jornais, quando valorizadas, e as falas das jogadoras reconhecendo o próprio esforço individual para estar na equipe, declaravam também uma marginalização desse futebol e das mulheres que participavam desse espaço.

Com base no silenciamento como fonte, tais representações dos jornais se fizeram de maneira caótica e complexa. Valorização, habilidade, discriminação, comparação, esquecimento e omissão ao tratar de treinos, tática, técnica, estrutura destinada ao futebol feminino e a seleção brasileira: tudo isso perpassou o futebol jogado pelas mulheres.

Omissão e (in) visibilidade caminhavam lado a lado com o futebol feminino. A despeito disso, delimitavam-se novas construções e reconstruções sobre esse esporte e sobre as mulheres que ali estavam. Entretanto, foi nas sutilezas que as transformações começaram para aquela prática, sobretudo para a seleção brasileira. Reconhece-se que nos jornais já se encontrava uma heterogeneidade futebolística, uma relativa positividade em relação ao futebol

feminino e ao escrete nacional. Nesse sentido, possibilitaram-se, mesmo que a patir do silêncio, não só uma única, mas diferentes representações sobre as mulheres no/do futebol, sobre o futebol jogado por elas e sobre a seleção brasileira.

Num intrincado dualismo, os jornais causavam continuidades e fraturas nas antigas representações. A seleção brasileira, o futebol feminino e suas jogadoras, mostradas por vezes timidamente e por outras não, era às posicionada nos últimos lugares dos periódicos, às vezes nos principais — apesar do primeiro ainda se sobressair ao segundo. Por fim, rombia-se com perspectivas retrógradas relacionadas ao futebol de mulheres e começava-se um movimento de ocupação mais privilegiada da seleção brasileira nas páginas da mídia impressa.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A conclusão de um trabalho não significa necessariamente um ponto final, mas, eventualmente estabelecê-lo na fronteira, em permanente movimento. Um fechamento sempre traz novas intervenções. Ouso dizer que esta deveria ser a busca de qualquer pesquisadora (or). A partir desse pensamento foram feitas algumas considerações para encerrar esta pesquisa.

Antes de tudo, ao terminá-la, observou-se que o futebol feminino, posteriormente futebol de mulheres — em suas mais variadas práticas —, e a seleção brasileira passaram na década de 1990 por continuidades e rupturas em relação às representações feitas veiculadas pela mídia impressa. Um futebol que começava a tomar seu espaço nos campos, nas quadras e nas praias, abragendo ali diferentes características sobre ele e sobre as mulheres que o praticavam. Nesse contexto, a imprensa trabalhava, por vezes, em função de manter representações obsoletas em relação àquelas práticas, mas por outras as ressignificava ou produzia novas representações. No que tange a isso, os papéis sociais esperados da mulher na década de 1990 também perpassaram as representações sobre o futebol jogado por elas: ainda que tenham ocorrido transformações, estas não foram suficientes para deixar de considerar tal esporte como majoritariamente masculino.

Assim, os jornais construíram múltiplas narrativas para esse futebol, variando desde a fragilidade feminina do início desse centenário até a garra esportiva necessária para a modalidade. Se as representações feitas sobre as mulheres permearam o futebol, pode-se afirmar que, inversamente, as representações feitas sobre o futebol jogado por elas também começavam a penetrar as mulheres, ainda que inicialmente elas se limitassem àquelas que vivenciavam a prática. O futebol feminino e, sobretudo, a seleção brasileira produziam outras maneiras de ser mulher. Frágil, erótica, sexy, perseverante, forte, potente, habilidosa, misturavam-se e conflitavam-se as diferenças e igualdades entre jogadoras e praticantes. As tentativas de colocarem um futebol de mulheres menos masculinizado e mais feminino, considerado atraente aos olhos do público, falhavam quando, naquele cenário, despontavam as jogadoras talentosas, que femininas ou não, se sobressaíam pelo futebol apresentado.

Um outro fator que se evidenciava nos periódicos era a relação entre as mulheres e a prática do futebol com a homossexualidade. Jogar futebol simbolizava ser *sapatão* ou homossexual. Eram opiniões, acusações e constrangimentos vindos dos mais variados lugares e personagens: de dirigentes a treinadores, das próprias jogadoras, de companheiras de equipe, de praticantes informais, de quem escrevia as matérias jornalísticas, de atletas homens do futebol ou mesmo de outros esportes. Estimulava-se um discurso de que, se existisse um futebol

de mulheres, que fosse feminino e, caso escapasse a isso, que fosse estranhamente masculino, mas jamais homossexual. As lésbicas, denominadas como *sapatão* nos jornais, não tiveram espaço para fala, a elas a palavra não foi concedida. Nas entrevistas com jogadoras ou praticantes de futebol não se encontraram mulheres que pudessem assumidamente se designar como homossexuais. Apontava-se muito “esse tipo de menina, mulher” naquele esporte, revelações feitas por pares com frequência, contudo, nenhum nome foi abertamente reconhecido dentro dessa “categoria”. Nessa perspectiva, afim de assinalar tipos de mulher e sua sexualidade, do lado oposto estava a apropriação daquela classificada como *sexy*, charmosa e sensual. Empreendiam-se esforços para que tais tipos de mulheres se fixassem no futebol, para que, segundo a imprensa e seus personagens — pessoas que acompanhavam esse esporte —, ele se tornasse mais visível e respeitado. Dessa maneira, admite-se que entre essas controversas narrativas construíam-se tipos de mulheres, masculinidades e feminilidades. Com ou sem pretensão, surgiam as masculinizadas — acusadas, porém também enaltecidas por seu futebol —, e as femininas valorizadas tanto pela estética quanto pelo futebol apresentado.

Nesse sentido, os anos 1990, apesar de não mais interditar o futebol jogado por mulheres por meio da legislação, continuava a proibi-lo veladamente, discriminando, estereotipando e estigmatizando as mulheres que o praticavam. Entre todas essas dificuldades, o futebol feminino adentrava cada vez mais o mundo esportivo, o que não o isentava de uma comparação vigorosa com futebol masculino. Se, por um lado, colocava-se as mesmas as mesmas perspectivas para ambos, por outro indicava que o futebol de mulheres não dispunha de possibilidades para alcançar aquele jogado pelos homens. Desse modo, a imprensa, quando não refletia sobre esses aspectos, silenciava-se sobre as condições dadas a ambos em relação a treinos, estrutura e preparação para competições. Dois futebóis com talentos ao mesmo tempo equivalentes, mas também bastante distintos, cuja valorização individual poderia constituir uma possibilidade de apreciação de cada uma das práticas. Ademais, se o futebol se deu como um esporte de homens, pode-se dizer que eles ora colaboraram para elevar a prática do futebol por mulheres, ora mativeram seus ideais futebolísticos masculinos. Fato é que não ocorreram apenas interdições latentes dos homens frente à prática das mulheres, mas também ações que cooperaram para o desenvolvimento dessa prática.

Assim, a imprensa buscou de outro modo valorizar em suas narrativas o futebol e as mulheres que jogavam, enaltecendo aquela “nova” prática, aqueles novos talentos, reconhecendo a garra, a potência, o vigor e as habilidades. Um futebol que inflamava os olhos de quem o acompanhava. Eram representações que incentivavam o futebol feminino, considerações e construções que se transformaram e se revelaram noutro sentido, sobretudo,

quando abordavam a seleção brasileira. Isso colaborava para um maior aparecimento desse esporte nos jornais, seja durante grandes ou pequenas competições, ainda que não fossem consideradas suficientes quando comparadas ao futebol masculino. O questionamento da sexualidade também estava ali, contudo, suas habilidades sobressaíam significativamente naquelas narrativas. E não só os aspectos acima estavam presentes, como também as jogadoras da seleção para além disso, eram ágeis, singularmente talentosas e, por serem brasileiras, tinham “nascido para o futebol”. Entretanto, tudo isso não significou que fosse uma tarefa fácil identificar se a imprensa colaborava ou não para a consolidação da seleção brasileira feminina de futebol formada naquele período.

Complexas e duais concepções fizeram parte do futebol feminino daquela década. A imprensa jogava para diferentes representações, não construindo ali uma única história. Em suas páginas encontram-se diferentes mulheres e futebóis femininos, a partir de distintas representações. Pode-se afirmar que, nessa dissertação, empenhou-se em trazer o futebol de mulheres, mas, sobretudo, a seleção brasileira para a pauta das pesquisas históricas do esporte. Como ela surgiu naquele período, como caminhou para se manter, como eram as mulheres que lá estavam, como ambas foram simbolizadas. Não estanque, esta dissertação situa-se com outras em outros períodos históricos. Permito-me dizer, ainda, que ela é um chamariz, não só para demonstrar como foram representadas as mulheres, seu futebol e a seleção brasileira, mas sim para escrever esse futebol, essas mulheres e a seleção brasileira na história.

## 5 REFERÊNCIAS

### 5.1 Referências Bibliográficas

ALTMANN, Helena; REIS, Heloisa Helena Baldy dos Reis. Futsal feminino na América do Sul: trajetórias de enfrentamentos e de conquistas. **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 03, p. 211-232, jul/set de 2013. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/35077/26025>>. Acesso em: 12 de out. de 2018.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero:** feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2016.

CARNEIRO, Ailton José dos Santos. A morte da clínica: movimento homossexual e luta pela despatologização da homossexualidade no brasil (1978-1990). **XXVIII Simpósio Nacional de História. Lugares dos historiadores velhos e novos. Anais/39.** Florianópolis, jul de 2015. Disponível em: <[http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1439866235\\_ARQUIVO\\_Artigo-Amortedaclinica.pdf](http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1439866235_ARQUIVO_Artigo-Amortedaclinica.pdf)>. Acesso em: 23 de dez. de 2018.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural:** entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL, 2002.

DEVIDE, Fabiano Pries. **Gênero e mulheres no esporte:** história das mulheres nos jogos olímpicos modernos. Ijuí, RS: Unijuí, 2005.

DUNNING, Eric. O desporto como uma área masculina reservada: notas sobre os fundamentos sociais na identidade masculina e as suas transformações. In: ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric, **A busca da excitação.** Lisboa: DIFEL, 1985. p. 389-412.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I:** A vontade de saber. São Paulo, SP: Edições Graal, 2009.

FRANZINI, F. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 25, nº 50, p. 315-328, dez. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v25n50/28282.pdf>>. Acesso em: 15 de jan. de 2017.

GOELLNER, Silvana Viodre. **Bela, maternal e feminina**: imagens da mulher na Revista Educação Physica. Ijuí, RS: Unijuí, 2003.

\_\_\_\_\_. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Rev. bras. Educ. Fís. Esp.**, São Paulo, v.19, nº2, p. 143-151, abr./jun. 2005. Disponível em:<<http://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16590/18303>>. Acesso em: 25 de out. de 2017.

KESLLER, Cláudia Samuel. Se é futebol. é masculino? **Sociologias Plurais - Revista Discente do Programa de Pós-graduação em Sociologia**, Curitiba, s.v., n. especial 1, p. 240-254, out. 2012. Disponível em:<[http://docs.wixstatic.com/ugd/d96dce\\_be418eb4256f4db3b614c99f28bb95bd.pdf](http://docs.wixstatic.com/ugd/d96dce_be418eb4256f4db3b614c99f28bb95bd.pdf)>. Acesso em 30 de dez. de 2018.

LUCA, Tania Regina De. A história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo, SP: Contexto, 2005. p. 111-154.

MOREL, Marcia; SALLÉS, Jorge Geraldo C. Futebol Feminino. In: DACOSTA, Lamartine Pereira. (Ed.). **Atlas do esporte no Brasil**: atlas do esporte, educação física, atividades físicas de saúde e lazer no Brasil. Rio de Janeiro: Shape, 2005. Disponível em: <<http://cev.org.br/arquivo/biblioteca/4013508.pdf>>. Acesso em: 26 de jul. de 2016.

MOURÃO, Ludmila; MOREL, Marcia. As narrativas sobre o futebol feminino o discurso da mídia impressa em campo. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Campinas, v. 26, n. 2, p. 73-86, jan. 2005. Disponível em:  
<<http://www.revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/148/157>>. Acesso em: 26 de jul. de 2016.

PERES, Eliane. Sob(re) o silêncio das fontes... A trajetória de uma pesquisa em história da educação e o tratamento das questões étnico-raciais. **Revista Brasileira de História da**

Educação n° 4 jul./dez. 2002. Disponível em:<<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38723/20252>>. Acesso em: 15 de nov. de 2018.

PISCITELLI, Adriana. Gênero, a história de um conceito. In. ALMEIDA, Heloisa Buarque de. e Szwako. (Org.). **Diferenças, igualdade**. São Paulo, SP: Berlendis & Vertecchia, 2009. p. 116-149.

PROST, Antoine. **Doze lições sobre história**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2012.

RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar:** a utopia da cidade disciplinar e a resistência anarquista, Brasil 1890-1930. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2014.

RIBEIRO, Daniela Maroja. O PROJETO DE LEI COMPLEMENTAR 122 E AS LÉSBICAS EM GOIÁS. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos)**, Florianópolis, 2012. ISSN 2179-510X. Disponível em:<[http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1384446917\\_ARQUIVO\\_DanielaMarojaRibeiro.pdf](http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1384446917_ARQUIVO_DanielaMarojaRibeiro.pdf)>. Acesso em: 23 de dez. de 2018.

RODRIGUES, Nelson. **À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1993, p. 61-63

ROSA, Rodrigo Braga do Couto. **Enunciações afetadas:** relações possíveis entre homofobia e esporte. Mestrado em Educação Física – Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

SALVINI, Leila; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. Uma história do futebol feminino nas páginas da Revista Placar entre os anos de 1980-1990. **Movimento**, Porto Alegre, v.19, n. 01, jan/mar de 2013. p. 95-115. Disponível em:  
<<http://seer.ufrgs.br/Movimento/article/viewFile/31644/24403>>. Acesso em: 26 de jul de 2016

\_\_\_\_\_. “Guerreiras de chuteiras” na luta pelo reconhecimento: relatos acerca do preconceito no futebol feminino brasileiro. **Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, abr-jun, 2016. p.

303-311. Disponível:< <http://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/117524/115250>>  
Acesso em: 15 de jan. de 2017.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 12, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995. Disponível em:< <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>>. Acesso em: 06 de out. de 2018.

SILVA, Giovana Capucim E. **Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista: entre a proibição e a regulamentação (1941 – 1983)**. Mestrado em História Social – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

SILVA, Rafael Souza. **Diagramação: o planejamento visual gráfico na comunicação impressa**. São Paulo, SP: Summus, 1985. p. 25-30.

VIGARELLO, Georges. Virilidades esportivas. In. CORBAIN, Alain, et al. **História da virilidade – 3. A virilidade em crise? Séculos XX-XXI**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 269-301.

## 5.2 Fontes

A FORÇA DA BOLA FEMININA, **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 13 de jun. de 1999, p. 39.

A VAIDADE VAI À PRAIA COM ELAS, **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 08 de jun. de 1997, p. 5.

AMERICANOS E FUTEBOL: A BOLA E AS MULHERES. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 07 de abr. de 1994, Caderno 2, p. D6.

AS AMERICANAS VÃO A CAMPO E MOSTRAM TODO SEU TALENTO, **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 29 de mai. de 1994, p. 34.

AS DIFERENÇAS ESTÃO FORA DE CAMPO, **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 24 de nov.

de 1991, p. 35.

**ASSÉDIO SEXUAL, O INCÔMODO.** **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 08 de jun. de 1997, p. 5

‘AZURRA’ É O OBSTÁCULO, **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 24 de jun. de 1999, p. 23.

**BRASIL. Decreto-lei 3.199 de 14 de abril de 1941.** Disponível em:<<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3199-14-abril-1941-413238-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 25 de out. de 2017.

**BRASIL. Deliberação nº 7 do Conselho Nacional de Desportos.** Disponível em:<<http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2016/03/mulheres-brasileiras-tiveram-de-derrubar-a-exclusao-para-entrar-na-historia-do-esporte>>. Acesso em 25 de out. de 2017.

**BRASIL. Deliberação 10/79 do Conselho Nacional de Desportos.** Disponível em:<<https://www.jusbrasil.com.br/diarios/3438879/pg-92-secao-1-diario-oficial-da-uniao-dou-de-31-12-1979>>. Acesso em 25 de out. de 2017.

**BRASIL E ARGENTINA FAZEM A FINAL NO FUTEBOL FEMININO,** **O Fluminense**, Rio de Janeiro, 21 de jan. de 1995, p. 9.

**BRASIL ELIMINADO DO MUNDIAL DE FUTEBOL FEMININO NA CHINA,** **O Fluminense**, Rio de Janeiro, 22 de nov. de 1991, p. 15.

**BRASIL ESTRÉIA CONTRA A BOLÍVIA EM UBERLÂNDIA,** **O Estado de S. Paulo**, 08 de jan. de 1995, p. E2.

**BRASIL NÃO ACOMPANHA EVOLUÇÃO DO FUTEBOL,** **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 01 de dez. de 1991, 1º Caderno, p. 34.

**BRASIL TEM 750 JOGADORAS E A CHINA, 23 MILHÕES,** **O Estado de S. Paulo**, 18 de nov. de 1996, p. 5.

BRASILEIRAS, EM ALTA, QUEREM O RECONHECIMENTO, **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 11 de jul. de 1999, p. 5.

BRASILEIRAS BUSCAM PRIMEIRA VITÓRIA MUNDIAL NO FUTEBOL, **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 16 de fev. de 1995, p. G8.

BRASILEIRAS PERDEM E VÃO DISPUTAR BRONZE NO MUNDIAL, **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 05 de jul. de 1999, p. 5

BRASILEIRAS SÓ PENSAM NO MUNDIAL DE FUTEBOL, **Jornal do Brasil**, 08 de jan. de 1995, p. 28.

BRASILEIRAS TENTAM SEGUNDA GOLEADA NO SUL-AMERICANO, **O Fluminense**, Rio de Janeiro, 10 de jan. de 1995, p. 9.

CENIRA COMEÇOU NA PRIA, **O Fluminense**, Rio de Janeiro, 29/30 de jan. de 1995, p. 11.

CHINA E NORUEGA INAUGURAM MUNDIAL, **O Fluminense**, 16 de nov. de 1991, p. 10

DIRCEU LOPES E PROCÓPIO FAZEM CRÍTICAS A LAZARONI, **O Fluminense**, Rio de Janeiro, 11 de jul. de 1990, p. 11.

DIRIGENTE DIZ QUE SELEÇÃO DEVE MELHORAR, **O Fluminense**, Rio de Janeiro, 18 de jan. de 1995, p. 9.

ELAS LARGAM TUDO PELA SELEÇÃO, **O Fluminense**, Rio de Janeiro, 11 de mar. de 1991, p. 12.

ESTAS MENINAS USAM CHUTEIRAS, **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 25 de nov. de 1995, p. 6.

EUA VENCEM DE 5 A 0 E BRASIL ENTRA EM CRISE, **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 20 de nov. de 1991, 1º Caderno, p. 14.

FEMININO, **O Fluminense**, Rio de Janeiro, 24/25 de jan. de 1999, p. 14.

FEMININO NÃO PERDE O ÂNIMO, **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 30 de jul. de 1996, p. 3.

FUTEBOL CONQUISTA AS MULHERES, **O Fluminense**, Rio de Janeiro, 25 de jun. de 1998, 2º Caderno, p. 1.

FUTEBOL É JOGO PARA MULHER?, **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 17 de nov. de 1991, p. 33.

FUTEBOL FEMININO, **O Fluminense**, Rio de Janeiro, 21 de set. De 1991, p. 11.

FUTEBOL FEMININO DERROTA JAPONESAS, **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 24 de set. de 1996, p. 8.

FUTEBOL FEMININO PEGA HOJE A SELEÇÃO ALEMÃ, **O Fluminense**, Rio de Janeiro, 25 de jul. de 1996, p. 10.

FUTEBOL FEMININO RESERVA OUTRO SHOW, **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 18 de jan. de 1995, p. 2.

FUTEBOL FEMININO TERÁ CAMPEONATO EM MARINGÁ, **O Fluminense**, 07/08 de abr. de 1991, p. 11.

FUTEBOL FEMININO VAI A ATLANTA EM BUSCA DO FUTURO, **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 21 de abr. de 1996, p. E7.

FUTEBOL POLONÊS PODE TER COMANDO FEMININO, **O Estado de S. Paulo**, 14 de fev. de 1999, p. 2.

GAROTAS BOAS DE BOLA ESTÃO NA SEMIFINAL, **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 26 de jul. de 1996, p. 9.

GAROTAS DO FUTEBOL ‘SE VIRAM’ PARA PODER JOGAR. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 1996, p. 5.

GAROTAS DO FUTEBOL SONHAM COM O MUNDIAL, **O Fluminense**, Rio de Janeiro, 27 e 28 de out. de 1991, p. 11.

GATINHAS MUITO BOAS DE BOLA, **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 5 a 11 de fev. de 1993, p. 23

JOGADORAS ADMITEM TER IDO LONGE DEMAIS NOS JOGOS, **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 29 de jul. de 1996, p. 1.

MARCINHA CHORA À TOA NA CHINA, **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 14 de nov. de 1991, 1º Caderno, 2º edição, p. 14.

‘MENINAS DÃO DE QUATRO’? JORNAL DO AM ADMITE EXCESSO E PROMETE RETRATAÇÃO, **Universo Online**, São Paulo, 12 de dez. de 2016.

MENINAS DO BRASIL SÃO TEMIDAS, **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 17 de fev. de 1999, p. 15

MENINAS DO BRASIL TENTAM CHEGAR À FINAL, **O Fluminense**, Rio de Janeiro, 18 de jan. de 1995, p. 9.

MENINAS DO FUTEBOL GANHAM DEVER DE CASA, **O Fluminense**, 30 de mar. de 1991, p. 9.

MENINAS GANHAM DA UCRÂNIA POR 7 A 0, **Jornal do Brasil**, 15 de jan. de 1996, p. 17.

MENINAS PODEM GARANTIR MEDALHA, **O Fluminense**, Rio de Janeiro, 28/29 de jul. de 1996, p. 11.

MOÇAS AJUDAM NO CRESCIMENTO DA POPULARIDADE DO FUTEBOL NOS EUA,

**O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 04 de jul. de 1999, p. 2.

MOÇAS E MENINOS SAEM NA FRENTE, **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 06 de maio de 1991, p. 4.

MULHERES DE AREIA, **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 08 de jun. de 1997, p. 4.

MULHERES JOGAM PARA VENCER, **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 15 de fev. de 1996, p. 6

MULHERES QUEREM DAR EXEMPLO. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 22 de set. de 1991, p. 41

MULHERES VINGAM SELEÇÃO DE ZAGALLO, **Jornal do Brasil**, 1996, 24 de jul. de 1996, p. 1.

NOSSAS ATLETAS NA OLIMPÍADA, **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 30 de jun. de 1996, p. 10.

O CAMINHO PARA CHEGAR AO FUTEBOL, **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 08 de jun. de 1997, p. 4.

O PIOR FUTEBOL DO MUNDO?, **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 7 de fev. de 1998, p. 1.

OURO, PRATA E BRONZE. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 14 de ago. de 1992, p. 3.

PARA MACHÃO NENHUM COLOCAR DEFEITO, **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 27 de jan. de 1996, p. 5.

PASSAPORTE, **Jornal do Brasil**, 17 de mai. De 1995, p. 21.

PRECONCEITO E LUTA, **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 17 de jan. de 1995, p. 13.

PREPARAÇÃO, **O Fluminense**, Rio de Janeiro, 05 de jan. de 1996, p. 11.

SELEÇÃO DA ERA DUNGA NÃO SUPERA ARTE DE MARADONA, **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 25 de jun. de 1990, 1º Caderno, p. 1.

SELEÇÃO ENTUSIASMA ZÉ DUARTE, **O Fluminense**, 04 de jan. de 1996, p. 11.

SELEÇÃO FEMININA CAMPEÃ NO FUTEBOL, **Jornal do Brasil**, 22 de jan. de 1995, 2ª edição, p. 1.

SELEÇÃO FEMININA EM CRISE RETORNA HOJE, **Jornal do Brasil**, 25 de nov. de 1991, p. 5.

SELEÇÃO FEMININA EMPATA COM A NORUEGA, **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 22 de jul. de 1996, p. 4.

SELEÇÃO FEMININA NA SUÉCIA, **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 01 de jun. de 1995, p. 29.

SELEÇÃO FEMININA TENTA VITÓRIA SOBRE JAPÃO, **O Estado de S. Paulo**, 23 de jul. de 1996, p. 10.

SELEÇÃO FEMININA VAI JOGAR NO ESPÍRITO SANTO, **O Estado de S. Paulo**, 12 de abr. de 1991, p. 30.

SELEÇÃO LUTA PARA SUPERAR O PRECONCEITO, **O Estado de S. Paulo**, 22 de mar. de 1999, p. 23.

SEM TÍTULO, **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 15 de dez. de 1996, p. 18.

SUL-AMERICANO SUPERA MARCAS DE PÚBLICO E GOLS, **O Estado de S. Paulo**, 23 de jan. 1995, p. 2.

TRICORES, ATÉ QUANDO?, **Jornal do Brasil**, 06 de out. de 1996, p. 28

UMA ARTILHEIRA SEM DINHEIRO NA CAIXINHA, **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 13 de jul. de 1999, p. 20.

UMA PAIXÃO PELA BOLA, **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 07 de abr. de 1996, p. 6

ZAGALO DIZ QUE TETRA FOI FRUTO DE AMOR À CAMISA, **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 1994, p. 1.